

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**UMA LEITURA DO RELATÓRIO DO INQUÉRITO “LEITURAS INFANTIS” DE
CECÍLIA MEIRELES**

Yara Máximo de Sena

Campinas

2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Sena, Yara Máximo de.

Se55L Uma leitura do Relatório do Inquérito "Leituras infantis" de Cecília Meireles /
Yara Máximo de Sena. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Cecília Meireles, 1901-1964 – Crítica e interpretação. 2. Leitura. I.
Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. IV. Título.

10-297/BFE

Título em inglês: An interpretation of the Report about the Research "Leituras infantis" by Cecília Meireles

Keywords: Cecília Meireles, 1901- 1964 - Criticism and interpretation; Reading

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Norma Sandra de Almeida Ferreira (Orientadora)

Profª. Drª. Lillian Lopes Martin da Silva

Profª. Drª. Gabriela Pellegrino Soares

Profª. Drª. Heloisa Helena Pimenta da Rocha

Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : yarasena@hotmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

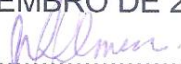
**Título: “UMA LEITURA DO RELATÓRIO DO INQUÉRITO “LEITURAS INFANTIS” DE
CECÍLIA MEIRELES**

Autor: YARA MÁXIMO DE SENA

Orientadora: NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por YARA MÁXIMO DE SENA e aprovada pela Comissão Julgadora.

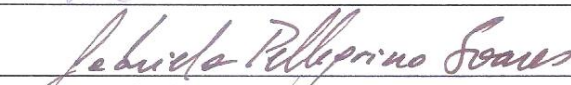
Data: 16 DE DEZEMBRO DE 2010

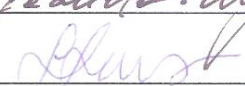
Assinatura:.....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**UMA LEITURA DO RELATÓRIO DO INQUÉRITO “LEITURAS INFANTIS” DE
CECÍLIA MEIRELES**

YARA MÁXIMO DE SENA

Área de Concentração: Educação, Conhecimento,
Linguagem e Arte.

Grupo de Pesquisa: ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita

Linha de Pesquisa: “Livros, práticas, espaços de leitura e
comunidades de leitores”

Orientadora: Prof. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Campinas

2010

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que esta dissertação se constituísse e sou imensamente grata a todas elas.

Em especial agradeço:

- À professora Norma Sandra na qualidade de professora e de amiga pelas orientações que ultrapassam esta dissertação e tanto me auxiliaram nos momentos em que tive dificuldades e nos momentos em que compartilhamos alegrias;

- As professoras Gabriela Soares Pellegrino e Lilian Lopes Martin da Silva pela solicitude, o cuidado na leitura deste trabalho e as ricas contribuições;

- Aos amigos ALLEados: Paula, Juliana, Ilsa, André, Sônia, Maria Lygia, Maria das Dores, Iris, Luciane e Andrea, pelas leituras, ajudas, sensibilidade, diálogos, entendimentos e estímulos;

- À Jussara Pimenta, pessoa admirável, sou grata pela interlocução e por sua generosidade;

- À minha família, afetosamente, pela compreensão das minhas ausências e angústias, pelo carinho e apoio, e, pelo incentivo que dedicam aos meus sonhos.

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de tomar o Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” realizado por Cecília Meireles com estudantes cariocas do terceiro ao quinto ano da escola primária, no ano de 1931 e publicado em 1934, como objeto-fonte de investigação, no âmbito das suas condições de produção. Conhecer e interpretar os dados oferecidos neste Relatório sobre as leituras e os gostos infantis nos anos 30, através das preferências e aversões quanto a livros, autores, gêneros e práticas de leitura indicadas sob o ponto de vista dos entrevistados.

Apoiados nos estudos teórico-metodológicos da História Cultural (Chartier, 1990), compreendendo que é preciso desconfiar das respostas oferecidas pelas crianças, pois elas não estão num campo neutro, mas de lutas, competições e concorrências, onde os grupos tentam impor seus valores e concepções, indiciando o que liam, gostavam ou não e o que era desejável informar que lesse ou apreciasse. E por outro lado, a organização e a interpretação do Inquérito “Leituras Infantis” realizada por Cecília Meireles também se insere neste jogo de representações ligadas à história da leitura e da literatura para crianças de um determinado tempo e local.

Palavras –chave: Leitura, Cecília Meireles, “Leituras Infantis”.

ABSTRACT

The present work has the objective of taking as source, in the scope of its writing, the “Relatório do Inquérito Leituras Infantis”, made by Cecilia Meireles with students from Rio de Janeiro, from the third until the fifth year of primary school, in the year of 1931 and published in 1934. In addition, its purpose is to know and interpret the data offered by this report about the literature read by the children and also the children’s preferred reading in the 30’s, through the preferences and aversions to the books, authors, genders and the reading matter from the point of view of the interviewees.

Based on the theoretical-methodological studies of Cultural History (Chartier, 1990), it was understood that it was necessary to be cautious about the answers given by the children, because they are not in a neutral field, but a field of fights and competitions, where the groups try to impose their values and ideas, indicating what they had read, liked or disliked, and what the child felt he should respond to the interviewer about what they had read or appreciated. Furthermore, the organization and interpretation of the “Inquérito Leituras Infantis” made by Cecilia Meireles, is also part of this game of representations connected to the history of the reading and the literature for children in a certain time and space.

Keywords: Reading, Cecilia Meireles, “Leituras Infantis”.

SUMÁRIO

<i>Dedicatória</i>	v
<i>Agradecimentos</i>	vi
<i>Resumo</i>	vii
<i>Abstract</i>	viii

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	---

1. CECÍLIA MEIRELES: UMA APRESENTAÇÃO	6
--	---

2. O RELATÓRIO DO INQUÉRITO “LEITURAS INFANTIS”	15
2.1. Objeto-fonte: o Relatório do Inquérito “Leituras infantis”	23
2.2. Folheando o Relatório.....	31
2.3. A organização do Relatório do Inquérito.....	36
2.3.1. 1ª parte: As “Considerações preliminares”.....	37
2.3.2. 2ª parte: “Observações”	45
2.3.3. 3ª parte: “Conclusões sugeridas pelo presente inquérito”	48

3. O QUE AS CRIANÇAS E JOVENS ENTREVISTADOS POR CECÍLIA MEIRELES DIZIAM LER?	51
3.1. Os livros de <i>fantasia</i>	62
3.1.1. Produção não nacional.....	65
3.1.2. Produção Nacional.....	76
3.1.3. Editoras	79
3.2. Os livros <i>escolares</i>	82
3.2.1. Editoras	88
3.3. Os livros de <i>Literatura</i>	90
3.3.1. Editoras	96
3.4. Algumas notas	96

4. PREFERÊNCIAS E DESEJOS DE LEITURA DE CRIANÇAS E JOVENS NOS ANOS 30: A QUESTÃO DO GOSTO	101
4.1. As obras que crianças e jovens mais e menos gostavam	102
4.2. As razões para gostar ou não de um livro.....	109
4.3. Escritores dos quais crianças e jovens mais e menos gostavam.....	114
4.4. Preferências entre diferentes gêneros.....	122
4.5. Algumas notas sobre Cecília Meireles e a Literatura Infantil.....	125

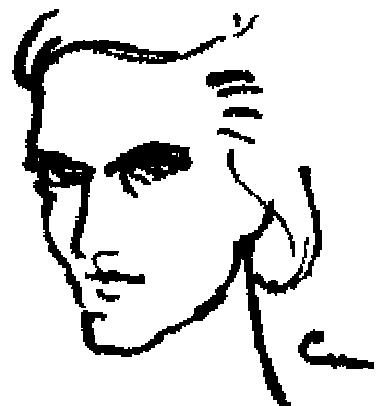
5. PRÁTICAS DE LEITURA	129
-------------------------------------	-----

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	140
---------------------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
---	-----

ANEXOS	154
---------------------	-----

INTRODUÇÃO



(MEIRELES, C. “Auto-retrato”)

Os olhos não são serenos. A feição não tão doce, nem sorridente, senhoril ou moderna, mas uma feição forte. Transmite uma tensão. É um desenho feito pela própria escritora. Uma Cecília desenhista, que nos mostra uma de suas faces, um olhar forte e intenso.

Diferente de suas imagens mais conhecidas, com o olhar vago, doce e sensível, esta imagem, o “Auto-retrato”, possibilita uma outra leitura da escritora, nos permitindo pensar na mulher intelectual que ocupou um espaço quase exclusivamente dos homens.

Como leitora, conheci Cecília Meireles através de sua obra poética, com sua serenidade e angústia, leveza e densidade. Reencontrei-a, como estudante de graduação¹, através da leitura de estudos críticos de sua obra e da realização de uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela FAPESP, e, posteriormente, através do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, sobre as suas poesias para crianças, presentes nos livros didáticos.

Desde então, cada dia se tornou um novo encontro, cheio de descobertas e encantamento pela obra de uma poetisa de rosto forte, da figura feminina bastante múltipla:

¹ SENA, Yara Máximo. *Entre as páginas de um livro: Cecília Meireles*. Trabalho de Conclusão de Curso. UNICAMP. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2004.

professora, jornalista atuante, escritora, pesquisadora, enfim, uma intelectual atuante de seu tempo.

Poetisa neo-simbolista que representou a vida em plenitude através da expressão do mundo, dos sentimentos, da criança, do universo, e uma infinidade de outros temas que segundo Damasceno (1996) deveria chamar-se de “inventário da vida” (p. 12). Professora nos diversos níveis de ensino, formada pela Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1917, e autora de livros escolares como “Criança meu amor” (1924), entre outros. E escritora, desenvolvendo atividades literárias e jornalísticas para adultos e crianças, defendendo fortemente seus ideais de educação, tendo sido uma das intelectuais signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, e, também, fundadora e idealizadora da primeira Biblioteca Infantil do Distrito Federal, em 1934, que materializa seu sonho de educadora, escritora e batalhadora pela formação de leitores.

Como jornalista, Cecília Meireles dedicou-se ao longo da vida a várias temáticas como viagens, folclore e também para a educação. Entre os anos de 1930 a 1933, atuou como cronista e diretora de uma página diária sobre educação, no jornal carioca “Diário de Notícias”, promovendo um debate público sobre educação e a difusão de ideais do movimento da escola nova. Acreditava na responsabilidade educativa da imprensa e nas repercussões que suas ideias teriam a partir dessa atividade, tendo o objetivo que os educadores a lessem e se posicionassem sobre as mudanças educacionais. Ressalta-se que este era um período em que as mulheres ainda não exerciam sequer o direito de voto.

Como pesquisadora, Cecília Meireles realizou um inquérito pedagógico para o IPE (Instituto de Pesquisas Educacionais), também no início dos anos 30. Este Inquérito intitulado “Leituras infantis”, foi realizado entre novembro e dezembro de 1931, com a finalidade de situar os alunos quanto às preferências individuais e ao conjunto de conhecimentos destes alunos sobre leitura. Foi composto por 12 perguntas, respondidas por 1387 alunos do 3º, 4º e 5º anos primários, em 19 distritos do Distrito Federal.

A leitura do Relatório do Inquérito “Leituras infantis”, conseguido através do Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC), nos levava ao encontro de uma produção livresca de uma época, oferecida às crianças principalmente nas escolas e nos permitia pensar sobre a questão do gosto das crianças, das preferências e do desamor à leitura, e ainda compreender algumas das práticas de leitura nos anos 30.

Este Inquérito aparecia sempre em forma de uma pequena citação ou comentários em estudos críticos, biografias e pesquisas sobre a autora². Nenhum destes estudos ou pesquisas com as quais tivemos contato, no entanto, abordava o Relatório do Inquérito, tomando-o como objeto ou fonte principal do estudo. Apenas o artigo de Zilberman (2001), o abordava com certa ênfase, sendo apresentado pela pesquisadora, ao discutir o envolvimento de Cecília Meireles em questões educacionais voltadas ao leitor infantil, trazendo também a experiência da poetisa como professora, autora de livros escolares como “Criança, meu amor” e “Rute e Alberto resolveram ser turistas”.

Este trabalho tem o intuito de tomar o Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” como objeto-fonte de investigação, tentando compreender, através dos dados oferecidos por ele, uma ideia das leituras e dos gostos infantis nos anos 30, através das preferências e aversões quanto a livros, autores e gêneros e também pensar as práticas de leitura indicadas pelos entrevistados.

Para tanto, buscamos subsídios nos estudos teórico-metodológicos discutidos pela História Cultural, pois como se sabe, a leitura é histórica, gerada nas práticas sociais, como afirma Darnton (1992) “A leitura tem uma história. Não foi sempre e em toda parte a mesma” (233). Nessa direção, o Inquérito de Leituras Infantis, pode ser interrogado na tentativa de conhecer uma história de leitura pressuposta por Cecília Meireles, em um determinado tempo e local.

Nesse caso, é possível pensar que os sentidos dados à leitura são diversos no tempo e em diferentes espaços. E que várias histórias da leitura são diversamente construídas quando tomamos como objetos os modos em que elas se expressam.

Chartier (2001) afirma que a representação é produto de uma prática, o fato nunca é o fato em si, mas a representação dele, ou seja, uma referência que temos e que nos aproxima do fato, possibilitando a atribuição de sentido. O autor diz, ainda, que “uma representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. (CHARTIER, 1990, p. 20)

² O Inquérito “Leituras Infantis” foi referenciado, por exemplo, em: Zilberman (2001), Pimenta (2001a, 2001b, 2008), Vidal (2001), Azevedo Filho (2003), Moraes (2007), Secchin (2001), Soares (2007), entre outros.

Anne Marie Chartier e Jean Hébrard (2001) afirmam que as representações do ler “pertencem a uma temporalidade diversamente instituída pelos distúrbios que afetam os usos e os fins da leitura”. (p. 16) Desta forma, cada época possui suas representações, valorizam leituras que consideram ideais e denunciam as ditas más-leituras, perigosas, inadequadas.

Roger Chartier (2001), na mesma perspectiva, diz que

existem alguns paradigmas válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados, desta forma essas comunidades partilham de maneiras de ler, com seus gestos, usos que fazem dos livros, e os livros que possuem como referências. (p. 131)

As crianças responderam o questionário aplicado por uma conceituada professora, escritora de livros didáticos, jornalista, representante de um órgão público, o IPE, dentro de uma sala de aula, com uma professora que também conhecia a entrevistadora e seus possíveis propósitos. As respostas são orientadas por uma representação: o que se pode dizer sobre autores, obras lidas e preferidas em um questionário feito na escola? Que representações orientam a leitura e a análise de Cecília Meireles para as respostas das crianças? O que ela escolhe, destaca e aponta sobre o mercado editorial e as preferências de leituras das crianças e jovens cariocas?

O início da década de 30 foi permeado por um surto de esperança pela renovação educacional, culminando no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que sintetizava um novo modelo educacional e cultural para o país. Entre estes preceitos escolanovistas que sugeriam novas formas de ensino, questionavam-se também os modelos de leitura e de leitor, destacando-se um novo modelo, diferenciado do que era proposto pela educação tradicional,

pregando uma relação mais íntima e pessoal com o livro e o gosto de ler, atividades que tanto promoviam o valor da leitura dos livros de estudo ou didáticos quanto colocavam em destaque a literatura infantil. (VIDAL, 2004, p. 209)

Cecília Meireles já escreveu sobre o que pensa e como vê a Literatura Infantil, reunindo palestras proferidas em diferentes momentos, no livro “Problemas da Literatura

Infantil”, publicado em 1951. Seus livros infantis também podem ser indagados sobre os leitores pressupostos para eles e sobre as concepções de leitura em que ela acreditava. Mas, o Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” pode oferecer, talvez, novos sentidos sobre a contribuição que Cecília Meireles dá para a Educação e a Literatura enquanto gênero.

Cecília Meireles dá ao Relatório do Inquérito indícios de uma representação de leitura e literatura para crianças orientada pelos lugares institucionais e sociais que ocupa já naquele momento do país, deixando-nos lacunas e possíveis interpretações sobre aspectos da área, reafirmando outros já bastante enfatizados nos estudos sobre o período.

Nosso trabalho foi dividido em cinco capítulos. O primeiro traz aspectos da vida e obra de Cecília Meireles com ênfase em sua atuação nos anos 30. O segundo capítulo traz a descrição e reflexões sobre o Relatório do Inquérito “Leituras infantis”. O terceiro capítulo traz uma discussão a partir da questão “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”, a partir da qual elaboramos um quadro que pode representar uma amostragem dos livros/autores que circulavam e estavam disponíveis para a leitura das crianças e jovens entrevistados. O quarto capítulo aborda os gostos e as preferências das crianças quanto a autores, obras e gêneros, e o último capítulo enfatiza algumas práticas de leitura possíveis de serem compreendidas através do Relatório do Inquérito.

Esta pesquisa se construiu no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no âmbito do grupo “Alfabetização, Leitura e Escrita” (ALLE), na linha de pesquisa “Livros, práticas, espaços de leitura e comunidades de leitores”, onde se busca a construção de novos objetos de pesquisa no campo da educação, relacionados à leitura, à escrita, à literatura pela exploração de diversos materiais, espaços, tempos, lugares e práticas.

Nesta mesma linha, no grupo ALLE, encontram-se trabalhos de outros pesquisadores que tem buscado investigar as práticas, as representações e os sujeitos da leitura, de outros tempos, de outras comunidades. São trabalhos que escrevem a história da leitura ora focando os espaços da leitura, como a dissertação de mestrado, de Santos (2004) e a pesquisa em andamento da mestranda Takamatsu (2009). Ora a circulação, a apropriação e a produção de materiais didáticos como a tese de Correa (2006) e as dissertações de Goulart (2009) e de Garcia (2010).

1. CECÍLIA MEIRELES: UMA APRESENTAÇÃO



Se me contemplo,
tantas me vejo,
que não entendo
quem sou, no tempo
do pensamento.
(...)
Múltipla, venço
este tormento
do mundo eterno
que em mim carrego:
e, una, contemplo
o jogo inquieto
em que padeço.

(“Auto retrato”, Mar Absoluto, p. 456 - 8)³



Cecília Meireles (1901-1964) foi um ser humano de muitas faces e fases: poetisa, jornalista, cronista, viajante, professora, órfã, intelectual e mulher. Ora lírica, ora mordaz. “Múltipla” em seus talentos literários e atuações em diferentes campos. “Una”, em seu pensamento de eternidade, de liberdade e de luta por ideais de uma formação humanística.

Viveu uma infância solitária. Perdeu o pai, antes de seu nascimento, e alguns anos depois, a mãe e os três irmãos, de quem não tem lembranças. Foi educada pela avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, idosa de origem açoriana que lhe conferiu uma convivência mítica, uma intimidade com a morte e com o folclore.

Foi poetisa neo-simbolista, professora nos diversos níveis de ensino, autora de livros escolares⁴ e escritora. Desenvolveu atividades literárias e jornalísticas para adultos e crianças. Foi intelectual signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, e, também, fundadora e idealizadora da primeira Biblioteca Pública Infantil Brasileira, a

³ As transcrições dos versos fundamentam-se em “*Cecília Meireles: Poesia Completa*”. RJ: Nova Fronteira, 2001.

⁴ “Criança meu amor” (1924), “Festa das Letras” (1937), entre outros.

“Biblioteca Infantil do Distrito Federal” ou “Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco”.

Como poetisa, perpassou dois momentos estéticos diferentes, o Parnasianismo e o Modernismo, sendo considerada a única poetisa brasileira neo-simbolista. Não se identificava com os artistas radicais que compunham o movimento Modernista, estando próxima de uma visão mais universalizante, com a ideia de modernidade continuadora, sem uma ruptura brusca. Desta maneira, aproximou-se de grupos literários e de pensamentos mais atuantes no período, entre eles o grupo da revista “Festa”. Segundo Secchin (2001)

participando do grupo da Festa, ela fortalece a idéia de uma modernidade continuadora, ou seja, em conexão com valores atemporais, que não podem ser apagados, sob pena de isolar ainda mais o homem em seu tempo presente. (xxiii)

Enquanto os modernistas tentavam romper com a tradição simbolista, os integrantes do grupo da revista “Festa” buscavam as conexões com o Parnasianismo para a construção de uma arte moderna

fazendo preponderar um desejo de unificação e não de cisão, de universalização e não de particularização. E este desejo se realiza muito pelo desprendimento dos vínculos terrenos, num movimento de ascensão que lhe dá um olhar mais amplo sobre o homem e a existência (SECCHIN, 2001: xxiv).

A obra poética de Cecília Meireles é extensa e recebeu vários prêmios, entre eles os da Academia Brasileira de Letras pelo livro “*Viagem*” publicado em 1939, com o qual ingressa na primeira linha dos poetas brasileiros, “ao mesmo tempo que se distinguia como a única figura universalizante do movimento modernista” (DAMASCENO, 1987, p. 17). Em carta à poetisa portuguesa e amiga querida, Maria Valupi, Cecília confidencia que se inscreveu nesse prêmio por questões financeiras: “Vou tentar um prêmio de Academia com meus versos. Não pela glória, mas (perdôa-me!) para ver se posso pagar uma das minhas dívidas”. (MEIRELES, 24 de novembro de 1937⁵)

Recebeu, também, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio “*Machado de Assis*”, pelo conjunto de sua obra, em 1965, ano seguinte ao de seu falecimento.

⁵ Carta publicada em VALUPI, Maria. *Antologia Poética*. Portugal: Quase Edições, 2007, p. 140.

Sua obra poética é composta pelos livros: “Espectros” (1917), “Nunca mais... e Poemas dos Poemas” (1923), “Baladas para El- Rei” (1925), “Cânticos” (1927), “A Festa das Letras” (1937), “Morena, Pena de Amor” (1939), “Viagem” (1939), “Vaga Música” (1942), “Mar Absoluto e Outros Poemas” (1945), “Retrato Natural” (1949), “Amor em Leonoreta” (1951), “Doze Noturnos da Holanda & O Aeronauta” (1952), “Romanceiro da Inconfidência” (1953), “Poemas Escritos na Índia” (1953), “Pequeno Oratório de Santa Clara” (1955), “Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro” (1955), “Canções” (1956), “Poemas Italianos” (1953 – 1956), “Romance de Santa Cecília” (1957), “Oratório de Santa Maria Egípcíaca” (1957), “Metal Rosicler” (1960), “Solombra” (1963), “Sonhos” (1950 – 1963), “Poemas de Viagens” (1940 – 1964), “O Estudante Empírico” (1969 – 1964), “Ou Isto ou Aquilo” (1964), “Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam” (1965) e “Dispersos” (1918 – 1964).

Em “Dispersos”, encontram-se os poemas de Cecília Meireles que ainda não constavam em livros e foram cedidos pela família da autora a Secchin, organizador da obra “Cecília Meireles: Poesia Completa” (2001).

Como jornalista, dedicou-se a várias temáticas: viagens, folclore e educação, escrevendo nos jornais cariocas “Diário de Notícias”, “A Manhã”, “A Nação” e no jornal paulista “O Estado de São Paulo”, entre as décadas de 30 e 60. Escreveu também em revistas como “Árvore Nova, Terra de Sol” e “Festa”, entre os anos de 1919 e 1927, e dirigiu a revista “Travel in Brazil” (1936), do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Sobre a Educação, Cecília Meireles promoveu um debate público, principalmente nos anos 30, acreditando na responsabilidade educativa da imprensa e nas repercussões que suas ideias teriam a partir dessa atividade. É neste debate jornalístico que a escritora expressa sua participação no movimento por uma Educação Nova, como cronista, entrevistadora e diretora de uma página diária sobre educação no “Diário de Notícias”, entre 1930 e 1933, num ambiente dominado por homens e num período em que as mulheres ainda não exerciam sequer o direito de voto.

Cecília Meireles é uma das primeiras mulheres brasileiras a marcar a presença feminina na vida pública, abrindo uma trincheira nas páginas do jornal, estabelecendo um

diálogo com os grandes pensadores / idealizadores da Reforma Educacional, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros.

Segundo Mignot (2001), desde 1924, com a criação da ABE (Associação Brasileira de Educação), algumas mulheres marcavam presença na imprensa através de textos sobre educação, com temas semelhantes aos de Cecília Meireles, como infância, escola, família, livro, leitura e bibliotecas infantis. Entre estas mulheres estava Armanda Álvaro Alberto, também signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. Contudo, Cecília Meireles era a figura feminina com maior visibilidade na cena pública.

Foi uma intelectual envolvida com a pedagogia moderna. Segundo Pécaut (1990), possuía uma característica própria dos intelectuais das décadas de 20 e 30: sair do isolamento e privilegiar a ação, criando projetos de transformação social, no campo cultural e educacional.

Desta forma, se mostrou contrária aos ideais nacionalistas que fervilhavam, se afirmando como defensora de uma fraternidade universal e da necessidade de transformação que poderia ser conseguida, entre outras formas, através da Educação:

Neste momento em que a luta de brasileiros é, para nós, tão lamentável e cruel como a Grande Guerra, só a mesma esperança nos fica: a de uma educação que salve, que “acaba de humanizar os homens” - como escreveu Alfonso Reyes. E essa esperança nos vem somente da Nova Educação. É verdade que ainda não conhecemos seus efeitos. Mas conhecemos os da antiga. É deles que o mundo sofre. E que sofre o Brasil. Sofrimento por sofrimento, não se pode ter maior. (29 de julho de 1932)⁶

Crítica de um ensino que se coloca como antigo, insuficiente, ela acredita em um mundo de homens formados em uma nova visão de Educação, capaz de salvá-los, de humanizá-los, acreditando que a atividade jornalística poderia colaborar para ampliar horizontes, atingir um número maior de mentes, de leitores e para divulgar a importância da Educação Nova para a formação do povo.

A “Página de Educação” contemplava assuntos diversos, numa perspectiva sempre de crítica cultural ou social. Cecília abordou os grupos e as correntes literárias, o feminismo, o ensino religioso, a Revolução de 30, o próprio jornalismo, o desarmamento, a

⁶ As crônicas transcritas ao longo desta pesquisa foram retiradas da obra MEIRELES, C. *Crônicas de Educação*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Biblioteca Nacional, 2001, entretanto, estão citadas com a data da publicação no “Diário de Notícias”.

não-violência, os veículos da cultura: a poesia, o teatro, a música e a literatura. Incansável “militante” de novos tempos e ideias, Cecília discorria sobre uma quantidade extensa de temas relevantes ao debate para a construção de outro tipo de sociedade.

Segundo Lamego (1996), a “Página” de Cecília Meireles, além de ser leitura obrigatória dos políticos, formava ideias junto ao magistério, que principiava a própria construção de uma nova identidade com os ideais da Escola Nova. E, embora a educação fosse um tema muito presente na época tanto no plano político, através dos discursos de Getúlio Vargas - que via na educação uma maneira de controle e desenvolvimento - como no meio intelectual, onde se buscava a modernização educacional, nenhum outro jornal se dispunha a publicar uma página diária sobre o assunto, muito menos escrita por uma mulher.

Em 1933, já afastada do “Diário de Notícias” e do magistério, tendo lecionado por todo este ano, foi designada para o exercício no Instituto de Pesquisas Educacionais, organizando em 1934 a primeira Biblioteca Infantil Pública Brasileira.

Neste mesmo ano, foi para Portugal proferir palestras, trilhando um caminho inverso ao que era comum aos educadores brasileiros. Ao invés de ir ao exterior para apropriar-se do que era difundido e tido como referência, dirige-se a Portugal para divulgar as ideias brasileiras e tratar do que estava ocorrendo em termos educacionais no Distrito Federal. Fora convidada por Fernanda de Castro, poetisa com interesses semelhantes aos de Cecília (jornalismo, poesia e educação), esposa de Antonio Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional de Portugal (SPN).

Proferiu quatro palestras em Portugal: a primeira, “Notícia da poesia brasileira”, apresentada duas vezes, abordava a moderna literatura brasileira, explicava sobre a revolução ocorrida na literatura brasileira dos anos 20 e divulgava poetas desconhecidos em Portugal: Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, Raul Bopp e Jorge de Lima. A segunda conferência foi “Batuque, samba e macumba”, abordando o folclore negro do Brasil. A terceira foi “O Brasil e a sua obra de educação”, quando falou sobre as reformas de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira e, também, sobre a fundação da Biblioteca Pública Infantil do Pavilhão Mourisco.

Cecília Meireles, durante os quarenta anos que produziu sua obra, representou a vida em sua plenitude, através da expressão do mundo, dos sentimentos, da criança, do

universo, do indivíduo, e uma infinidade de outros temas que compreendem o que deveria chamar-se de “inventário da vida”. (DAMASCENO, 1996, p. 12)

Embora seja mais conhecida por sua obra poética, também é bastante significativa sua obra em prosa, ainda que haja pouco de seu material em prosa publicado. Existem vários textos inéditos e também dispersos em revistas e jornais, ainda em fase de organização. São crônicas, ensaios, conferências nacionais e internacionais, teatro, correspondências e entrevistas.

Leodegário A. de Azevedo Filho (2007), juntamente com a Editora Nova Fronteira, realizou um planejamento editorial para a publicação de toda a obra em prosa de Cecília Meireles, que corresponderia a aproximadamente 25 volumes e permitiria uma abrangência na visão de conjunto da obra desta escritora.

Sua obra em prosa, já publicada, contempla os livros: “Criança meu amor”⁷ (1924); “O espírito vitorioso” (1929); “Leituras infantis” (1934); “Notícia da poesia brasileira” (1935); “Batuque, samba e macumba” (1935); “Rute e Alberto resolveram ser turistas” (1939); “Olhinhos de gato” (1940); “Evocação lírica de Lisboa” (1948); “Rui – pequena história de uma grande vida” (1949); “Problemas da literatura infantil” (1951); “As artes plásticas no Brasil” (1952); “Panorama folclórico dos Açores” (1955); “Giroflê, giroflá” (1956); “A Bíblia na poesia brasileira” (1957); “Eternidade de Israel” (1959); “Escolha seu sonho” (1964); “O menino atrasado” (1966), “Inéditos” (1967); “Ilusões do mundo” (1976); “O que se diz e o que se entende” (1980); “Crônicas em geral” (1998); “Crônicas de viagem” v. 1, 2 e 3 (1999); “Crônicas de educação” v. 1, 2, 3, 4 e 5 (2001) e “Episódio humano” (2007).

Dentre a obra em prosa de Cecília Meireles, destacamos para a nossa pesquisa a obra “Leituras Infantis”, um relatório de pesquisa sobre as preferências de leitura dos alunos do 3º, 4º e 5º anos do ensino primário do Distrito Federal, que Cecília foi convidada a realizar em 1931 para o Instituto de Pesquisas Educacionais, entre os meses de novembro e dezembro de 1931, e publicado em 1934.

A partir dos dados coletados neste Inquérito, Cecília Meireles compôs o acervo da Biblioteca, instalada no Pavilhão Mourisco, em Botafogo. Segundo Pimenta (2001), a

⁷ Livro didático chamado que foi adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos estados de Minas Gerais e Pernambuco.

Biblioteca Infantil ou Centro de Cultura Infantil foi um dos “projetos mais ambiciosos da reforma anisiana e um espaço onde Cecília Meireles desenvolveu sua criatividade e seu empenho em favor da literatura infantil”. (p. 105)

(Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco)



A biblioteca era composta por 9 sessões: livros, gravuras, cartografia, recortes, selos e moedas, música e cinema, atividades artísticas, propaganda e publicidade e pesquisa.

(Cecília em frente à Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, início dos anos 30.)

Com verba limitada e carência de livros, Cecília Meireles e funcionários da biblioteca organizavam álbuns de gravuras para serem utilizados, como as enciclopédias, com os folhetos e outros materiais que eram doados à biblioteca; organizaram, ainda, a Gazetinha, um jornal mural, e também cadernos, onde colavam notícias recortadas dos jornais e revistas, as quais acreditavam interessar às crianças.

O acervo da biblioteca foi constituído a partir de doações de particulares e de editoras, além da verba da biblioteca e do repasse de obras feito através da Biblioteca Central de Educação. Jornais e revistas ofereceram suas assinaturas. A Editora Nacional

doou 50 volumes de seus livros; a Livraria Francisco Alves, 300 livros e 190 fascículos de suas edições infantis.

A biblioteca possuía “720 obras, sendo 498 livros didáticos (de leitura, compêndios, manuais, etc.) e 222 obras literárias, em prosa e verso, de literatura infantil ou adequada à leitura das crianças, tanto de autores nacionais como traduzidas para o português”. (PIMENTA, 2001, p. 103)

O Pavilhão Mourisco era bastante frequentado. Apenas dez dias após sua inauguração contava com 73 inscrições e mais de 30 consultas diárias. No final de 1937, contava com aproximadamente 1500 leitores.

A concretização deste sonho, contudo, foi breve. A biblioteca foi fechada em 1937, quatro anos após sua abertura, sob “alegação de que continha livros perigosos para a formação das crianças”. (ZAGURY, 2001, p. lxii)

O livro acusado de conter conotações comunistas, sendo, portanto, pernicioso à infância, era “As aventuras de Tom Sawyer”, de Mark Twain. A imprensa nacional e internacional divulgou o fechamento da biblioteca, destacando a surpresa ou assombro, pois o livro já era um clássico lido em todo o mundo.

Após o fechamento da biblioteca, de acordo com Pimenta (2001), o Pavilhão Mourisco se tornou um posto de coleta de impostos, e depois ficou abandonado até ser demolido em 1952. O seu acervo foi enviado para uma escola da zona sul - a Escola Minas Gerais. Com o tempo, foi perdido e esquecido, não tendo sido possível localizar nem ao menos a lista de livros que o compunha.

Ainda segundo Pimenta (2001), a importância da criação dessa biblioteca deve-se ao fato de ela ter tido características peculiares, que não eram vistas no Brasil de então.

Na época havia bibliotecas que jamais permitiriam a entrada de crianças, outras que somente consentiam o acesso de menores acompanhados dos pais. A Biblioteca do Mourisco foi além. Não somente estimulava a frequência de crianças como mantinha os livros ao alcance das mesmas, novidade sequer tentada nas bibliotecas frequentadas por adultos. Outras novidades foram a inclusão de atividades artísticas e culturais escolhidos pelos próprios leitores, o fato de ser um espaço público, mantido por verba pública, e de estar vinculado às atividades escolares, pretendendo ser uma extensão da biblioteca escolar, além de servir de objeto de estudo para professores e pesquisadores da rede municipal e do Departamento de Educação. Certamente, essas foram as iniciativas que ajudaram a compor o cenário educacional das décadas seguintes. É possível que esse tipo de biblioteca tenha tido sua origem esquecida, mas encontrou nas ações de educadores de várias gerações seu prosseguimento. (p. 117)

Cecília Meireles foi uma mulher múltipla. Serena desesperada. Escritora de poemas líricos e espiritualizados. Intelectual militante de seu tempo. Cronista que poetizou o cotidiano. Jornalista mordaz e combatente, que contribuiu para o debate educacional, cultural e político. Pesquisadora preocupada com as leituras infantis. Mais que uma “pastora de nuvens”, uma “pastora de terras”.

2. O RELATÓRIO DO INQUÉRITO “LEITURAS INFANTIS”

O ano de 1930 foi marcado por um momento conflituoso, em especial, na sucessão presidencial, anteriormente demarcada pela política do “café com leite” - um acordo entre as oligarquias mineira e paulista, onde representantes do Partido Republicano Mineiro e do Partido Republicano Paulista revezavam o poder - na eleição de 1930 houve uma discordância entre os partidos. Washington Luis apoiou Júlio Prestes, candidato paulista, que foi eleito. Minas Gerais aliou-se aos estados do Rio Grande do Sul e da Paraíba, formando a Aliança Liberal e lançaram a candidatura de Getúlio Vargas. Contando com o apoio militar desencadearam um movimento de revolta, culminando no golpe de estado pelas forças armadas diante de uma eminente guerra civil.

Segundo Lamego (1996)

o país vivia, politicamente um momento de grande indecisão, entre uma eleição democrática – que se mostrou altamente fraudulenta - e a perspectiva de uma revolução redentora que levasse à modernidade o país ainda dominado pelas velhas oligarquias rurais. (p. 28)

A Revolução de 30, comandada por Getúlio Vargas, embora, a princípio pretendesse promover a industrialização, a reforma das instituições e o afastamento do poder das oligarquias agrárias, mostrou-se como uma renovação paternalista e autoritária, sendo que em 1932, ocorreu um movimento armado, a Revolução Paulista, que objetivava a derrubada do governo provisório de Getúlio Vargas.

No campo social, o país tinha, ainda, uma grande massa de analfabetos, uma classe média em expansão e uma elite aristocrática de origem rural e no plano intelectual estava marcado pelo segundo momento do Modernismo, de reflexões e acomodações de ideias.

Neste cenário, o interesse pela educação se amplia, e

despertava não só a classe média emergente (que pretendia através do ensino ampliar seu espaço público de ação, até então dominado por uma elite aristocrática), mas também a classe política. Como consta nos discursos de Vargas, a educação foi matéria importante de plataforma política da Aliança Liberal. (LAMEGO, 1996, p. 28)

A educação era vista como um tema importante, por assegurar os valores dos conceitos de homem e de modernidade. Na plataforma da Aliança Liberal no Distrito Federal para a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, a educação era tida como um instrumento para melhorar a condição de vida dos brasileiros. Durante o Governo Provisório de Vargas, a temática educacional continuou em alta, em especial com a criação do Ministério da Educação e Saúde, no final de 1930, enfatizando-se a relevância da educação para a elaboração de uma nova política, tanto para a reprodução de uma imagem revolucionária para o governo, como para a formação de um novo cidadão.

A promessa republicana tinha alimentado grandes expectativas no que se refere às questões educacionais. Acreditava-se que a educação, juntamente com a democracia e o federalismo, redimiria o país, colocando-o nos rumos do progresso. Apesar da crença na importância da educação para a consolidação da república democrática, pouco foi efetivamente realizado com vistas à expansão da escola popular nos primeiros anos da República. Na década de 1920 os próprios republicanos mostravam-se desiludidos com os rumos tomados pelo novo regime político, abrindo espaço para o ressurgimento da questão educacional associada à solução dos problemas nacionais. A corrente nacionalista, que então ganha relevo, "ao lado do combate à estrangeirização do Brasil, procura debelar o analfabetismo e difundir a escola primária, transformada num dos grandes problemas nacionais" (NAGLE, 1977, p. 262). Acreditava-se que a falta de instrução da população era a causa de todas as crises e, portanto, o principal problema do país, de modo que, se fosse expandida a escola elementar, seriam resolvidos os demais problemas. (GIL, 2008, s/n)

Entre os anos de 1927 a 1930, Fernando de Azevedo esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. De acordo com Vidal (2001), assim que assumiu este cargo Azevedo iniciou uma busca nos lares cariocas por crianças em idade escolar. Para o educador, era preciso identificar estas crianças em cada zona para distribuir escolas no município. Realizou, também, um levantamento dos prédios escolares existentes, verificando que das 236 escolas que havia, 89 funcionavam em prédios próprios, sendo que apenas 20 deles haviam sido construídos para abrigar escolas, segundo sua avaliação, mas ainda assim eram mal planejados, "sem iluminação apropriada, circulação conveniente, ambientes de recreio e instalações higiênicas compatíveis com os ideais da educação sadia". (VIDAL, 2001a, 60)

O educador iniciou um plano de edificação de prédios escolares de maneira coordenada, conseguindo construir nove escolas, dentre as quais, algumas das que foram

selecionadas por Cecília Meireles para o Inquérito “Leituras Infantis”: escolas Argentina e Uruguai.

“O novo ensino primário implantado na capital brasileira concebia a escola elementar como gratuita, obrigatória e responsabilidade do Estado, tendo o labor como meio e objeto, e a sociedade como fim”. (VIDAL, 2001a, p. 61)

Em 1930, Azevedo teve uma saída abrupta do Rio de Janeiro, sendo, posteriormente, o cargo de diretor-geral assumido por Anísio Teixeira, educador também preocupado em renovar a escola brasileira, baseado numa concepção de ensino centrada na atividade e no interesse da criança.

De acordo com Clarice Nunes (s/d), as edificações escolares também estão presentes nos interesses de Anísio Teixeira:

Os prédios escolares construídos na cidade do Rio de Janeiro, do final da década de vinte a meados da década de trinta simbolizam o locus de expressão do moderno. Sua construção na gestão de Pedro Ernesto como prefeito e Anísio Teixeira na Secretaria de Educação (antiga Diretoria Geral de Instrução Pública), liderada por Enéas Trigueiro Silva e equipe, obedeceu ao planejamento de remodelação da cidade elaborado por Alfred Agache que previa grandes concentrações escolares em áreas escolhidas segundo critérios de demanda e facilidade de transportes. Este plano foi seguido embora as irregularidades dos terrenos em termos de topografia, dimensão e situação tivessem acarretado uma solução diversificada em seis tipos de escola: a de tipo mínimo, a escola nuclear, os parques escolares, a escola Platoon de 25 classes, de 16 classes e de 12 classes.

Esses tipos de escolas propostos eram baseados em projetos padronizados para baratear os custos de sua construção. As escolas de tipo mínimo tinham três classes e capacidade para 240 alunos. As nucleares tinham até 12 classes e atendiam 1.000 alunos. A cada quatro escolas nucleares havia uma escola parque onde os alunos faziam as aulas de educação física, sanitária e musical, tinham assistência alimentar e usavam as bibliotecas infantis e juvenis. As escolas Platoon (pelotão) eram maiores, atendiam até 2.000 alunos; com o intuito de otimização do espaço, nessas escolas as turmas não possuíam salas próprias, assim os alunos deslocavam-se pelas classes, de acordo com as disciplinas e horários estabelecidos.

A escola primária brasileira, como a cidade, lembrava mais o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade, em sua obra, *Macunaíma* (1928). Era macunaímica: heterogênea, ambígua, conflitante, desenraizada, descontínua, em constante busca de sua identidade. A modernidade pedagógica definiu a escola pública carioca pela falta: de prédios, de material didático, de professores bem preparados, de

freqüência, permanência e êxito dos alunos, de saúde e de modos civilizados e cívicos. A brutalidade desse vazio, aos olhos dos educadores urbanos, estimulou-lhes o desejo de preencher o que era lido como ausência de substância e forma. Impuseram-se, então, a tarefa de moldá-la. Mas ao fazê-lo esbarraram com estratégias de sobrevivência que arrebatavam a lógica dos roteiros possíveis, burlavam a legislação de ensino e as boas intenções. Macunaíma estava vivíssimo com todas as suas fraquezas e seus vacilos. (NUNES, s/d)

Na continuidade ao projeto de Azevedo, assim que assume o cargo Teixeira inicia um Inquérito com o objetivo de verificar a frequência, a retenção e o abandono escolar, percebendo que a evasão atingia todas as categorias sociais “indigente, pobres, remediados e abastados” e a “frequência média da escola primária do Distrito Federal ficava em torno de três anos. Após esse período as crianças pobres entravam no mercado de trabalho e as abastadas procuravam preparar-se para o ingresso no secundário”. (VIDAL, 2001a, p. 66)

Segundo Soares (2007), citando Lourenço Filho que destaca números surpreendentes registrados no prefácio de Teixeira Freitas, a situação brasileira dos anos 30 era:

Uma só escola para cada 325 quilômetros quadrados, em 1931. Uma só escola, 1.421 habitantes. Para cada cem alunos da matrícula geral, apenas 69 alunos freqüentes. Para cada cem alunos frequentes, apenas 47 aprovados (...) para cada centena de alunos aprovados, apenas oito chegavam ao fim do curso... A queda da matrícula, do primeiro para os demais anos escolares apresenta-se como alarmante. Do primeiro para o segundo, reduz-se a menos da metade. Do primeiro para o terceiro, reduz a um quinto.. A taxa geral de reprovações nos traz o mesmo sobressalto. Apenas 35% dos alunos freqüentes logram aprovação do 1º para o 2º ano, menos de 50% do 2º para o 3º, ou do 3º para o 4º... (p. 53)

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que em 1931, a população do antigo Distrito Federal era de 1.544 612 habitantes e que, no ano de 1933, 166.644 alunos estavam matriculados na educação primária, enquanto que no Brasil havia 2.221.904 matrículas neste nível de ensino.

Os dados fornecidos pelos censos de 1920 e 1940 (não houve censo, no Brasil, na década de 30) apontavam que os índices de analfabetos com mais de 15 anos no país eram de 69,9% e 56,2%, respectivamente, para uma população brasileira em torno de 30.635.605 (1920) e 41.238.315 (1940)⁸.

⁸ Anuário estatístico do Brasil, 1936, RJ, IBGE, vol.2. 1936

Realmente os dados são alarmantes e preocupantes para as políticas públicas, se destacarmos o número de analfabetos, de matriculados na escola básica, de evasão nas séries iniciais, de escolas pela quantidade de habitantes, que conforme Teixeira (Soares, 2007) atinge todas as classes sociais brasileiras. De um lado, um Governo Federal que toma a educação como bandeira – centralização das orientações e estrutura do ensino nas suas diferentes esferas - governos estaduais que redefinem seus sistemas educacionais públicos no âmbito da escolarização primária. Projetos de modernização da sociedade brasileira, reformas urbanísticas, movimentação na composição da população – mais urbana mais industrial etc. “Atraídos pelas oportunidades no comércio e na indústria, novos moradores chegavam de outras regiões do país e do mundo, redesenhando a cidade e seu cotidiano. Construções em plurais de estilo importantes substituíam os antigos casebres e casarões” (SOARES, 2007, p. 52) e, pouco a pouco, a população ajeitava-se nas margens da cidade. De outro lado, uma população que se adensa, que está (mais da metade) fora da escola ou sem condições de nela permanecer.

Neste contexto, embora descrito em poucas linhas, Cecília Meireles foi convidada a realizar a pesquisa sobre as leituras das crianças e jovens, que resulta na publicação de “Leituras infantis”, objeto-fonte de nosso trabalho.

Nossa pesquisa contempla como objetivo principal tomar os resultados do Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, buscando compreender e entender o que ele nos diz a respeito de uma produção oferecida às crianças e jovens no início dos anos 30; às preferências das crianças e jovens em relação ao que era oferecido pelo mercado livreiro; à literatura infantil e/ou leituras dadas a ler às crianças e jovens e às práticas de leitura. Olhar para esta fonte é tentar compreender uma possível história da leitura e do livro de uma determinada época, através dos vestígios deixados pelas crianças e jovens nas respostas do Inquérito. Vestígios estes que apontam para parte da história da leitura e dos livros daquele período.

Estudos diversos têm mostrado o quanto é difícil acessar as práticas ligadas à cultura escrita de outros tempos e lugares, em comunidades específicas de leitores. Conforme Galvão (2002)

Pesquisas revelam que grupos tradicionalmente associadas à oralidade e que, por muito tempo, encontravam-se dissolvidos em substantivos que, por sua própria carga discursiva, tendiam a homogeneizá-los – como “povo”, “mulheres”,

“excluídos”, “negros”, nordestinos” – utilizavam táticas e, de maneira particulares (nem sempre coincidentes com as que predominavam em outros grupos sociais “naturalmente” vinculados ao mundo letrado), inseriam-se em práticas de letramento (p. 11).

Complementamos o comentário de Galvão (2002) chamando a atenção para o fato de que por denominarem “infância” como um substantivo que encobre diferenças e singularidades sócio-histórico-culturais, muitos trabalhos também deixam de oferecer outras práticas de leitura realizadas por grupos de crianças e jovens de uma determinada sociedade.

Assim, entendemos que o Relatório do Inquérito que tomamos como objeto-fonte de nossa pesquisa pode colaborar para uma compreensão da história da leitura e dos livros da década de 30, dentro do ambiente que o gerou e no qual se insere. Um Relatório que aponta para um país que, como dissemos anteriormente, tem ainda taxa de analfabetismo enorme, uma evasão escolar bastante significativa, um número de matrículas na escola menor que 10% da população em geral.

O que esta população “excluída” poderia dizer sobre leituras e livros da década de 30 que não foi possível acessar? O que esta população escolhida pode nos dizer sobre os livros e autores que circulavam entre as crianças e jovens nos anos 30, a partir dos dados sobre:

1) os livros e autores que circulavam entre crianças e jovens nos anos 30, a partir dos dados referentes à questão do Relatório do Inquérito: “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”;

2) compreender as preferências e aversões das crianças e jovens quanto aos autores, obras e gêneros, a partir da análise das seguintes questões: “De que livros gostou mais? Por quê?”; “De que livros não gostou? Por quê?”; “Tem vontade de ler algum livro? De quê?”; “Prefere livros em prosa ou em verso?”; “Quais são os livros que você acha mais interessantes: os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, romances ou fábulas?”; “De que autor você gosta mais?”; e “Dos autores nacionais, qual é o que mais lhe agrada?”;

3) olhar para as práticas de leitura pensando sobre onde crianças e jovens liam, por quais motivos liam, etc., a partir das seguintes perguntas: “Você gosta de ler?”; “Quantos livros, mais ou menos, já leu?”; “Acha que vale a pena ler? Por quê?”; “Onde prefere ler: em casa ou na escola? Por quê?”.

Para dialogar com o Relatório do Inquérito, convocamos algumas “Crônicas de Educação”, algumas cartas e estudos de outros pesquisadores, para compor, ao lado dele, como outros lugares em que a autora articulava temáticas e ideias, buscando dar inteligibilidade aos dados. Em alguns momentos, os dados do Relatório do Inquérito podem ser elucidados, contrapostos ou complementados com estes materiais.

As “Crônicas de Educação”, a que já nos referimos, são os textos que Cecília Meireles escreveu para a seção “Comentário” do jornal carioca “Diário de Notícias” - na “Página de Educação” - espaço totalmente destinado ao tema e que continha, também, seções de correspondências, entrevistas, anúncios e matérias assinadas.

As crônicas foram escritas para o público leitor previsto de um período, uma determinada época, um tempo de efervescência de ideias sobre educação (Revolução de 30, Ditadura Vargas, Reformas Educacionais). Expressavam o pensamento de Cecília Meireles sobre o debate educacional, e neles a autora assumia posições de vanguarda, difundindo uma nova maneira de pensar e discutir os temas da Educação, defendendo ideias da Escola Nova.

Das páginas do jornal, as crônicas se materializaram num novo suporte: o livro. Foram compiladas em cinco volumes⁹, intitulados “Crônicas de Educação”. Estes volumes reuniram aproximadamente 700 textos, tendo sido publicados no ano de 2001, pela editora Nova Fronteira, trazendo uma “seleção preliminar de artigos, em busca das linhas mestras do pensamento de Cecília Meireles” (AZEVEDO FILHO, 2001, p. xxii). Como a quantidade de textos era extensa, o organizador optou por retirar aqueles com ideias repetidas. Foram removidos, também, aqueles com rasuras que dificultavam a leitura, os que estavam pouco legíveis ou com os papéis deteriorados: ausências e silêncios impostos pelo próprio tempo. E os textos foram organizados nos livros em catorze núcleos temáticos.¹⁰

⁹ O quinto volume traz uma coletânea de crônicas escritas nos anos 40 e não está organizado em núcleos temáticos.

¹⁰ Os núcleos temáticos (NT) são: **Volume 1** - NT1: conceitos gerais de vida, educação, liberdade, beleza, cooperação e universalismo; NT2: família, escola, infância e educação; **Volume 2** - NT3: adolescência, juventude e educação; NT4: problemas gerais do magistério, métodos e técnicas de investigação pedagógica; NT5: educação, revolução, reformas de ensino e ortografia; **Volume 3** - NT6: educação, política e religião; NT7: Nova Educação, Nova Escola, Escola Normal e ensino público; **Volume 4** - NT8: veículos da cultura e educação: poesia, cinema, teatro, música, exposições. Métodos auxiliares. O lúdico; NT9: o espaço escolar: ambiente e ambiência. Prédios, Concursos; NT10: educação e literatura infantil; NT11: intercâmbio escolar;

Os quatro primeiros volumes de “Crônicas de Educação” são destinados aos textos escritos entre os anos de 1930–1933 para o jornal carioca “Diário de Notícias”, na coluna “Comentário”; o quinto volume traz as crônicas escritas para o jornal “A manhã”, na coluna “Professores e estudantes”, nos anos 40.

Cecília Meireles, em entrevista a Solêna Benevides Vianna, afirma que a sua passagem pelo “Diário de Notícias”, nos anos 30, foi uma das experiências mais significativas de seu exercício como jornalista:

A minha atividade na imprensa é muito antiga e em vários setores. Reputo a mais importante a que exerci entre os anos de 1930 e 34, no Diário de Notícias e depois em A Nação, porque aí tive ocasião de servir às idéias de melhoramento do homem brasileiro pela compreensão mais séria da educação, atendendo a todos os problemas que o afligem, com as soluções que um plano geral de educação, devidamente orientado, comporta. Naquele tempo, chegou-se a pensar com entusiasmo nessas coisas. Acreditei tanto numa possibilidade generosa e sincera de educar para a vida, para o trabalho, para uma felicidade humana maior que me dediquei completamente a propagar o que pensavam e desejavam (e até certo ponto tentaram fazer) os que, por essa ocasião se ocupavam do assunto. Apesar de muitas decepções continuo a acreditar nisso.¹¹

As crônicas que convocamos estão dadas a ler de outra forma, não a mesma em que os leitores do jornal as liam. Mudou o suporte, a materialidade do texto, o lugar em que aparecem agora, escolhidas por um editor. Ao mesmo tempo, as intenções de Cecília Meireles ainda são possíveis de ser representadas através dos textos por ela escritos. Segundo Chartier (1991)

é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Daí a distinção indispensável entre dois conjuntos de dispositivos: os que provêm das estratégias da escrita e das intenções do autor, e os que resultam de uma decisão do editor ou uma exigência de oficina de impressão. Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos. (p. 182)

NT12: educação, jornalismo, responsabilidade e censura da imprensa; NT13: civismo na formação das crianças, dos adolescentes e dos adultos; NT14: paz, desarmamento e não-violência.

¹¹ VIANNA, S. B. *Cecília Meireles fala de sua vida literária*. s/d, Coleção Plínio Doyle, integrante do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Apud: PIMENTA, J. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem. Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934 - 1937)*. PUC-Rio/Departamento de Educação, Dissertação de Mestrado, 2001, p. 47.

Além de cronista, Cecília Meireles foi uma grande missivista. Durante sua vida trocou correspondência com várias pessoas. Algumas destas cartas foram publicadas, como as escritas para Mário de Andrade (MEIRELES, 1996), além de algumas das escritas para a poetisa portuguesa Maria Valupi (VALUPI, 2007), e também nove cartas escritas para Fernando de Azevedo (LAMEGO, 1996).

Desta correspondência, convocamos algumas cartas escritas para Maria Valupi, em especial quando tratamos da biografia de Cecília Meireles, mas destacamos, principalmente, aquelas escritas para Fernando de Azevedo, nas quais Cecília Meireles aborda o Inquérito e faz comentários sobre livros seus e de outros escritores.

A correspondência de Cecília Meireles a Fernando de Azevedo, entre 1931 e 1938, conta com 20 cartas, doadas por ele para o Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) em 1970.¹²

Vidal (2001d) afirma que as nove cartas transcritas e publicadas por Lamego (1996) são as cartas iniciais, que trazem, entre outros, os temas relacionados ao Inquérito “Leituras infantis”. Desta forma, tomamos como fonte de nossa pesquisa apenas as cartas publicadas.

As cartas parecem-nos envoltas numa atmosfera de confiança e cumplicidade. Parecem nos trazer um contato com a Cecília humana, que com mais liberdade se sente à vontade para dizer ao outro, um amigo, sobre assuntos importantes no campo da educação nos anos 30.

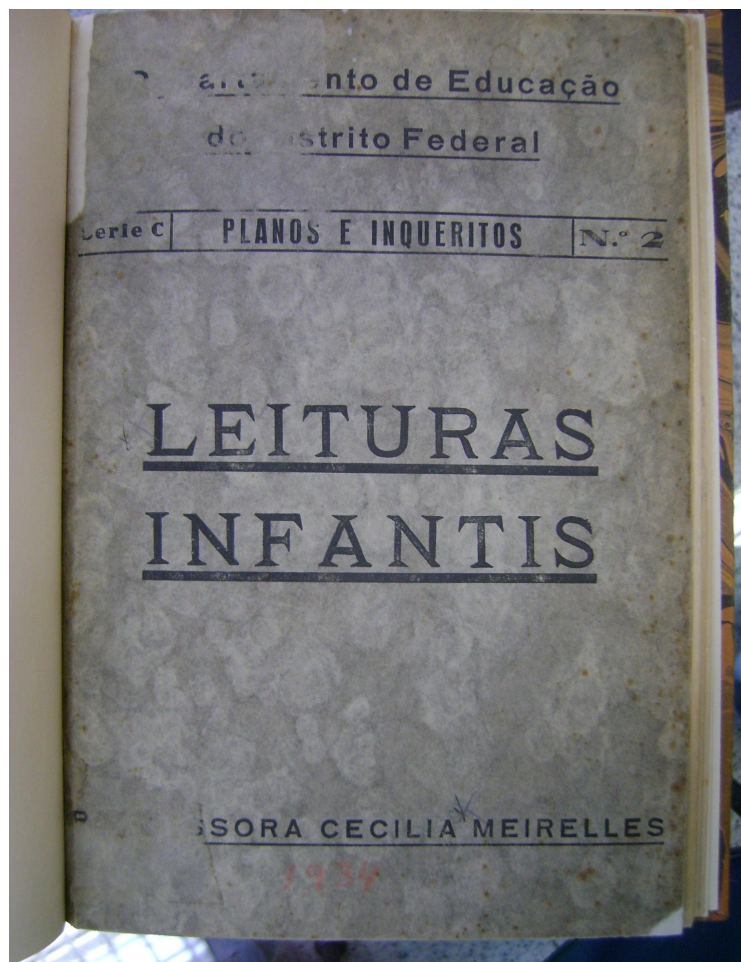
2.1. Objeto-fonte: o Relatório do Inquérito “Leituras infantis”

Com uma capa dura, sem escritos na parte frontal e com estampa marmorizada em tons de marrom, laranja e amarelo, confeccionada, talvez, tempos depois da publicação com o intuito de preservá-lo, com as dimensões 23,5 X 17 cm, encontramos a cópia n.º 2 do Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC), localizado em Brasília, na sede do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), uma autarquia ligada ao Ministério da Educação (MEC).

¹² Diana Gonçalves Vidal faz um estudo sobre a correspondência de Meireles a Azevedo no artigo intitulado “*Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo*” In. NEVES, M. S.; LOBO, Y. L. ; MIGNOT, A. C., “Cecília Meireles: A poética da educação”, PUC Rio/Loyola, 2001.

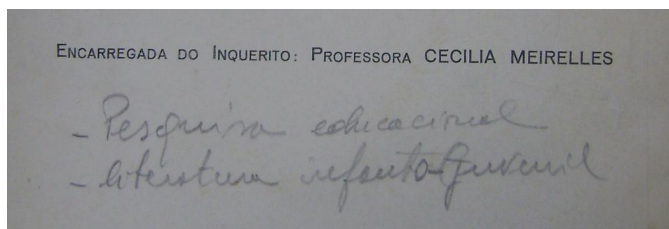


Ao abri-lo, pudemos ver na primeira página, já escurecida e com sinais do tempo, algumas marcas impressas um pouco apagadas: na primeira linha lemos “Departamento de Educação do Distrito Federal”; logo abaixo, lemos “Série C – Planos e Inquéritos – n.º 2”, e em seguida o título centralizado em letras maiúsculas “Leituras Infantis”. No fim da página, com algumas letras apagadas a palavra “professora” e o nome “Cecília Meireles”. Entre o nome e o sobrenome da professora há uma marca de caneta de cor preta em forma de asterisco e, no fim da página, com caneta vermelha, já desbotada, o ano “1934”.



Com letras maiores, no centro da página, encontra-se o título “Leituras infantis”; embora se refira às leituras da infância, a faixa etária prioritariamente destacada no Inquérito compreende o que consideráramos atualmente como adolescentes.

Na segunda página do Relatório do Inquérito, da qual aqui colocamos apenas um “recorte”, podemos ver, escrito com caneta preta e abaixo do nome da encarregada pelo Inquérito, as anotações: “Pesquisa educacional” e “Literatura infanto-juvenil”. Não sabemos de quem é a caligrafia, mas nos é permitido questionar a contraposição que se estabelece entre o título desta pesquisa, “Leituras infantis” - o que nos leva a pensar na infância - e a sugestão dada pela classificação, de que se refere à literatura infanto-juvenil.



Talvez a anotação à caneta “literatura infanto-juvenil” tenha sido feita posteriormente, atendendo a uma nomeação de “literatura infanto-juvenil” dada de acordo com a apresentação dos livros destinados às crianças e aos jovens nas fichas catalográficas de cada obra, ou talvez fosse uma referência ao fato de a idade prioritária não ser de crianças pequenas. A ambiguidade nas denominações “infantil” e “infanto-juvenil” nos permite pensar sobre as diferentes representações que estes conceitos de infância e de adolescência tiveram ao longo do tempo, conceitos que foram construídos socialmente. Vidal e Biccás (2008) afirmam que as concepções de adolescência e de infância são pouco evidentes nas primeiras décadas do século XX e sugerem que estes conceitos expressam diferentes anseios e exibem tensões sociais.

Tomamos para a compreensão do conceito de infância, principalmente, os estudos de duas pesquisadoras que refletiram sobre as representações de infância de Cecília Meireles nas “Crônicas de Educação”. A dissertação de mestrado de Corrêa (2001a) tem como referencial teórico os estudos de Ariès (1981), que marca a ideia de infância como uma construção histórica, variável de acordo com as classes sociais, o tempo e o espaço, sendo, portanto, concepções de infância sempre múltiplas e diversas. Também Felipe (2009), que em sua tese de doutorado, embora não faça um estudo específico sobre Cecília Meireles, utiliza-se de sua representação de infância para compreender a transição da infância moderna no Brasil.

A década de 30 foi um marco da constituição da infância moderna no Brasil, constituindo-se em um período no qual as questões e os tratamentos destinados à infância ganhavam visibilidade; desejava-se, então, formar uma opinião pública em relação à criança (Felipe, 2009).

O Rio de Janeiro, nos anos 30, foi cenário de efervescências políticas, alvo de tentativas de implantação de inovações, tendo como questão central a modernidade e o

progresso. Anos marcados, também, por grandes polêmicas educacionais das quais participavam grupos opositores: de um lado os integrantes do governo da Revolução, Igreja Católica e Reformadores; de outro, admiradores da Escola Nova (Lamego, 1996).

Pensar os anos 30 no Rio de Janeiro, a vida que ali existia, as significações, as infâncias que ali estavam nos grupos escolares e no próprio movimento da Escola Nova, deve ser sempre entendido a partir da multiplicidade das representações e das realidades históricas que vão se constituindo como um caleidoscópio de tópicos, sempre diferentes e nunca homogêneos.

Com uma paisagem urbana mesclada de luxo, cores e símbolos, a cidade vivia novos tempos que, aos moldes dos padrões europeus, tencionavam instituir os pressupostos a partir dos quais o país ingressaria na proclamada civilização. Nessa busca incessante pelo “Outro”, intentariam instituir os referenciais com base nos quais pretendiam forjar uma concepção acerca do ser brasileiro – que se encontrava, indubitavelmente, associada à negação ao “atraso colonial” existente – e, por outro lado, a reafirmação dos valores e comportamentos que deveriam moldar uma nova maneira de ser dos frequentadores da cidade. (CÂMARA e BARROS, 2006, p. 278)

De acordo com Câmara e Barros (2006), a intenção de remodelação do Rio de Janeiro estava associada às idéias de demolição da velha cidade e importação e construção dos símbolos burgueses. A educação, nesse sentido, tinha um papel importante: sustentar o novo regime, sendo um eixo articulador dos princípios que deveriam orientar a sociedade brasileira. Desta forma, era preciso desenvolver iniciativas para ampliar a escolarização elementar da população, que nas primeiras décadas do século XX estava excluída da escola, havendo especial interesse na educação física e moral da infância, iniciativa associada ao aprimoramento da raça e à possibilidade de redenção nacional.

É plausível afirmar que a grande “descoberta” moderna foi a de que não era mais possível, como outrora, deixar as crianças crescerem assim como cresciam magnólias e gatos, citando a metáfora de Machado de Assis. A percepção sobre a criança adquiriu um componente social que o século XIX e parte do século XX não conheceu, ou para os quais foi secundário. Ela se tornou o centro dos projetos políticos, de forma que se impunha como ideal de reconstrução do país educar as crianças nos novos valores civilizatórios e prepará-las para compreender sua participação na vida social, obviamente nos termos da ideologia liberal de progresso e harmonia social, para a qual a iminência do comunismo era grande ameaça. Daí o imperativo de harmonizar vida e escola, evitar a exposição das crianças a situações contrárias aos fins pretendidos, porque, como dizia Cecília Meireles, “a vida que se opõe à escola é um atentado contra a infância e a adolescência em formação”. (FELIPE, 2009, p. 56)

O projeto de construção de um Brasil moderno, portanto, estava relacionado aos intelectuais, à educação e tinha como foco a infância, entendida como “o homem do futuro, protagonista de uma nova sociedade”. (CORRÊA, 2001a, p. 55).

Os intelectuais da Educação Nova, que pensaram a construção da modernidade no Brasil - modernidade que pressupõe uma ruptura com o passado - buscaram romper com uma determinada concepção de infância, entendida como imperfeição do ser humano (adulto-pequeno), sem variações sociais, por uma outra, sustentáculo do projeto educacional e, conseqüentemente, de uma nova sociedade. (CORRÊA, 2001a, p. 56)

É neste ideário que Cecília Meireles, também educadora, aponta para um conhecimento da infância como uma etapa respeitável da vida, apresentando-nos uma idéia de infância não como de adulto em miniatura (leitores pequenos), mas como aquele que vive uma fase com especificidades, fase esta que está sendo delineada e que merece livros, literatura destinada a ela, uma fase que precisa ser respeitada. Era preciso outra escrita para esta nova infância, um novo modelo de ensino da leitura, coerente com esta nova sociedade que a reforma desejava construir. Não se tratava de se ensinar como a “velha pedagogia” havia feito, mas de compreender novos valores como coletividade, a importância de servir à pátria através do trabalho e a valorização do cidadão comum.

A ciência pedagógica, segundo Cecília Meireles, informa que é preciso conhecer o mundo infantil. Para isso é necessário colocar em destaque a concepção de infância que norteia a pedagogia moderna. Seus fundamentos filosóficos encontram-se em Jean Jacques Rousseau, para quem a infância só existe em respeito à ordem natural. A infância é parte inalienável da natureza porque “a natureza quer que as crianças sejam crianças, antes de ser homens” por serem diferentes dos adultos, têm maneiras próprias de sentir, ver e pensar. E devem ser amadas pelos adultos. (CORRÊA, 2001b, p. 122)

Pela citação, segundo Rousseau, as crianças têm características próprias, entre elas a falta de razão e a capacidade de aprender. São heterônomas e precisam do adulto para orientá-las, protegê-las e guiá-las.

De acordo com Corrêa (2001b):

O arcabouço teórico da pedagogia moderna baseia-se nessa relação assimétrica entre as partes. De um lado, a criança, ser eticamente amoral porque ingênuo e inconsciente, necessitando de direção. De outro, o adulto que concede à criança

proteção e direção e, conseqüentemente, passa a ter o direito de ser obedecido. (p. 123)

Cecília Meireles também pensa uma infância para a qual é preciso olhar, auxiliar, guiar. Embora entenda a infância como ativa, humana e peculiar, e a criança como um ser de possibilidades, o adulto precisa ajudá-la a desenvolver-se e pensar em sua formação, em seu crescimento, sem subestimá-la.

A criança não é um boneco, cujas habilidades ou inabilidades se explora. É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana. Por isso mesmo, são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhe estorvem o seu normal desenvolvimento. (MEIRELES, C. Ouvindo as crianças – 21 de novembro de 1930)¹³

A infância tem um novo papel social, motivando o aparecimento de objetos culturais e industrializados para crianças, além de ampliação e intensificação de estudos científicos no ramo da psicologia infantil, pedagogia e pediatria. As crianças brasileiras tinham poucos objetos culturais destinados a elas; assim, lamentações, alertas e denúncias sobre a falta de livros para as crianças eram feitas, bem como campanhas de alfabetização das massas, indicando o novo lugar que o saber ocupava nesta sociedade.

Nas lamentações da ausência de material de leitura e de livros para a infância brasileira, fica patente a concepção, bastante comum na época, da importância do hábito de ler para a formação do cidadão, formação que, a curto, médio e longo prazo, era o papel que se esperava do sistema escolar que então se pretendia implantar e expandir. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 28)

São novas atenções para esse novo público. Um grupo de leitores que começava a se materializar, e que, ainda de modo incipiente, deseja novos livros, tudo isso atrelado à idéia de um país moderno, o qual precisava do livro para a formação do cidadão. Mais efetivamente, no início do século XX é que começa a se compor um campo específico de produção e comercialização de livros, envolvendo agentes culturais, produtores ou mediadores, e políticas públicas, em especial a partir dos anos 30. Assim:

Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra; começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o

¹³ MEIRELES, C. *Crônicas de Educação*. v. 1, 2001, p. 163.

corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1984, p. 28)

Para pesquisas e estudos que focavam a infância, não havia naquele momento um questionamento sobre de quais crianças se estava falando, de quais preferências do universo infantil.

Para Cecília Meireles, como para vários outros educadores dos anos 30, a ênfase era dada para a descoberta de um período da vida, distinto do adulto, para a sensibilidade para uma fase que necessitava de orientação, educação, formação – a infância. Não havia um questionamento sobre a configuração dessa infância em seus aspectos múltiplos referentes ao ambiente familiar, classe sócio-econômica, contexto cultural, história de vida da criança etc. O mundo infantil agregava práticas ligadas às leituras de forma homogênea e universal, com poucas distinções referentes ao sexo (menino/menina) e idade cronológica.

O Inquérito “Leituras Infantis” provavelmente foi uma dessas formas para se conhecer um novo modelo de criança e de se propor leituras adequadas para elas. Adequadas no interior do universo das crianças ouvidas; aquelas que frequentavam as escolas maiores, que tinham acesso às bibliotecas escolares e que, provavelmente, conheciam o valor dado pelos adultos à leitura e aos livros.

Em uma sociedade em que a escola primária brasileira era “macunaímica” – heterogênea, ambígua, conflitante, desenraizada, descontínua – Cecília Meireles se propõe a conhecer que livros e autores eram lidos, quais preferências e aversões, quais gestos e em que lugares a leitura acontecia.

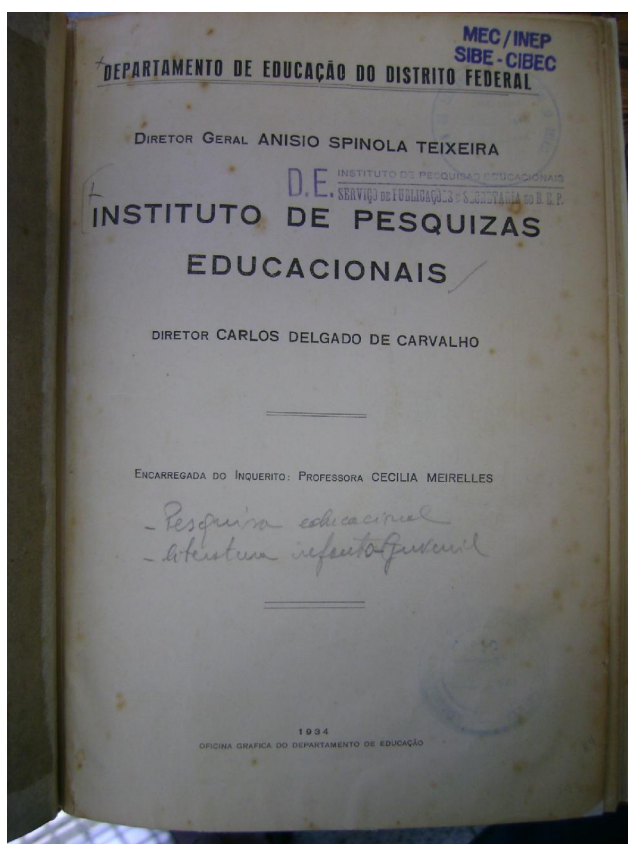
Segundo Soares (2007) há uma diversidade de práticas e representações ligadas às crianças até meados do século XX – urbana/rural; escolarizadas/não escolarizadas; alfabetizadas/analfabetos; com mais ou menos familiaridade com espaços destinados à leitura: “o mercado editorial e as redes de livrarias e bibliotecas eram aqui mais rarefeitas do que lá [Argentina], resultando em modos mais heterogêneos de acesso aos livros” (p. 152).

Em um país continental como o nosso e vivendo ainda um governo republicano recente, o ambiente cultural ganha dimensões distintas, especialmente para o público infantil. Sabemos que a circulação de livros e de periódicos no nosso país manifesta-se em

proporções diferentes, assim como nas mais distintas situações: livros chegam a cavalo, de trem, de barco; livros são vendidos de porta em porta, em armazéns e farmácias; livros vêm como empréstimos em bibliotecas, gabinetes, mas também “alugados”, “locados” em “lojas”; passam de mão em mão para muitos leitores em um único e mesmo exemplar, etc.

2.2. Folheando o Relatório

Virando a página do livro, encontramos impresso novamente, “Departamento de Educação do Distrito Federal”; abaixo, o nome do “Diretor Geral: Anísio Spinola Teixeira”, depois o do “Instituto de Pesquisas Educacionais”, seguindo a ortografia da época, e o nome do diretor deste instituto - “Diretor Carlos Delgado de Carvalho”; um pouco abaixo do meio da página, “Encarregada do Inquérito: Professora Cecília Meireles”, seguido no fim da página da data “1934” e da gráfica, “Oficina Gráfica do Departamento de Educação”.



Há nesta página alguns carimbos, o primeiro deles no canto esquerdo superior, com as siglas MEC/INEP e SIBE-CIBEC. As duas primeiras são mais conhecidas, Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; as duas outras siglas referem-se, respectivamente, a Sistema de Informações Bibliográficas em Educação e Centro de Informação e Biblioteca em Educação¹⁴. Há outro carimbo, com tinta de cor mais clara, com os inscritos “D.E. Instituto de Pesquisas Educacionais, Serviço de Publicações Secretaria do B.E.P.”, e ainda mais dois carimbos, ambos de formato circular, um no canto superior esquerdo e outro no canto inferior esquerdo, contudo não conseguimos ler as informações deles. Tantos carimbos nos mostram o trajeto oficial que este Inquérito construiu, e dão a ele uma ideia de legitimação.

Podemos ver, ainda, três nomes: Cecília Meireles, Anísio Spinola Teixeira e Carlos Delgado de Carvalho. Três professores dos anos 30, que se entrecruzam, marcados pela militância na educação e pelo ideário educacional que se concretizava na Escola Nova.

Segundo Munakata (2004), Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980) foi professor veterano

do Colégio Pedro II e diretor da Associação Brasileira de Educação desde a primeira diretoria, sendo signatário do célebre *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova*, de 1932. Estudou Direito e Ciências Políticas na França e Sociologia na London School of Economics, na Inglaterra; exerceu o cargo de vice-diretor do extermato do Colégio Pedro II; foi o primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), fundado em 1933 por Anísio Teixeira, quando este dirigia a Instrução Pública do Distrito Federal; e professor de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal, de Sociologia Educacional da Escola de Professores e de Sociologia da Escola Secundária do Instituto de Educação. Escreveu livros didáticos de Sociologia, Geografia, História e Educação. Pertencia ao círculo de Teixeira e seus colaboradores (...) (s. n.)

Anísio Teixeira instalou-se no Distrito Federal nos anos 30, convidado pelo prefeito carioca Pedro Ernesto Batista, para assumir a Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal.

O educador trouxe mudanças significativas para a instrução pública, que abarcaram desde a educação primária - buscando a ampliação do atendimento, da frequência e do

¹⁴ No site do INEP (www.inep.gov.br) encontramos a informação de que o SIBE era um complexo de bibliotecas e centros de documentação brasileiro organizado em forma de rede, entretanto sua implementação não foi bem sucedida, pois sofreu uma série de restrições de ordem operacional e política que inviabilizaram seu funcionamento e comprometeram as atividades do CIBEC, assim o centro ficou restrito às funções mais tradicionais de uma biblioteca.

rendimento das crianças, a partir da formação e do acompanhamento dos docentes - até a criação de uma universidade municipal, a Universidade do Distrito Federal.

Segundo Clarice Nunes (2000),

Anísio Teixeira fez parte de uma geração de intelectuais cuja preocupação maior, na primeira metade do século XX, foi organizar a nação e forjar o povo através de uma cultura que procurava assegurar a sua unidade pela instrução pública, pela reforma do ensino e pela construção de um campo cultural a partir da universidade. Essa preocupação levou-o, como outros educadores que lhe foram contemporâneos, a uma relação contraditória com o Estado. (s.n.)

O Inquérito “Leituras Infantis” foi realizado por Cecília Meireles na administração de Anísio Teixeira, publicado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE). Foi um estudo encomendado, pois para as mudanças desejadas e intervenções necessárias, era importante a produção de conhecimento sobre o que acontecia no interior da escola, para entender como eram os sujeitos a serem educados.

De acordo com Vidal (2001a)

a prática do Inquérito é nuclear no Programa do Instituto. Dispositivo de produção de conhecimento sobre o aluno e sobre a própria prática pedagógica, o Inquérito é experimentação controlada dos processos didáticos. Os dados obtidos por seu intermédio deveriam ser elaborados e publicados de modo que a sua difusão pudesse vir a transformar, como desejava Anísio Teixeira, o pensamento pedagógico do país. (p. 12)

O Inquérito realizado por Cecília Meireles não era pioneiro nem isolado. Nos anos de 1920, a Associação Brasileira de Educação (ABE), através de Armanda Álvaro Alberto, já havia realizado um inquérito sobre as leituras infantis no Rio de Janeiro; como vemos, este é um interesse que permanece na década de 30. Segundo Ana Chrystina Venâncio Mignot (1997), Armanda Álvaro Alberto foi signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, tendo sido diretora de uma escola em Duque de Caxias, considerada a primeira experiência escolanovista, a Escola Regional de Meriti. Nesta escola, a cada ano, a educadora anotava os livros preferidos pelos alunos e pela comunidade, além das aquisições e doações para o acervo, em registros de relatórios da biblioteca da escola. Foi sócia-fundadora da ABE, onde teve grande atuação, participando do Conselho Diretor, das conferências de educação e fazendo a defesa da criação de bibliotecas públicas infantis.

Uma das tarefas da educadora na ABE foi em relação à leitura infantil; desta forma, os inquéritos realizados em 1926 e 1930 tinham a intenção de propiciar o “planejamento de ações destinadas a despertar o gosto pela leitura, através de livros de bom gosto e que eduquem o leitor”. (MIGNOT, 1997, p. 189)

Estes inquéritos serviram de base para várias iniciativas de promoção da leitura e deles derivaram duas publicações de listas de livros: “Esboço Provisório de uma Biblioteca Infantil” e “Biblioteca para crianças e Adolescentes”. Neste material, além da lista de livros sugeridos, Armando Álvaro Alberto dirigia-se aos “mediadores das leituras infantis” (SOARES, 2007, p. 65), orientando que “a prática de leitura entre as crianças deveria ser precedida pelo trabalho de especialistas – conhecedores não apenas da literatura, mas da formação infantil – no sentido de apreciar, analisar, selecionar e classificar os livros”. (SOARES, 2007, p. 66)

O Inquérito pedagógico “Leituras Infantis” foi realizado por Cecília Meireles entre os meses de dezembro e novembro de 1931; a compilação dos dados foi concluída em 1933, sendo o Relatório publicado no ano seguinte. Seu intuito era conhecer a situação dos alunos cariocas “tanto no seu cabedal de leituras como nas suas preferências individuais” (MEIRELES, 1934, p. 5).

Em correspondência com o amigo Fernando de Azevedo, encontrada em Lamego (1996)¹⁵, Cecília Meireles por várias vezes comenta sobre sua pesquisa, e em uma das cartas afirma:

Estou trabalhando numa comissão técnica, estudando o que lêem e como lêem as crianças cariocas. Isto me absorve cerca de quatro horas mais, por dia. Faço-o intensamente, quer como ação quer como intenção. Pode ser que se chegue a uma visão sugestiva do que temos e do que precisamos. (08 de novembro de 1931)¹⁶

Como observamos na carta de Meireles a Azevedo, a pesquisadora não se interessava apenas em conhecer o repertório de leitura, as preferências e aversões dos leitores, como também o que circulava, o polo da produção, o mercado de livros. Juntavam-se, aqui, as imagens de Cecília como autora, educadora e militante.

¹⁵ Valéria Lamego em seu livro “*A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*”, traz um anexo com 9 cartas escritas por Cecília Meireles à Anísio Teixeira entre os anos de 1931 - 1933.

¹⁶ LAMEGO, 1996, p. 218.

Em outra correspondência ao amigo, Cecília Meireles trata mais especificamente da produção literária e dos caminhos que o Inquérito indicava para que ela, ou outro escritor, pudesse escrever para os jovens leitores:

Aquele inquérito de que lhe falei, sobre literatura infantil, só agora está chegando ao fim. Creio que até o dia 15 estará terminado, com o respectivo relatório, etc. Foi ele que me impossibilitou de me dedicar completamente ao seu livro. Mas creio que também agora nos vai ser bastante útil, pois, com cerca de 1500 questionários, com 12 respostas cada um, já se pode avaliar do interesse e das disposições literárias da nossa infância e encaminhar melhor um livro que se lhe queira oferecer.

Até o fim deste mês, portanto, o Sr. Receberá os originais do livro. E aproveitarei para lhe mandar as conclusões do inquérito que talvez saiam em separata da Diretoria de Instrução, visto parecerem-lhe extremamente longas para publicação no Boletim. (12 de abril de 1932)¹⁷

Cecília Meireles, em carta datada de 09/11/1932¹⁸ ao amigo Fernando de Azevedo, volta a afirmar que estava produzindo um livro com base nos dados obtidos no Inquérito, orientada pela imagem de leitor, do gosto infantil, preferências e desejos de ler. Orientada pela imagem de uma produção literária de qualidade e pouco encontrada no mercado editorial daqueles anos. Uma aliança entre o polo de produção, a demanda e o olhar atento de Cecília Meireles como escritora:

E quanto ao livro, tenho a comunicar-lhe o seguinte. Já estavam 6 contos escritos quando a Revolução se encarregou de me perturbar a tranquilidade necessária para qualquer intenção artística. Os 6 que tenho parecem-me belos mas longos. Como o inquérito realizado sobre leitura infantil demonstrou um interesse maior em crianças de 12 a 14 anos, procurei fazer o livro para esses leitores e, assim, tive que escolher o tema e a linguagem que já são bastante poéticos: num transição da infância para a adolescência. No entanto, pelo meu feitio imaginativo e o meu estilo, sinto que este livro subiu muito do nível comum (não digo como valor, mas como dificuldade, a meu ver).

Pensei, então, em fazer passar estes contos por uma classe de quarto ou quinto ano que, desconhecendo autora, finalidade, etc., opinasse com toda a isenção sobre o assunto.

Numa rápida conversa que tive ontem, por telefone, com o Dr. Anísio, falei-lhe nisso, e ele se prontificou a me deixar fazer a experiência. Creio que será interessante fazê-la e, assim, terei mais certeza ao escrever os contos que faltam. Tenho prontos os seguintes: “Belo como o sol” – lenda dinamarquesa; “O Rei Lear” – a velha história bretã; “Bendik e Arolilja” – tema de canção norueguesa; “Veinemoinen” – trechos de epopéia nacional da Finlândia; “A história triste e heróica de Bernardo del Carpio” – do Romanceiro; “Sigurd” – variações sobre as

¹⁷ LAMEGO, 1996, p. 222 - 3.

¹⁸ LAMEGO, 1996, p. 228 - 9.

Eddas¹⁹ Comecei um conto marroquino, de caráter inteiramente diverso dos precedentes. Parecia-me que o livro poderia ser composto de coisas leves e graves, engraçadas e belas, anedóticas e lendárias. Mas a maneira por que foram lançados os primeiros contos – o mais suntuosamente possível – me fez temer uma quebra de harmonia e detive-me.

É a Cecília Meireles múltipla, que entranha-se no debate dos anos 30, com papéis interessantes: é pesquisadora das leituras infantis, atendendo a uma encomenda do governo, obtendo dados dentro da escola, tabulando e organizando-os no Relatório; é escritora que pode produzir obras literárias para atender ao gosto expresso pelo público infanto-juvenil entrevistado por ela e a demanda editorial, e ainda é jornalista-educadora, divulgando e denunciando a situação encontrada no Inquérito, propondo um (novo) conceito de “literatura” para a formação da infância, afinado às concepções pedagógicas.

2.3. A organização do Relatório do Inquérito

Cecília Meireles organizou os dados obtidos no Inquérito em um Relatório, que é o material a que temos acesso²⁰, e que está dividido em três partes, a primeira “Considerações preliminares”, texto de nove páginas apresentando os aspectos ligados à produção da pesquisa, explicando quem eram os sujeitos, a metodologia utilizada, os modos de operar com os dados, contando com os seguintes tópicos: “O Inquérito”, “Distritos e escolas”, “Bibliotecas”, “As crianças” e “Método seguido na apuração”. A segunda refere-se às “Observações” feitas em relação a cada uma das 12 questões que compõem o questionário do inquérito, na qual Cecília Meireles tece alguns comentários, elabora e realiza a tabulação dos dados em quadros, e que é composta por 67 páginas. Por fim, a terceira parte é composta pelas “Conclusões sugeridas pelo presente inquérito”, com duas páginas.

¹⁹ Em nota de rodapé Lamego explica o significado de Eddas: “Segundo a enciclopédia Delta-Larrouse, Edda é um “título de duas coleções de obras da antiga literatura islandesa. A Edda antiga, baseada nas tradições pagãs do séc. IV, redigida a partir do século IX, escrita em 1270 e atribuída ao poeta Saemundr, é a bíblia dos islandeses pagãos, antes da introdução do cristianismo”. (1996, p. 228)

²⁰ Cecília Meireles fala de alguns anexos que teriam sido entregues juntamente ao Relatório do Inquérito publicado, mas estes anexos não constam na publicação do Relatório do Inquérito e na Biblioteca do CIBEC. Atualmente, o Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” está disponível no Portal Domínio Público www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001583.pdf

Em todo o Relatório do Inquérito Cecília Meireles utiliza as abreviações *Mas.* para meninas e *Mos.* para meninos, abreviações que também utilizaremos nas transcrições e elaborações das tabelas.

2.3.1. 1ª parte: As “Considerações preliminares”

Cecília Meireles, ainda nas “Considerações preliminares” do Relatório do Inquérito “Leituras infantis”, comenta as condições de produção deste, afirmando que, embora sem especialização técnica, foi a única responsável por sua realização, incluindo a apresentação dos questionários às crianças, a apuração dos dados e o trabalho datilográfico. A pesquisadora comenta ainda que, por um lado, o fato de ter sido a única encarregada do Inquérito trouxe

uma personalidade coerente a todos os seus erros, por outro, mostra a vantagem dos trabalhos feitos de colaboração, onde dentro de um plano geral, cada um pode contribuir com plenitude no estudo de uma das suas partes, obtendo-se rendimento superior e uma obra total de melhor qualidade. (MEIRELES, 1934, p. 6)

Neste fragmento das “Considerações Preliminares”, Cecília aponta para sua “intenção científica” como pesquisadora para inquirir sobre as leituras infantis de forma mais neutra e “verdadeira”. Aponta ainda para as ações decorrentes do Inquérito: colaborar para que os professores possam também conhecer melhor sobre as leituras dos seus alunos.

Outros elementos apontados pela pesquisadora, que permearam as condições de produção, foram: os contratempos em virtude da vida política e a ausência de atitude científica por parte dos professores. Sobre isto, Meireles (1934) afirma:

Da ausência dessa atitude científica, por vezes sentida em alguns recintos escolares, podem resultar muitos contratempos para o investigador pedagógico: um deles é o entranhado interesse, por parte dos professores, para que os *seus alunos respondam certo*²¹. Vício decorrente das antigas provas, desejo de ver brilhar o talento e a aplicação de sua classe, um certo temor de se verem mal representados mediante aos acasos que a podem atingir – seja como for, aí está um ponto importante para o valor de um inquérito dessa natureza, sobre o qual os professores refletirão com proveito. (p. 5 - 6)

²¹ Itálico de Cecília Meireles.

A pesquisa “Leituras infantis” foi realizada a partir de um questionário, composto por 12 questões abertas, “dispostas em ordem crescente, pela sua dificuldade relativa” (MEIRELES, 1934, p. 5) e apresentado aos estudantes na ordem abaixo:

Escola _____
Classe _____
Nome _____
Idade _____

QUESTIONÁRIO

Você gosta de ler? _____
Quantos livros, mais ou menos, já leu? _____
Pode dizer o nome de alguns? _____
De que livros gostou mais? Por quê? _____
De que livros não gostou? Por quê? _____
Tem vontade de ler algum livro? De quê? _____
Acha que vale a pena ler? Por quê? _____
Onde prefere ler: em casa ou na escola? Por quê? _____
Prefere livros em prosa ou em verso? _____
Quais são os livros que você acha mais interessantes: os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, romances ou fábulas? _____
De que autor você gosta mais? _____
Dos autores nacionais, qual é o que mais lhe agrada? _____

Não tivemos acesso ao suporte dos questionários usados por Cecília Meireles, apenas às questões e linhas que o acompanhavam na cópia do Relatório, portanto, não sabemos quais realmente seriam os espaços nos quais as crianças escreviam suas respostas. Talvez o espaço tenha sido limitado, restringido as respostas das crianças, como veremos a seguir, nas análises que constam no próximo capítulo, em que, por exemplo, na questão “Pode dizer o nome de alguns? (livros)” houve 1387 consultas e 3989 citações, o que pode indicar que as crianças citaram aproximadamente três livros cada uma. É possível pensar

que o suporte e a configuração das questões e dos espaços na página podem ter influenciado de algum modo as respostas das crianças.

De qualquer modo, a informação dada por Cecília Meireles de que as questões estavam dispostas em ordem crescente e relativa às dificuldades das crianças, sugere uma concepção de pesquisa orientada pela necessidade de certo controle por parte de quem elabora em relação ao que busca garantir como “boas” respostas.

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 1932 havia 1035 escolas no Distrito Federal, sendo 721 particulares, 299 escolas municipais, 15 federais e nenhuma estadual. Do total de escolas, havia 102 escolas masculinas, 81 femininas e 852 mistas. Entre as escolas municipais, não havia escolas apenas femininas, as que contavam com as classes para as meninas eram as escolas mistas.

Este questionário foi respondido por 1387 alunos, sendo 933 meninas e 454 meninos, do 3º, 4º e 5º anos primários de 24 escolas, em 19 distritos.

Já o Inquérito de Armanda Álvaro Alberto, realizado anos antes, contou com um número maior de alunos, 3094, entretanto, restringia-se a apenas uma pergunta: “Qual o livro de que mais gostou até hoje? A cédula deveria ser preenchida com o título do livro e o autor da obra, seguidos do nome, da idade e da escola do aluno votante”. (PIMENTA, 2001, p. 47). Tanto a pesquisa de Armanda (com 3094 alunos) quanto a de Cecília (com 1387 alunos), para um universo pressuposto em torno de 160 mil crianças matriculadas na educação primária do Distrito Federal, permitem perceber uma preocupação investigativa de abarcar um conjunto amplo de respostas. Uma visão investigativa de reunir um conjunto grande de dados, possíveis de serem tabulados e organizados para a construção panorâmica de um tema, de forma representativa e fidedigna daquilo que se propôs a conhecer. Nesse sentido, Cecília Meireles lamenta que fosse “talvez, de maior conveniência, um número ainda mais elevado de respostas. Mas, projetado em outubro de 1931, e devendo ser imediatamente iniciado, não foi possível percorrer mais escolas (...)” (MEIRELES, 1934, p. 5). A necessidade da rapidez em se realizar o Inquérito devia-se ao fato de que estavam ocorrendo mudanças administrativas na educação, e continuá-lo no ano seguinte poderia oferecer inconvenientes

visto as modificações que se operaram nas escolas, com a presente administração terem já, provavelmente, influído na situação anterior dos alunos, podendo,

assim, dar como resultado uma desigualdade de condições nociva ao inquérito (MEIRELES, 1934, p. 05).

Cecília Meireles, deste modo, busca se acerrar de cuidados técnicos e científicos – grande número de escolas, tempo delimitado, questões dispostas de acordo com a imagem de um entrevistado – para que os dados pudessem ser confiáveis, previstos e controlados.

Diferentemente do primeiro Inquérito de Leituras Infantis realizado por Armanda Álvaro Alberto para a Associação Brasileira de Educação (ABE), realizado com alunos de escolas públicas e particulares, rurais e urbanas, o Inquérito realizado por Cecília Meireles restringiu-se às escolas públicas municipais. Ambas as pesquisadoras escolheram escolas que já possuíam bibliotecas. Mas, talvez a escolha de Meireles pelas escolas públicas municipais - rurais e urbanas - se deva ao fato de que uma das constatações do primeiro inquérito foi de que havia uma precariedade por parte das bibliotecas, em especial das públicas, já que as crianças não sabiam distinguir uma obra literária de uma obra didática. Sendo assim, com a Reforma escolanovista, havia o interesse e um esforço no sentido de melhorar as escolas municipais do Distrito Federal, investindo nas bibliotecas e capacitando os professores.

O quadro a seguir, encontrado no Relatório do Inquérito (MEIRELES, 1934, p. 7), informa o nome das escolas participantes do Inquérito “Leituras Infantis” e o distrito ao qual pertencem:

Escolas que contribuíram com alunos	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Júlio de Castilho (1.º distrito)	25	2,6	14	3,08	39	2,8
Basílio da Gama (2.º distrito)	30	3,2	17	3,7	47	3,3
Rodrigues Alves (3.º distrito)	52	5,5	25	5,5	77	5,5
José de Alencar (3.º distrito)	71	7,6	34	7,4	105	7,5
Deodoro (3.º distrito)	29	3,1	21	4,6	50	3,6
Tiradentes (4.º distrito)	41	4,3	24	5,2	65	4,6
Benjamin Constant (4.º distrito)	59	6,3	19	4,1	78	5,6
República da Colômbia (5.º distrito)	74	7,9	36	7,9	110	7,9
José Bonifácio (5.º distrito)	24	2,5	16	3,5	40	2,8
José Pedro Varela (6.º distrito)	42	4,5	14	3,08	56	4,03
Francisco Cabrita (7.º distrito)	47	5,03	19	4,1	66	4,7
Epitácio Pessoa (8.º distrito)	54	5,7	24	5,2	78	5,6
Nilo Peçanha (9.º distrito)	49	5,2	30	6,6	79	5,6
Uruguai (9.º distrito)	35	3,7	19	4,1	54	3,8
República do Equador (10.º distrito)	14	1,5	18	3,9	32	2,3

Argentina (11.º distrito)	44	4,7	12	2,6	56	4,03
Paraná (12.º distrito)	16	1,7	10	2,2	26	1,8
República do Peru (13.º distrito)	54	5,7	14	3,08	68	4,8
João Koepke (14.º distrito)	13	1,3	5	1,1	18	1,2
Azevedo Junior (15.º distrito)	52	5,5	19	4,1	71	5,1
Baía (16.º distrito)	21	2,2	11	2,4	32	2,3
Piauí (18.º distrito)	21	2,2	11	2,4	32	2,3
Padre Manoel da Nóbrega (19.º distrito)	52	5,5	23	5,06	75	5,4
1ª escola mista do 23.º distrito	14	1,5	19	4,1	33	2,3
	933		454		1387	

Com relação à escolha das escolas participantes do Inquérito, segundo Meireles (1934), foram selecionadas 24 unidades, pertencentes a 19 distritos, embora 29 escolas tenham sido visitadas. Além das escolas citadas no quadro acima, a pesquisadora visitou outras 5: Celestino Silva, Anita Garibaldi, Pereira Passos, Olavo Bilac e a 8ª mista do 23.º distrito.

Segundo dados do IBGE, o Distrito Federal em 1932 contava com 238 escolas com bibliotecas para professores e 323 com bibliotecas para alunos.

Devido ao curto prazo em que os questionários foram aplicados e à grande quantidade de escolas a serem percorridas em cada distrito, Cecília Meireles optou por algumas escolas de cada distrito, pois assim atenderia todas as zonas escolares “para que as conclusões alcançadas pudessem representar as diretrizes dominantes num conjunto oferecido com toda a sua variedade”. (MEIRELES, 1934, p. 8). Ela escolheu as escolas

mais representativas do ponto de vista pedagógico, consideradas assim as que facultassem maior número de alunos ou que, em matéria de biblioteca, estivessem aparelhadas de modo a permitir às crianças maior facilidade para a informação do inquérito apresentado. (MEIRELES, 1934, p. 8)

As opções metodológicas de Cecília Meireles que justificam o modo como a pesquisa está organizada “maior número de alunos”, “bibliotecas bem equipadas”, escolas maiores e distribuídas em 19 distritos – com o intuito de alcançar predominâncias, constâncias em meio a uma variedade de informações e conclusões – compõem uma concepção de pesquisa científica carregada de generalizações.

O fato de os dados terem sido obtidos com “cuidado” na elaboração e organização das questões, com o mapeamento dos locais a visitar, e tendo em vista a quantidade

significativa de entrevistas representativas de um todo maior e uma tabulação rigorosamente estatística, parecem dar à pesquisadora a possibilidade de “descobrir” a natureza da realidade que investiga.

Pressupõe, também, a neutralidade do pesquisador em relação ao objeto e ao contexto da pesquisa e tem três critérios para seu julgamento: a confiabilidade, a validade e a generalização.

Na tradição de pesquisa positivista, a representatividade da amostra sobre a qual são elaboradas as teorias é de grande importância. Assim, estudos que envolviam um grande número de sujeitos ou contextos de um mesmo tipo, ou abrangiam uma grande região são bem acolhidos. Seus dados são convertidos e reduzidos por meio de fórmulas e assim, passam a “representar” o conhecimento sobre a realidade. (RIOS, 2006, p. 103 - 4)

Ainda nas “Considerações preliminares”, Cecília indica no tópico “Bibliotecas” (MEIRELES, 1934, p. 09), ter entregado, em um volume anexo, uma lista de livros existentes nas bibliotecas escolares. Neste documento, Cecília Meireles afirma que além de buscar os catálogos infantis, procurou incorporar também os catálogos de livros para professores, quando a escola tinha biblioteca específica para os docentes.

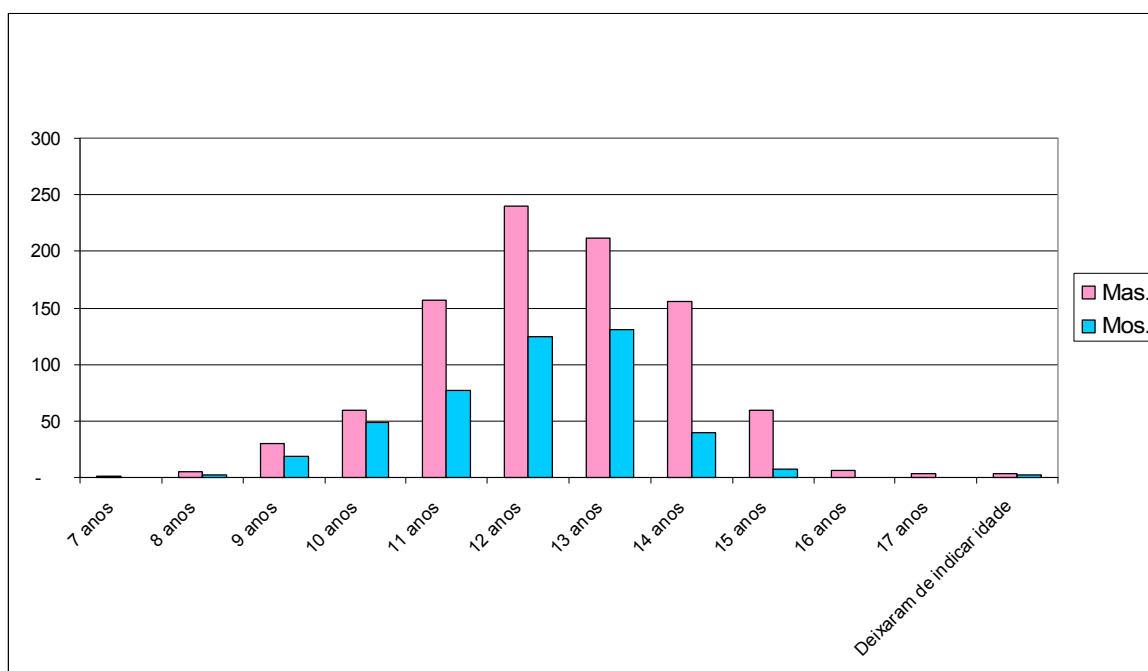
Diz, também, que a respeito dos catálogos encontrados, verificou que nas escolas percorridas eles eram “quase idênticos” (MEIRELES, 1934, p. 9). Contudo, não conseguimos ter acesso a este anexo.

No tópico “As crianças”, a pesquisadora descreve os sujeitos do Inquérito: crianças e jovens de 7 a 17 anos, com a média significativa de idade compreendida entre 11 e 14 anos, como vemos no quadro a seguir, elaborado por Cecília Meireles (MEIRELES, 1934, p. 9):

Crianças que responderam ao questionário: Classificação pela idade	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
7 anos	1	0,1	-	-	1	0,07
8 anos	5	0,5	3	0,6	8	0,5
9 anos	30	3,2	19	4,1	49	3,5
10 anos	60	6,4	49	10,7	109	7,11
11 anos	157	16,8	77	16,9	234	16,8
12 anos	240	25,7	125	27,5	365	26,3
13 anos	211	22,6	131	28,8	342	25,6
14 anos	155	16,6	40	8,8	195	14,05

15 anos	60	604	8	1,7	68	4,9
16 anos	6	0,6	-	-	6	0,4
17 anos	4	0,4	-	-	4	0,2
Nota: deixaram de indicar idade	4	0,4	2	0,4	6	0,4
TOTAL	933		454		1387	

O gráfico a seguir traz os dados da tabela acima em outra configuração para que possamos visualizar melhor os sujeitos da pesquisa:



O gráfico nos informa que há uma maior concentração de crianças com idade entre 11 e 14 anos, e podemos ver com mais precisão que entre as crianças de 11, 12 e 13 anos há uma relação em que o número de meninas corresponde praticamente ao dobro do número de meninos, enquanto que aos 14 anos esta diferença aumenta, havendo quase quatro vezes mais meninas que meninos. Isto pode ter acontecido porque a amostragem de Cecília Meireles foi de certa forma aleatória: ao chegar às escolas a pesquisadora realizava os questionários com os alunos dos 3º, 4º e 5º anos que estavam presentes e disponíveis no momento. Ela não fez uma opção por escolher antes do início da pesquisa uma amostragem padronizada, com um número pré-determinado de crianças que ela entrevistaria por ano de

escolaridade. Talvez, ainda, possa indicar que havia um número maior de meninos do que de meninas que saíam da escola nesta idade para ingressar no mercado de trabalho.

No quadro abaixo, trazemos o quadro em que Cecília Meireles destaca no Relatório do Inquérito as quantidades e porcentagens dos alunos entre 11 e 14 anos (MEIRELES, 1934, p. 10):

IDADES	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
11 anos	157	16,8	77	16,9	234	16,8
12 anos	240	25,7	125	27,5	365	26,3
13 anos	211	22,6	131	28,8	342	25,6
14 anos	155	16,6	40	8,8	195	14,05
TOTAL	763	81,7	373	82,1	1136	81,75

“Como se vê, essa média representa 81,75% das respostas, equilibradamente distribuída pelos dois sexos, na porcentagem de 81,7 para as meninas e 82,1 para os meninos”. (MEIRELES, 1934, p. 10) Ou seja, embora com quantidade diferente de meninos e meninas, quando olhamos para as porcentagens elas mostram um número praticamente igual; por exemplo, a quantidade de meninas em porcentagem equivale a 81,7%, enquanto a dos meninos a 82,1%.

No tópico “Método seguido na apuração”, Cecília Meireles explica o método de pesquisa que utilizou em seu trabalho. Afirma que por tratar-se de uma pesquisa longa, com muitos dados, muitos questionários respondidos, ela optou por analisar as perguntas isoladamente, uma de cada vez.

Para o tratamento dos dados encontrados inicialmente, a pesquisadora numerou todas as provas - os questionários recolhidos - no alto, à direita, pela ordem das classes e dos distritos escolares, dizendo haver entregue um anexo com essas provas. A partir destas provas, ela elaborou um quadro onde se encontram as escolas, as classes e o gênero, que foi marcado com o uso das cores vermelha e azul em todo o trabalho, de modo a distinguir, respectivamente, meninas e meninos. Este quadro poderia ser utilizado para realizar uma consulta individual a um caso específico.

Depois de numeradas as provas, as respostas foram transcritas separadamente por pergunta, sendo os textos copiados fielmente, assinalando apenas os erros, quando a criança transcreveu com a cor invertida; por exemplo, uma menina escreveu com tinta azul, os

erros apareceriam em vermelho. Foram obtidos, assim, 12 blocos de respostas organizados em volumes, formando os Docs., numerados de 1 a 12, correspondendo às perguntas, os quais, embora a pesquisadora relate haver entregado juntamente com o Relatório, não se encontram anexados ao Relatório do Inquérito publicado, ao qual tivemos acesso.

É assim que Cecília Meireles, de acordo com muitos outros estudos desta natureza, dá ao seu trabalho um estatuto legítimo. Escolhe escolas, distritos e zonas escolares com justificativas; indica sua abordagem em número significativo de entrevistados, sua organização de dados em tabelas, quadros, porcentagens, explicitando caminhos e decisões tomadas. Ela oferece ao leitor o resultado de um trabalho árduo, situado e datado com esmero. É realmente lamentável o fato dos seus leitores, de hoje, não poderem ter acesso aos anexos.

2.3.2. 2ª parte: “Observações”

A segunda parte do Relatório do Inquérito é onde Cecília Meireles organiza as respostas obtidas nos questionários em quadros e tabelas, acrescentando seus comentários.

Cecília Meireles reúne as respostas dos entrevistados analisadas por ela por pergunta e separadas por sexo. Separar por sexo pode ser uma opção, talvez, orientada por uma ideia de que os gostos, preferências, aversões e práticas de leitura possam ser distintas de acordo com sexo (masculino/feminino). Para ela, outras características como nível de escolaridade, origem sócio-econômica, idade, religião, ambiente cultural/familiar de cada aluno ou todas elas juntas não precisariam ser interrogadas ou conhecidas.

Ela considerou inaproveitáveis aquelas que não correspondiam à pergunta feita ou, ainda, por ser absurda ou por ser uma frase ininteligível. Já as respostas únicas, ela optou por colocá-las ao final dos quadros correspondentes às perguntas. Dentre as respostas “aproveitáveis”, Cecília Meireles contabilizou aquelas que reuniam a opinião de, no mínimo, 10 alunos, num dos sexos.

A pesquisadora faz uma opção por tratar os dados mais visíveis, as respostas oferecidas por mais de dez crianças, buscando os traços constantes na temática. Se tivéssemos acesso aos anexos poderíamos, por exemplo, indagar pelos pormenores, pelas diferenças, pelas singularidades que ela ignorou por não ser sua preocupação.

Na elaboração do Relatório do Inquérito, a pesquisadora optou por apresentar os quadros por pergunta, como que numa espécie de resumo, seguido de algumas explicações ou esclarecimentos para cada questão, “servindo assim este trabalho de base para as interpretações psico-pedagógicas que os especialistas no assunto possam posteriormente fazer”. (MEIRELES, 1934, p. 12). Para ela, a pesquisa é instrumento para estudos posteriores a respeito das crianças e suas leituras, no quadro de intenções políticas, culturais e educacionais que o país vivia.

Quando uma questão do Inquérito é composta por duas perguntas, como quando seguidas de um “por quê?”, as respostas são inseridas no Relatório em quadros separados, um para cada questão, mas no mesmo tópico de “Observações”.

Cecília Meireles tinha conhecimento de estatística e utilizou-se deste recurso para fazer os cálculos dos percentuais de cada questão do Inquérito. A estatística era prática comumente utilizada em pesquisas reconhecidas como científicas apoiadas em dados numéricos como conhecimentos seguros, neutros e universais.

Para fins de entendimento de nossos leitores e como exemplo da preocupação com o rigor científico buscado por Cecília no desenvolvimento da pesquisa, recalculamos os dados oferecidos na 3ª questão do Inquérito “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”, buscando encontrar as quantidades de crianças correspondentes às porcentagens feitas por Cecília Meireles. Desta forma, temos o seguinte quadro:

A	B	C	D	E	F	G
LIVROS	Mas. %	Quantidade Mas.	Mos. %	Quantidade Mos.	Total %	Mas. + Mos.
Escolares	82,30%	768	53,08%	241	72,74%	1009
Fantasia	69,01%	644	71,50%	325	69,83%	968
Literatura	30,10%	281	7,90%	36	22,83%	317

Nesta tabela, Cecília Meireles demonstra em termos percentuais a quantidade de crianças que citaram cada um dos grupos de livros em três colunas: *Mas.%* (meninas), *Mos.%* (meninos) e *Total %*.(soma de meninas e meninos) e aparecem na tabela em fundo branco. Agregamos a esta tabela as colunas, que aparecem em cinza, indicando em números absolutos a quantidade de meninas, de meninos e do total das crianças, que representam as

porcentagens indicadas por Cecília Meireles, e a linha com as letras de A a G, indicando cada uma das colunas. Lembramos que a soma das porcentagens ultrapassa 100%, pois as crianças entrevistadas podiam citar mais de um livro, que posteriormente foram classificados pela pesquisadora em diferentes grupos.

Para obter as quantidades de meninas, de meninos e a quantidade total das crianças, realizamos os seguintes cálculos:

Coluna C	Multiplica-se a porcentagem referente às meninas (Coluna B) pela quantidade total de meninas entrevistadas (933)
Coluna E	Multiplica-se a porcentagem referente aos meninos (Coluna D) pela quantidade total de meninos entrevistados (454)
Coluna G	Divide-se o total de crianças que citaram cada um dos grupos de livros pelo total de crianças entrevistadas (1387) e multiplica-se por 100.

Perguntávamo-nos como Cecília Meireles encontrara essas porcentagens, preocupada em representar estatisticamente a “realidade” investigada. Não temos os dados brutos do Inquérito, já que os anexos - como já mencionamos - não foram encontrados. Desta forma, para nos aproximarmos de sua compreensão, trazemos um exemplo fictício de como pode ter sido realizada a tabulação dos dados:

	LIVRO 1	LIVRO 2	LIVRO 3
Criança 1	F	F	F
Criança 2	F	E	E
Criança 3	F	L	L
Criança 4	E	E	E
Criança 5	E	F	L
Criança 6	F	F	E

Legenda	
Fantasia	F
Escolar	E
Literatura	L
Meninas	
Meninos	

Esta tabela traz as respostas de 6 crianças fictícias, 4 meninas e 2 meninos. Cada criança desta tabela citou 3 livros, do mesmo grupo ou não. Observando as meninas, temos: 4 meninas, das quais 3 citaram livros de fantasia, independente da quantidade de livros desta categoria citados por elas (que podemos ver que foram 6); 2 meninas citaram livros escolares, e 1 menina citou livros de literatura. Assim, podemos encontrar as seguintes quantidades de meninas que citaram os grupos de livros:

Grupo	Quantidade de meninas
Fantasia	3
Escolar	2
Literatura	1

Já os percentuais foram calculados da seguinte maneira: dividimos a quantidade de meninas que citaram cada um dos grupos de livros pela quantidade total de meninas e multiplicamos por 100.

Grupo	Quantidade de meninas que citou cada categoria dividida pela quantidade total de meninas	Multiplica-se o resultado por 100	Porcentagem de meninas
Fantasia	3 : 4	0,75 x 100	75%
Escolar	2 : 4	0,5 x 100	50%
Literatura	1 : 4	0,25 x 100	25%

As outras questões do Inquérito foram tabuladas da mesma forma, utilizando os mesmos cálculos, lembrando que as quantidades de meninos e meninas que responderam ao questionário de Cecília Meireles são diferentes, e por isso a opção da pesquisadora em utilizar os percentuais que representam uma média equilibrada entre meninos e meninas orienta uma visão científica, de caráter objetivo e transparente dos dados.

2.3.3. 3ª parte: “Conclusões sugeridas pelo presente inquérito”

Ao finalizar o Relatório do Inquérito, Cecília Meireles traz, em suas duas páginas finais, as conclusões possíveis que obteve para cada uma das perguntas, iniciando com o seguinte comentário: “Até ser confrontado com trabalhos congêneres mais definitivos, e interpretado pela proficiência dos especialistas (...)”.

Novamente aqui, ela reforça que o Inquérito tem como intenção diagnóstica da realidade provocar estudos, reflexões, pesquisa nas áreas. E, cuidadosamente, ela coleta dizendo: “este inquérito **sugere** as seguintes conclusões:” (grifo nosso). O verbo “sugerir”

cria a impressão de que ela deseja atenuar suas certezas, justificar-se diante de imprecisões e equívocos.

E são essas as conclusões colocadas para as doze questões colocadas no Inquérito:

1ª pergunta: V. gosta de ler?

Resposta: Sim

2ª pergunta: Quantos livros, mais ou menos, já leu?

Resposta: No máximo, 50.

3ª pergunta: Pode dizer o nome de alguns?

Resposta: Livros de Erasmo Braga, Contos da Carochinha, Através do Brasil (citações principais)

4ª pergunta: De que livros gostou mais? Por quê?

Resposta: Livros de Erasmo Braga, Através do Brasil, Tesouro da Juventude, ou, para citar o primeiro de cada categoria estabelecida no plano de apuração:

Livros escolares – os de Erasmo Braga.

Livros de fantasia – Robinson Crusoe.

Literatura – O guarani

Razões de preferência: Instrutivo. Bonito. Interessante.

5ª pergunta: De que livros não gostou? Por quê?

Resposta: Livros de Erasmo Braga, Contos da Carochinha, Corações de crianças (citações principais)

Livros escolares – Os de Erasmo Braga.

Livros de fantasia – Contos da Carochinha.

Literatura – Iracema

Razões de antipatia: Monotonia, falta de graça, desagradáveis, inadequados, desinteressantes, feios.

6ª pergunta: Tem vontade de ler algum livro? De quê?

Resposta: Histórias. Romances. Aventuras.

7ª pergunta: Acha que vale a pena ler? Por quê?

Resposta: Sim.

Razões: Porque instrui – razão principal. Porque é divertido (agradável, engraçado), e porque é bonito.

8ª pergunta: Onde prefere ler: em casa ou na escola? Por quê?

Resposta: Em casa.

Razões: Calma, sossego, atenção – razões principais. Por haver mais tempo disponível. Por ser mais próprio.

9ª pergunta: Prefere livros em prosa ou em verso?

Resposta: Em prosa.

10ª pergunta: Quais são os livros que você acha mais interessantes: os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, romances ou fábulas?

Resposta:

Histórias. Aventuras. Ciências. – conclusão geral.

Histórias. Aventuras. Romances. – sexo feminino.

Aventuras. Histórias. Ciências. – sexo masculino.

11ª pergunta: De que autor você mais gosta?

Resposta: Olavo Bilac.

12ª pergunta: Dos autores nacionais, qual é o que mais lhe agrada?

Resposta: Olavo Bilac. (MEIRELES, 1934, p. 85 - 6)

O Relatório torna-se uma fonte e um objeto bastante interessante para um pesquisador na área da leitura. Ele traz não só as respostas dadas por leitores “reais”, como uma organização delas em números, tratadas e comentadas por Cecília Meireles, como ainda as condições em que foi produzido: para que, quando, por que, como, com quem.

Por outro lado, o modo como foi concebido e desenvolvido a partir da maior incidência dada às questões, impossibilita conhecermos aquilo que poderia trazer contradições, ambiguidades, singularidades a respeito do mundo da leitura dos anos 30, no Distrito Federal. Por diversas vezes, a autora afirma ter anexos que melhor nos ajudariam a compor seu Relatório e nos permitir, talvez, ter outra possibilidade de olhar para o período em que a pesquisa foi realizada, mas aos quais não tivemos acesso.

Ao fecharmos o Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, ficamos pensando nos documentos que sobrevivem ao tempo. O que deve ser guardado? O que se deseja que seja lembrado? O que fica registrado de uma determinada forma, para uma determinada pessoa?

Nosso desejo era que a estas últimas páginas fossem acoplados os anexos: listas, questionários separados, que provavelmente se perderam... Provavelmente, quando foi publicado, houve uma opção por diminuir páginas, retirando-os, por terem sido considerados, talvez, desnecessários para a divulgação e, possivelmente, não arquivados para a memória de um tempo. Ausentes, deixam-nos lacunas e a expectativa ou esperança de um dia serem encontrados em algum arquivo, talvez na documentação inédita ainda em poder de seus herdeiros²².

²² No Jornal Folha de S. Paulo, caderno *Ilustrada* do dia 20/07/2010, a matéria “MinC quer licença à revelia de herdeiro”, comenta-se os obstáculos criados por parentes de Cecília Meireles para a reprodução de suas obras.

3. O QUE AS CRIANÇAS E JOVENS ENTREVISTADOS POR CECÍLIA MEIRELES DIZIAM LER?

Hoje, felizmente, sabe-se que a infância é a mais respeitável das fases da vida, - e também se sabe que o amor à pátria, para ser nobre, deve alargar-se e boa vontade pelo mundo todo (...)

Eu mesma já tenho lido observações como estas em prefácios e algumas vezes as tenho ouvido em discursos. Quer dizer que já constituem um lugar-comum. E o lugar-comum costuma ser um índice da opinião geral. Por que, então, no momento de agir, escrevendo um livro para crianças, ou dando uma aula, não se hão de pôr as coisas nos seus devidos lugares? Falta de hábito? Mas há uma reforma pedagógica, no Distrito Federal, que impõe aos que servem um terrível dilema: ou transformarem os seus hábitos, de acordo com ela, ou desistirem de ser educadores. A transformação é facilíma, porque de todos os lados nos vêm exemplos e sugestões: da Suíça, da Bélgica, da Alemanha, da Áustria, da Itália, do Japão, da Índia...

Não temos de fazer, é certo, o que nenhum desses países fez. Mas temos obrigação de conhecer que problemas originaram as suas soluções pedagógicas, e procurar a solução do nosso, que não é demasiado difícil.

Só então aparecerão livros *para a infância* dignos, na verdade, desse título. Não serão mais escritos pelo bom desejo, apenas, de terem leitores pequenos. Um bom desejo mal orientado ou esclarecido não está muito longe de ser um erro e um prejuízo.

E em assuntos de educação, principalmente, é preciso ter a atenção voltada para o mal que se pode causar, sem querer, - e o mais doloroso - pensando fazer bem às crianças. (Educação Moral e Cívica - 14 de setembro de 1930 - grifo da autora)

Nesta crônica, publicada no “Diário de Notícias” em 14/07/1930, Cecília Meireles aponta para temas pertencentes ao discurso da Escola Nova e que eram recorrentes em sua coluna jornalística: a infância, a literatura, e a importância da literatura na formação das crianças. Marca um conceito de infância: “a mais respeitável das fases da vida”. E, para esta infância, aspira-se “livros *para a infância* dignos, na verdade, desse título”. Imagina-se um olhar para a infância como ser em formação, um ser humano distinto, que exige atenção, respeito e objetos destinados a ele. Imagina-se um leitor diferente da linguagem produzida e em circulação até então.

Em meio ao cenário dos anos 30²³, Cecília Meireles, com seu Inquérito e suas crônicas, nos permite observar algumas das leituras que eram oferecidas às crianças e jovens. Quais obras/autores chegavam às mãos daquela infância? Que livros eles liam?

²³ Em “*A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*” (1996), Valéria Lamego realiza um estudo sobre as “Crônicas de Educação” pensando a conjuntura política dos anos 30, as disputas de forças e o papel de Cecília Meireles como jornalista e militante.

Ao serem solicitados, no questionário do Inquérito, a dizer o nome de alguns livros, os estudantes que participaram da pesquisa de Cecília Meireles trouxeram um quadro que podemos entender como uma amostragem dos livros que circulavam e estavam disponíveis para a leitura de crianças e jovens, alunos das escolas primárias em 1931. De acordo com Cecília Meireles, “embora não se trate, ainda, de definir preferências, a simples informação fornecida, revelando lembranças de leituras feitas, é um indício já sobre o gosto literário de cada sexo”. (MEIRELES, 1934, p. 28)

Muitas foram as respostas oferecidas pelas crianças à 3ª questão do Inquérito “Pode dizer o nome de alguns?”²⁴. A pergunta foi respondida pelas 933 meninas e pelos 454 meninos:

com a citação de 628 títulos de livros, por parte das meninas e 366 pela dos meninos.

De modo que, a 1387 consultas, correspondem 3989 citações (incluindo as repetições de um mesmo livro), sendo 2865 das meninas e 1124 dos meninos.

Desse total de citações, 1694 dispersaram-se em números inferiores a 10. Aproveitadas as que excederam a esta última cifra, obteve-se o quadro (...) em que figuram 75 títulos diferentes, ocupando o 1.º lugar, na ordem das citações, os livros de Erasmo Braga (reunidos sob esse título temos diversos da série) (MEIRELES, 1934, p. 27).

Cecília Meireles reuniu, para “maior facilidade de exame” (MEIRELES, 1934, p. 27) os livros citados pelos entrevistados em três grupos, assim definidos no Relatório do Inquérito:

livros *escolares* (de leitura, compêndios, enciclopédias); livros de *fantasia* (compreendendo historietas, fábulas, etc.) e livros com a rubrica *literatura*, por se tratar de obras de cunho especial – neste caso, romances brasileiros, e traduções – noutros, como se verá para diante, poesias etc. sem a característica das ficções infantis do 2.º grupo. (MEIRELES, 1934, p. 27)

Na tentativa de organizar a grande quantidade de respostas obtidas, Cecília Meireles elaborou um quadro síntese, criando categorias: *escolares*, *fantasia* e *literatura* e agrupando as repostas das crianças com os percentuais de citações das crianças por grupo de livros e por sexo: meninas (Mas.) e meninos (Mos.) e o percentual total.

²⁴ A terceira pergunta vem na sequência das questões: 1) Você gosta de ler? e 2) Quantos livros mais ou menos já leu? Desta forma, acreditamos que se refira aos livros já lidos pelas crianças.

A tabela abaixo mostra a síntese feita por Cecília Meireles para a 3ª questão do Relatório do Inquérito (MEIRELES, 1934, p. 27):

LIVROS	Mas. %	Mos. %	Total %
Fantasia	82,3	53,08	72,7
Escolares	69,01	71,5	69,8
Literatura	30,1	7,9	22,8

Podemos dizer que a tabela organizada por Cecília Meireles com os dados referentes à 3ª questão de seu Inquérito nos mostra as categorias de livros mais lembrados pelos jovens leitores, mas ainda não sabemos se eles gostavam ou não destes livros. São obras citadas talvez por terem realmente sido lidas, ou ainda pelo fato de serem adotadas nas escolas que as crianças frequentavam, sendo comentadas por seus professores, ou, ainda, por serem obras que circulavam também fora da escola, no mercado editorial. De maneira geral, dentre os grupos de livros que as crianças lembraram, destacaram-se os livros de *fantasia* (72,7%), sendo seguidos pelos *escolares* (69,8%) e pelos de *literatura* (22,8%) tanto pelos meninos como pelas meninas. Quando comparamos os livros apontados pelos meninos em relação àqueles apontados pelas meninas, a ordem muda. Enquanto elas mencionam mais os de *fantasia* (82,3%), seguidos pelos *escolares* (69,01%) e pelos de *literatura* (30,1%), os meninos citam mais os *escolares* (71,5%), seguidos pelos de *fantasia* (53,08%) e pelos de *literatura* (7,9%).

Talvez os meninos buscassem menos leituras fora da escola, optando por ler obras sugeridas pelos professores, obras mais didáticas; já as meninas, preferiam os de *fantasia* e apresentavam maior aceitação pelos livros de *literatura*.

Cecília Meireles explica o fato dos meninos preferirem os livros escolares afirmando no Relatório do Inquérito:

Merece referência o fato de figurarem, na categoria de livros escolares, principalmente os que versam sobre História, e particularmente História do Brasil. Quase se é levado à sugestão de ser essa preferência decorrente ainda do gosto pelas coisas de imaginação e de aventura, correspondendo assim, no sexo masculino, à imaginação sentimental acusada pelas meninas no seu interesse pelos livros de fantasia. (MEIRELES, 1934, p. 28)

Os livros mencionados pelos meninos não eram quaisquer livros escolares, Cecília nota o fato de serem especialmente os livros de História e História do Brasil. Na crônica

“História do Brasil”, datada de 12 de setembro de 1930, Cecília Meireles discute o desinteresse pelos assuntos da História do Brasil por parte de algumas crianças, que aprendiam sobre o tema segundo concepções “tradicionais”, a partir de um diálogo com um pai que comentara sobre o desinteresse de seus filhos por este assunto. Cecília afirma tê-lo questionado sobre os títulos dos livros, os nomes dos autores, da professora e o ponto da matéria que as crianças estavam estudando.

E tivemos a seguinte surpresa: a professora ainda marcava no livro as lições, e os alunos ainda tinham de decorar personagens e datas... E as lições se iam amontoando umas sobre as outras, com o correr dos dias, todas igualmente por saber, e deixando no seu caminho um profundo sulco de aborrecimento...²⁵

Percebemos, no comentário, que Cecília Meireles fazia uma crítica ao uso do livro com o objetivo de memorização; segundo os preceitos escolanovistas, o livro assumia uma nova função, “de simples depositário da cultura universal, passava a ser visto como fonte de experiência” (VIDAL, 2001a, p. 51). A pesquisadora parecia ter familiaridade com os livros, os autores, as maneiras de ensinar, e isto lhe permitia pensar que a História do Brasil poderia ser ensinada de uma forma diferente, interessante, menos aborrecida para as crianças. Continua a crônica afirmando que é possível ensinar história usando diversos recursos, como poetizar os assuntos sem prejudicá-los; falar “dos versos que por aí andam, recordando fatos que é preciso conhecer...” (p.168); visitar museus; trabalhar com gravuras; organizar álbuns, lanternas de projeção e explicar as datas cívicas com o uso dos jornais. E, de certa forma, a autora nos sugere que esta maneira de abordar os temas da História estava aos poucos se constituindo, ao afirmar:

O tempo dos quadros sinóticos, das biografias e dos discursos já vai muito longe, para felicidade das gerações de agora...
... Das gerações que estão dependendo do magistério renovados que conhece todas essas coisas e as pratica...²⁶

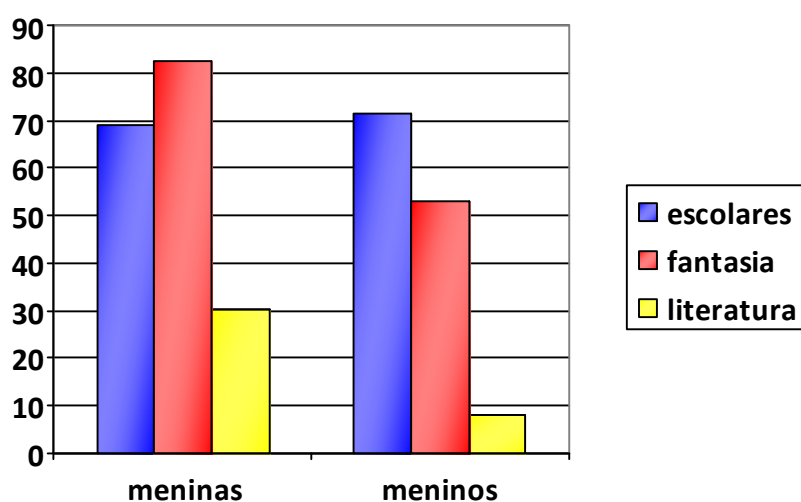
Parece-nos que Cecília Meireles tenta indicar o uso de alguns livros que ela acreditava ser mais adequados, ensinar a História não apenas através da memorização de personagens e datas conforme o método “tradicional”. É um novo modo de pensar a

²⁵ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.3. Nova Fronteira/Biblioteca Nacional: 2001, p. 169.

²⁶ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.3. Nova Fronteira/Biblioteca Nacional: 2001, p. 169.

educação das crianças, uma concepção de ensino/aprendizagem distinta da que circulava com a tradição. Uma educação proposta pelos preceitos da Escola Nova (Vidal, 2001) em que a História pode ser aprendida com recursos didáticos mais atraentes: organização de álbuns, lanternas de projeção, leitura de jornais, etc.

Com a intenção de auxiliar na visualização do quadro síntese, o gráfico a seguir foi organizado por nós, trazendo os grupos de livros elaborados por Cecília Meireles e o percentual para cada um dos grupos mencionados pelos jovens leitores, por sexo.



Interessante notar o pequeno percentual de meninos que citam os livros classificados como literatura, comparado ao percentual de citações do mesmo pelas meninas, que é quase três vezes maior, e quando comparado aos outros grupos de livros citados pelos próprios meninos, os escolares são citados quase 10 vezes mais, e os de fantasia praticamente 5 vezes mais.

Além do quadro síntese, Cecília Meireles elaborou, também, para a organização dos dados referente à 3ª questão do Inquérito, três outros quadros, cada um referente a um grupo de livros (escolares, fantasia e literatura), assinalando os títulos dos livros, a quantidade de citações das meninas, dos meninos e o total e percentual em relação a cada um dos sexos e ao total. Cecília Meireles usa o critério de trazer para os quadros do Relatório do Inquérito apenas as respostas que reuniam mais de 10 crianças, num dos sexos.

Quadros referentes à 3ª questão: “Pode dizer o nome de alguns?” (MEIRELES, 1934, p. 30 - 31)

ESCOLARES	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Livros de Erasmo Braga	116	12,2	80	17,6	196	14,1
Através do Brasil	60	6,4	25	5,5	85	6,1
Páginas cariocas	44	4,7	31	6,8	75	5,4
Livros de leitura (vários)	48	5,1	20	4,4	68	4,9
Corações de crianças	48	5,1	19	4,1	67	4,8
Tesouro da Juventude	51	5,4	12	2,6	63	4,5
Páginas brasileiras	42	4,5	20	6,8	62	4,4
Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro	34	3,6	25	5,5	59	4,2
Nossa pátria	31	3,3	26	5,7	57	4,1
História do Brasil	22	2,3	13	2,8	35	2,5
Contos pátrios	20	2,1	8	1,7	28	2,01
Livros de Proença	17	1,8	10	2,2	27	1,9
Primeiros passos	21	2,2	5	1,1	26	1,8
Coração	16	1,7	6	1,3	22	1,5
Livros de ciências ²⁷	13	1,3	7	1,5	20	1,4
Cartilha	14	1,5	6	1,3	22	1,4
Leituras escolares	11	1,1	7	1,5	18	1,2
Leitura preparatória	13	1,3	4	0,8	17	1,2
Minha terra e minha gente	12	1,2	-	-	12	0,8
Céu, terra e mar	11	1,1	1	0,2	12	0,8
TOTAL	664	69,01	325	71,5	969	69,8

FANTASIA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Contos da Carochinha	63	6,7	29	6,3	92	6,6
Histórias da avozinha	39	4,1	8	1,7	47	3,3
As 3 cabeças de ouro	31	3,3	11	2,4	42	3,02
A gata borralheira	26	2,7	12	2,6	38	2,7
Robinson Crusoe	19	2,03	15	3,3	34	2,4
Pinocchio	21	2,2	12	2,6	33	2,7
Mil e uma noites	22	2,3	10	2,2	32	2,3
A filha da floresta	29	3,1	1	0,2	30	2,1
A serpente negra	21	2,2	8	1,7	29	2,09
O arco da velha	21	1,6	8	1,7	29	2,09
O isqueiro encantado	15	1,9	13	2,8	28	2,01
O gato de botas	18	1,8	9	1,9	27	1,9
História da baratinha	24	2,5	2	0,4	26	1,8
Contos de fadas	23	2,4	3	0,6	26	1,8
O patinho feio	23	2,4	3	0,6	26	1,8
Branca de neve	20	2,1	5	1,1	25	1,8
Memórias de um burro	15	1,6	9	1,9	24	1,7
O soldadinho de chumbo	18	1,9	5	1,1	23	1,6
A galinha dos ovos de ouro	20	2,1	3	0,6	23	1,6
Fábulas	10	1,5	9	1,9	23	1,6
O sargento verde	10	1,5	9	1,9	23	1,6
Árvore de natal	15	1,6	7	1,5	22	1,5

²⁷ Cecília Meireles afirma que levam a rubrica “livros de ciências” os compêndios das várias matérias.

Histórias maravilhosas	20	2,1	1	0,2	21	1,5
Bem-te-vi feiticeiro	10	1,07	11	2,4	21	1,5
Ali-babá	13	1,3	7	1,5	20	1,4
A rosa mágica	15	1,6	3	0,6	18	1,2
Os 3 príncipes coroados	13	1,3	5	1,1	18	1,2
Pétala de rosa	12	1,2	5	1,1	17	1,2
As quatro raparigas	15	1,6	1	0,2	16	1,1
As meninas exemplares	15	1,6	1	0,2	16	1,1
Férias	14	1,5	2	0,4	16	1,1
Chapeuzinho vermelho	13	1,3	3	0,6	16	1,1
Aladino	10	1,07	5	1,1	15	1,08
O lago das pedras preciosas	11	1,1	2	0,4	13	0,9
Desastres de Sofia	11	1,1	2	0,4	13	0,9
A flor encarnada	10	1,07	3	0,6	13	0,9
Cisnes selvagens	10	1,07	3	0,6	13	0,9
A borboleta amarela	12	1,2	-	-	13	0,8
Reino encantado	11	1,1	1	0,2	12	0,8
O que a velha paineira contou	11	1,1	-	-	11	0,7
O sapato de natal	11	1,1	-	-	11	0,7
O cestinho de flores	10	1,07	-	-	10	0,7
TOTAL	768	82,3	241	53,08	1009	72,7

LITERATURA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
O guarani	47	5,03	16	3,5	63	4,5
Iracema	49	5,2	10	2,2	59	4,2
A moreninha	38	4,07	5	1,1	43	3,1
Magali	26	2,7	1	0,2	27	1,9
Annita	17	1,8	1	0,2	18	1,2
Escrava ou rainha	17	1,8	-	-	17	1,2
Odette	15	1,6	-	-	15	1,08
Entre duas almas	13	1,3	-	-	13	0,9
Exilada	13	1,3	-	-	13	0,9
Tronco de ipê	13	1,3	-	-	13	0,9
Freirinha	11	1,1	1	0,2	12	0,8
Alma	11	1,1	1	0,2	12	0,8
Inocência	11	1,1	1	0,2	12	0,8
TOTAL	281	30,1	36	7,9	317	22,8

Respostas prejudicadas	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Improveitáveis (por absurdas)	10	1	13	2,8	23	1,6
Sem resposta	5	0,5	5	1,1	10	0,7
“Não”	1	0,1	2	0,4	3	0,2
“Não me lembro”	3	0,3	-	-	3	0,2
“Muitos”	1	0,1	-	-	1	0,07
“Sim”	-	-	1	0,2	1	0,07
“Para todos” e “Primeira” (*)	-	-	1	0,2	1	0,07

(*) - Duas revistas com esses nomes.

Os quadros sugerem algumas obras lidas pelos estudantes que responderam ao Inquérito e aquilo que eles gostariam de informar ao seu entrevistador. Ainda nas primeiras páginas do Relatório do Inquérito, Cecília Meireles comenta sobre a produção da pesquisa e diz a respeito de seus contratempos, um deles

o entranhado interesse, por parte dos professores, para que os seus alunos respondam certo. Vício decorrente das antigas provas, desejo de ver brilhar o talento e a aplicação de sua classe, um certo temor de se verem mal representados mediante os acasos que a podem atingir – seja como for, aí está um ponto importante para o valor de um inquérito desta natureza, sobre o qual os professores refletirão com proveito. (MEIRELES, 1934, 05-06)

A própria pesquisadora alerta: desconfiar das repostas do Inquérito pode ser uma atitude necessária. Talvez as crianças elaborassem suas respostas pensando no que suas professoras gostariam que elas dissessem e não no que liam ou pensavam em outras ocasiões, com outras finalidades, em outros gêneros.

Olhar para essas respostas significa assumir que essa pesquisa se insere no campo das representações, e assim as respostas das crianças indiciam parte do que podemos compreender das leituras infantis, mas também como expressão do que era “desejável” e permitido dizer sobre essas leituras em uma situação institucional.

Nesta direção, estamos em um “campo movediço”, configurado de um lado pelas respostas dadas pelas crianças a um Inquérito oficial, organizadas por uma entrevistadora (professora, jornalista, funcionária do Instituto de Pesquisas Educacionais, etc); e, de outro lado, por um olhar da própria Cecília Meireles, que conduz sua interpretação para aquilo que considera importante destacar; para aquilo que, de certa forma, é coerente com sua concepção de leitura, de literatura, de infância.

No conjunto identificado como de respostas “inaproveitáveis/absurdas” (1,6%), “Para todos” e “Primeira” (0,07%) poderiam estar aquelas que se referiam a outras leituras que não de livros, não dos livros em circulação e reconhecidamente destinadas ao público infantil e escolar? As respostas “não [posso citar]” (0,2%); “não me lembro” (0,2%), “sem resposta” (0,7%), poderiam significar um não querer dizer sobre aquilo que liam em outras condições ou uma negação da leitura dos livros por parte das crianças?

Sabemos que Cecília, como também muitos outros educadores, em diferentes ocasiões, manifestou-se contrária à leitura que não fosse a dos bons livros, como destaca Soares (2007):

Diante do desenvolvimento da indústria editorial, do rádio e do cinema, na primeira metade do século XX, revelava-se cada vez mais difícil privilegiar, na formação infantil, o alimento cultural essencial – os contos folclóricos de origem rural, incontaminados, as obras literárias eternas. Em Meireles, os termos do relacionamento com tais modernidades eram de resistência (p.389).

Assim também pouco podemos inferir sobre o universo de leitura que fica encoberto, ambíguo pelo apagamento das respostas que não atingem a quantidade previamente estipulada por ela (no mínimo dez respostas). É o caso, por exemplo, de um único menino que cita duas revistas da época: “Para todos” e “Primeira” em relação à pergunta número três do Inquérito “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”. Por que só ele faz referência a elas? O que essas revistas podem representar do conjunto em circulação na época? Por que a revista “O Tico-Tico”, lançada em 1905, reconhecida pelos estudiosos atuais (Lajolo e Zilberman (1984); Arroyo (1968)) como a mais famosa revista destinada ao público infantil, não foi lembrada por nenhuma criança?

De acordo com Siqueira (2005), no início da década de 1920, a Sociedade Anônima “O Malho” publicava, além da revista “O Malho”, o semanário infantil “O Tico-Tico”, a revista mensal “Leitura para todos”, o semanário “mundano esportivo” “Arlequim”, os almanaques de “O Malho” e “O Tico-Tico”, a revista “Ilustração Brasileira” e o semanário ilustrado “Para Todos”, que foi citado pelo entrevistado do Inquérito realizado por Cecília Meireles.

Uma única resposta faz referência a “Para todos”, periódico que embora não produzido especialmente para crianças, é significativa para o entrevistado. E para quantos outros? Até que ponto a pergunta formulada como “cite os nomes dos **livros** que leu” (grifo nosso) não inibiu respostas referentes às leituras de gibis, jornais, almanaques, bíblias?

Segundo Vidal (2001a) nos “discursos da década de 1930, emergia o desejo em destacar a importância do livro para o ensino renovado” (p. 201), havendo uma oposição apenas ao livro-texto, sendo leitura um dos destaques na formação intelectual das crianças.

A revista “Para todos”²⁸, segundo Mauad (2005), era uma revista ilustrada destinada à elite burguesa e veiculava em seu conteúdo comportamentos e imagens relacionadas a este público. Era uma das muitas revistas do período, como “Careta”, “Fonfon”, “O Cruzeiro”, “Revista da Semana”, “Kosmos”, etc. A “Para todos” trazia propagandas de diversos produtos, textos de autores consagrados, fotografias da elite carioca, charges e páginas sobre cinema, que era sua especialidade, etc.

A outra revista citada pelo entrevistado foi a “Primeira”, entretanto não conseguimos informações sobre ela.

De um modo geral, as respostas dadas a esta questão - livros lidos cujos nomes podem ser citados - aponta, aparentemente, muitos e diversos títulos, nos levando a pensar que a produção editorial voltada para crianças na época era farta. São pelo menos 20 livros escolares, 42 livros de fantasia e 13 livros de literatura, contabilizando 75 títulos. No entanto, quando olhamos para os autores ou coleções que integram este conjunto, temos uma pequena concentração em algumas obras, enquanto a maior parte das citações espalha-se por indicações mínimas, talvez porque serem as obras mais acessíveis para compra, pela tradição no mercado (alguns títulos foram publicados no final do século XIX), ou foram adotados e comprados pela escola.

Ao olharmos de maneira geral, nas respostas tanto dos meninos quanto nas das meninas, agrupadas na categoria “livros de fantasia” (72,7%) encontramos como mais citado o livro “Contos da Carochinha” (6,6%). No agrupamento dos “escolares” (69,8%) o destaque é para “Livros de Erasmo Braga (14,1%) e nos “livros de literatura” (22,8%) destacamos com percentual quase equiparado citações para “O guarani” (4,5%) e “Iracema” (4,2%).

Nos três quadros em que Cecília Meireles dispõe os livros referidos pelas crianças e jovens, identificamos a maioria das obras citadas apenas pelos seus títulos. Porém uma pequena parcela das obras é mencionada pelo nome de seu autor, como “Livros de Erasmo Braga”, “Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro” e “Livros de Proença”. Parece-nos que Cecília Meireles, ao organizar o Relatório do Inquérito, não via a necessidade de identificar os autores das obras de forma mais completa, talvez por serem obras de grande circulação

²⁸ O “Programa Petrobras Cultural” patrocinou a digitalização de nove anos das publicações da revista “Para todos” e “O Malho”, que foram doadas ao acervo da Biblioteca Nacional e podem ser visualizada no seguinte endereço eletrônico: <http://www.jotacarlos.org/> e também no arquivo digital da Biblioteca Nacional.

no período, ou, ainda, pelo fato de Cecília Meireles ter optado por reunir as respostas tal como elas foram dadas pelos entrevistados.

No entanto, ao lermos o Relatório do Inquérito mais de 70 anos após sua publicação, temos dificuldade em compreender quais são as obras mencionadas, apenas pelas informações registradas no Relatório. Devido a isto, buscamos conhecer e situar o panorama de leituras realizadas pelas crianças e jovens cariocas dos anos 30, através de uma pesquisa sobre os títulos citados nos quadros referentes à 3ª questão do Relatório do Inquérito.

Pesquisamos os títulos em sebos *online*, no site do Centro de Referência em Educação Mário Covas, onde algumas vezes era possível ver a foto da obra, e no site do projeto “Memória de Leitura”²⁹. Olhamos, também, para estudos realizados sobre alguns autores e títulos citados, e para trabalhos que fizeram referência a algum deles, mesmo que de forma indireta, e, ainda, trabalhos que detalharam o panorama histórico da literatura infantil e juvenil no Brasil (Coelho (1981, 1985), Maziero (2006), Arroyo (1968)).

Não foi possível, entretanto, completar o quadro da maneira que idealizamos, trazendo obra, autor, editora e data de publicação da 1ª edição, por diferentes razões. Em alguns casos não conseguimos identificar a autoria das obras, pois, algumas vezes, no Relatório do Inquérito aparecia o título parcial da obra, como é o caso do livro “Alma”; outras vezes, havia várias obras com títulos idênticos ou semelhantes, datadas da época em que o Inquérito foi realizado, como “História do Brasil”. Em outros casos, não conseguimos precisar o ano em que a obra foi editada pela primeira vez, como é o caso da coleção organizada por Arnaldo de O. Barreto, publicada entre os anos de 1915 e 1925. Também não foi possível encontrar menções a algumas obras: “O que a velha paineira contou” ou “Reino encantado”, que provavelmente circulavam naquela época e caíram no esquecimento, sendo praticamente apagadas da História da Leitura e do Livro, o que exige uma investigação mais apurada.

Com o intuito de explorar as respostas dadas pelas crianças e jovens, apresentamos os três quadros, completados³⁰ por nós com a busca em outras fontes, organizados nos grupos de livros: *fantasia*, *escolares* e *literatura*.

²⁹ Projeto organizado pelas professoras doutoras Márcia Abreu e Marisa Lajolo, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp e pode ser acessado em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

³⁰ Os dados completados por nós estão destacados em cinza.

3.1. Os livros de *fantasia*

Através das respostas oferecidas pelas crianças à terceira questão do Inquérito, Cecília Meireles contabilizou 75 livros, destes 42 foram categorizados por ela como livros de *fantasia*. Destacamos estes livros, juntamente com seus autores, editora e ano de publicação no seguinte quadro:

FANTASIA	AUTOR	EDITORIA	Ano de publicação
Contos da Carochinha	Figueiredo Pimentel	Quaresma	1894
Histórias da avozinha	Figueiredo Pimentel	Quaresma	1896
As 3 cabeças de ouro	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
A gata borralheira	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Robinson Crusoe	Daniel Defoe (traduzido por Carlos Jansen)	Laemmert	1885
Pinocchio	Carlo Collodi		
Mil e uma noites	Traduzido por Carlos Jansen	Laemmert	1882
A filha da floresta	Thales de Andrade	Cia Melhoramentos	1919
A serpente negra	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
O arco da velha	Figueiredo Pimentel	Quaresma	1897
O isqueiro encantado	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
O gato de botas	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
História da baratinha	Figueiredo Pimentel	Quaresma	1896
Contos de fadas	Figueiredo Pimentel	Quaresma	1896
O patinho feio	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	1915
Branca de neve	Irmãos Grimm		
Memórias de um burro ³¹	Condessa de Ségur/Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	1859/ Entre 1915 e 1925
O soldadinho de chumbo	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
A galinha dos ovos de ouro	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Fábulas	Monteiro Lobato		1922
O sargento verde	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Árvore de natal	Antônio Ferro	Portugália	1920
Histórias maravilhosas	Selma Lagerlöf	Globo	1926
Bem-te-vi feiticeiro	Thales de Andrade	Cia Melhoramentos	19--
Ali-babá	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
A rosa mágica	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Os 3 príncipes coroados	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Pétala de rosa	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
As quatro raparigas	Maria Paula de Azevedo	Aillaud	1916
As meninas exemplares	Condessa de Ségur	Francisco Alves	1856
Férias	Condessa de Ségur	Francisco Alves	1857
Chapeuzinho vermelho	Perrault		
Aladino	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
O lago das pedras preciosas	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925

³¹ “Memórias de um burro” foi escrito pela Condessa de Ségur e consta uma adaptação deste livro na coleção “Biblioteca Infantil Melhoramentos”, organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto.

Desastres de Sofia	Condessa de Ségur	Francisco Alves	1859
A flor encarnada	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Cisnes selvagens	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
A borboleta amarela	Arnaldo Barreto	Cia Melhoramentos	Entre 1915 e 1925
Reino encantado	M. Amália e G. Crespo ³²		
O que a velha paineira contou	Leila Leonardos ³³		
O sapato de natal	Coelho Neto		1927
O cestinho de flores	Cônego Schmid ³⁴	Garnier	1865 (2ª edição brasileira)

Neste quadro, composto pelos 42 títulos de livros de fantasia, identificamos a presença de pelo menos 18 diferentes escritores, a presença de pelo menos sete editoras, e o período de publicação compreendido entre os anos de 1856 a 1926. Podemos indicar, ainda, a predominância dos contos de fadas e populares e a força das traduções e adaptações.

Observando as datas de publicação, podemos dizer que há pelo menos 11 títulos datados da segunda metade do século XIX, 26 títulos dos anos de 1910 a 1927 e cinco que não conseguimos identificar a data.

Olhando para os nomes dos autores, podemos dizer que alguns foram lembrados de maneira dispersa, com apenas um título cada: Monteiro Lobato, Carlo Collodi, Maria Paula de Azevedo, Coelho Neto, Leila Leonardos, Antonio Ferro, Selma Lagerlöf, Cônego Schmid e M. Amália e G. Crespo.

Outros autores são vistos no quadro com um grande número de obras concentradas em torno deles: Arnaldo O. Barreto (19 títulos), Figueiredo Pimentel (5 títulos) e Carlos Jansen (2 títulos).

³² Gonçalves Crespo (1846 - 1883) era brasileiro, mas viveu a maior parte de sua vida em Portugal e foi casado com a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 - 1921).

³³ Procuramos em muitos livros e sites pelo autor desta obra, que nos parece ser um daqueles escritores que foram apagados da História do Livro. Procurando através de buscadores da internet, encontramos uma entrevista de uma sobrinha de Leila Leonardos, a poetisa Stella Leonardos, onde ela cita os escritores da sua família, entre eles está a autora de “O que a velha paineira contou”. A entrevista está disponível em: http://www.uape.com.br/poesiaViva/poesiaViva30_entrevista.htm

³⁴ Andréa Borges Leão, no artigo “A Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil – gênese e formação de um campo literário (1858 –1920)”, trata da coleção do Cônego Schmid, traduzida no Brasil por Nuno Álvares, encontrado na Revista **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 21, p. 159-183, jan/abr 2007. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

Com o intuito de visualizar melhor a quantidade de livros por autor, criamos a tabela a seguir:

Autor	Quantidade de livros
Arnaldo Barreto	19
Figueiredo Pimentel	5
Condessa de Ségur	4
Carlos Jansen	2
Thales de Andrade	2
Monteiro Lobato	1
Antônio Ferro	1
Selma Lagerlöff	1
Coelho Neto	1
Cônego Schmid	1
M. Amália e G. Crespo	1
Maria Paula de Azevedo	1
Leila Leonardos	1
Perrault	1
Carlo Collodi	1
Total de livros	42

Neste quadro, encontramos escritores com várias obras e outros com apenas uma. Temos autores brasileiros como Arnaldo Barreto, Figueiredo Pimentel, Carlos Jansen, Monteiro Lobato, Thales de Andrade, Coelho Neto e Leila Leonardos, bem como autores estrangeiros, como Condessa de Ségur, Antônio Ferro, Selma Lagerlöff, Cônego Schmid, M. Amália e G. Crespo, Maria Paula de Azevedo, Perrault e Carlo Collodi. Dentre os estrangeiros, encontramos três autores portugueses: Antonio Ferro, Maria Paula de Azevedo e M. Amália.

Embora alguns não tenham podido ser recuperados, como Leila Leonardos, muitos desses autores como Arnaldo Barreto, Figueiredo Pimentel, Cônego Schmid, Thales de Andrade, Monteiro Lobato, Coelho Neto, que escreviam os “livros de fantasia” que circulavam entre crianças e jovens nos anos 30, são citados por autores que estudam a História da Literatura Infantil brasileira. Outros, ainda que não sejam atualmente tão conhecidos no Brasil, como por exemplo, Antonio Ferro e Maria Amália Vaz de Carvalho, são autores ainda lidos, estudados e lembrados em Portugal até hoje. Antonio Ferro foi um intelectual português ligado ao mundo artístico, ao cinema, à literatura e também ao jornalismo e à política. Já Maria Amália Vaz de Carvalho é lembrada e estudada por ser uma das mulheres com mais visibilidade da vida pública no início do século XX em

Portugal, sendo a primeira mulher a ingressar para a Academia das Ciências de Lisboa. Escrevia para vários jornais portugueses e para o jornal carioca “Jornal do Commercio”. Foi uma escritora de uma grande variedade de gêneros; escreveu contos, ensaios, biografias, crítica literária, literatura infantil e obras didáticas. Dentre a literatura para crianças, destaca-se “Contos para os nossos filhos” (1886) - escrita junto com o seu marido G. Crespo e aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública para uso nas escolas primárias cariocas. É provável que tenham caído no “esquecimento” por não serem autores brasileiros, mas que por caminhos nem sempre facilmente explicáveis alcançaram publicações por aqui, em um determinado tempo.

Com a intenção de nos aproximarmos de alguns dos autores citados pelas crianças entrevistadas, optamos por reuni-los em dois grupos: produção não nacional e produção nacional, enfatizando os autores com mais títulos citados e aqueles mencionados por Cecília Meireles em suas “Crônicas de Educação”. Buscando trazer algumas informações sobre eles, destacamos na produção não nacional: Arnaldo Barreto (19 livros), Figueiredo Pimentel (5), Condessa de Ségur (4), Carlos Jansen (2) e dois autores que foram citados com apenas uma obra cada, mas são comentados por Cecília Meireles em suas crônicas: Monteiro Lobato e Selma Lagerlöff.³⁵ E na produção nacional: Thales de Andrade (2).

3.1.1. Produção não nacional

Entre os livros categorizados por Cecília Meireles como “livros de fantasia”, podemos dizer que a maioria deles foi adaptada ou traduzida. Teríamos como obras de autoria de autores nacionais alguns poucos livros citados: os de Thales de Andrade, talvez o de Leila Leonardos (sobre o qual não conseguimos informações) e o de Coelho Neto. Todos os outros são traduções ou adaptações de obras estrangeiras, na maioria de contos de fada ou contos tradicionais.

Zilberman (2005) afirma que, no início do século XX, ainda não havia uma tradição de literatura infantil no Brasil, assim algumas estratégias foram utilizadas para atender o público infantil: traduziram-se obras estrangeiras; fizeram-se adaptações de obras

³⁵ Arnaldo Barreto, Figueiredo Pimentel, Carlos Jansen são autores brasileiros, contudo, são adaptadores de obras não-nacionais.

destinadas a adultos; modificou-se o material escolar (livros didáticos também chamados de “seletas”, “livros de leitura” ou “antologias”) e resgatou-se a tradição popular e oral, transcrevendo histórias que eram contadas oralmente por mães, amas e escravas. Diz, ainda, esta autora, que tais estratégias não foram inventadas pelos brasileiros, sendo soluções inspiradas na Europa que, além de ser modelo para a mudança do regime político, também oferecia os modelos de como se escrever para crianças.

Notamos que as traduções também tiveram espaço nos comentários de Cecília Meireles, em suas “Crônicas de Educação”, como podemos observar neste trecho:

As traduções nem sempre são boas, porque em geral se desdenha a criança, e admite-se criminosamente que qualquer coisa que a entretém é já leitura interessante. Isso é um erro grosseiro, aliás, dos que se querem ver livres dos filhos ou alunos, e, à conveniência de os verem entretidos, sacrificam a incerteza de os verem educados. (Livros para crianças [II] - 4 de novembro de 1931³⁶)

Cecília Meireles tem consciência do problema das traduções. Faz uma crítica e um alerta para que se atente ao fato da criança ser um leitor exigente e merecedor de livros de boa qualidade. O leitor infantil não se distrai, não se entretém ou se interessa por qualquer leitura. Para a autora, as más traduções são formas de desdenhar a criança. Um leitor iniciante, em formação, precisa ler bons textos, ser bem orientado pelo adulto, que não pode se despreocupar com a formação da infância, nem colocar em risco sua educação à custa dos maus livros. Para Cecília Meireles, a leitura educa, não apenas entretém ou diverte o leitor infantil. Os livros, desta forma, precisam ser de qualidade, assim como as traduções. E os pequenos leitores devem ser respeitados.

A ABE, após a 1ª Exposição de Livros, em 1930, fez algumas sugestões aos editores, dizendo sobre o que consideravam como o mínimo de condições que tornam um livro aceitável para crianças. Entre estas sugestões, publicadas na Revista Schola e na imprensa, estava o problema das traduções: “As traduções devem sempre ser confiadas a escritores competentes, cujo nome deve figurar em seguida ao do autor”. (PIMENTA, 2001, p. 53)

³⁶ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.4. Nova Fronteira/Biblioteca Nacional: 2001, p. 135.

Observando as respostas das crianças, temos duas obras clássicas bastante citadas: “Mil e uma noites” e “Robinson Crusoe”, que foram traduzidas por Carlos Jansen, professor do Colégio D. Pedro II. De acordo com Arroyo (1968) este professor percebeu

as deficiências que havia no Brasil no terreno da literatura infantil e juvenil e as já manifestas inconveniências representadas pelas traduções ou originais portugueses. Carlos Jansen inscreve-se, desse modo, entre os pioneiros de nossa literatura infantil não só pelas traduções que realizou, como também pela consciência que tinha do problema. (p. 172)

Carlos Jansen traduziu outros clássicos da literatura para crianças. Seus livros continham muitas gravuras e tinham grande êxito entre os jovens leitores.

Um outro autor mencionado pelas crianças foi Alberto Figueiredo Pimentel (1869 - 1914), escritor carioca que inicia sua carreira no jornalismo, sendo considerado um dos pioneiros nesta área, e intelectual preocupado com a popularização dos livros. Foi citado com cinco títulos: “Contos da Carochinha”, “Histórias da Avozinha”, “O arco da velha”³⁷, “Histórias da baratinha” e “Contos de fada”, todos eles traduções e adaptações das histórias de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, surgidos a partir de 1894, com a “Biblioteca da Livraria do Povo”, a Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma, cujo editor, no fim do século XIX e início do século XX, juntamente com outros editores cariocas, perceberam que havia a necessidade de fazer com que as crianças se aproximassem da leitura. Segundo Sandroni (1986), três grandes editores: Quaresma, Garnier e Laemmert buscaram solucionar o “conflito das linguagens oral e escrita que afastava o leitor infantil brasileiro da literatura infantil proveniente de Portugal” (32), abrasi-leirando o comércio de livros.

Figueiredo Pimentel representa o início das traduções brasileiras, com uma nova orientação, não se preocupando apenas com o público escolar, mas tornando os livros mais populares (inclusive na sua forma, livros menores e mais baratos). Embora tenha feito a nacionalização da linguagem, não modificou o que refere aos temas e os textos ainda traziam conotações morais. Contudo, Arroyo (1968) afirma que ao

mesmo tempo, os livros de Figueiredo Pimentel subvertiam inteiramente como leitura os cânones da época, sobre serem escritos em linguagem solta, livre, espontânea, e bem brasileira para o tempo. Foram livros que atravessaram anos. (p. 178)

³⁷ O título correto do livro de Pimentel é “Histórias do arco da velha”.

De maneira geral, podemos dizer que essas obras são representativas de uma mudança editorial no que era produzido para crianças: trazendo ilustrações, novo formato gráfico, adaptações para a linguagem brasileira e para o público infantil, etc.

A obra “Contos da Carochinha” foi o primeiro volume da coleção escrita por Figueiredo Pimentel. Na dedicatória do livro, segundo Sandroni (1986), o autor diz:

São histórias para crianças, mas todas têm moral muito proveitosa, ensinando que a única felicidade está na Virtude, e que a alegria só vem de uma vida honesta e serena. E ainda, “E lembra-te que a vida de família é a única feliz, que o lar é o único mundo onde se vive bem, onde a Mulher, boa, santa, pura, carinhosa, impera como rainha” (p. 33)

De acordo Coelho (1985) a obra de Pimentel é composta por:

61 contos populares, morais e proveitosos de vários países, traduzidos ou recolhidos da tradição local. Nessa recolha há contos de Perrault, Grimm e Andersen; fábulas; apólogos; alegorias; contos exemplares; lendas; parábolas; provérbios; contos jocosos; etc (p. 176).

Sandroni (1986) traz um trecho do “Diário de Notícias”, no qual se afirma que a obra “Contos da Carochinha” era bem aceita, considerada um excelente trabalho para uso nas escolas e na formação da infância, comprovando o que existia no mercado livresco dos anos 30:

excelente trabalho de grande utilidade para as escolas, porque, ao mesmo tempo que deleita as crianças, interessando-as com a narração de contos morais muito bem traçados, lhes desperta os sentimentos do Bem, da Religião e de caridade, principais elementos da educação da infância (p. 33)

Afirma que os contos de Figueiredo Pimentel, tanto os “Contos da Carochinha” como “História da Avozinha”, tinham preocupações educativas relacionadas a lições de moralidade, encerrando sempre com um fundo moral e piedoso. Embora pudessem deleitar as crianças, tinham uma função de educá-las moralmente. Analisando o livro “Contos da Carochinha”, Sandroni diz que os objetivos relacionados à moral eram absolutamente cumpridos na obra de Pimentel:

e talvez ficasse admirado se alguém notasse à época que a riqueza vem sempre associada à vitória do bem (Fortuna tem sempre o sentido de felicidade + dinheiro). Que beleza e riqueza estão juntas não só na rima. Feiúra é associada sempre à maldade (assim como a cor preta). Enfim que todos os preconceitos do adulto estão presentes nos contos “morais e educativos” (SANDRONI, 1986, p. 33).

Valores de uma moral dogmática, religiosa, pretendem ser transmitidos pela obra de Pimentel, com uma imagem de mulher que está no lar, e não fora dele, uma mulher que deve ser vista como o modelo mariano, semelhante à Virgem Maria, pura, cândida, santa, como ocorre, também, nos livros de M. Delly, que abordaremos posteriormente (Cunha, 1999).

Um outro autor muito lembrado pelos jovens leitores foi Arnaldo de Oliveira Barreto (1869 - 1925). Um educador e escritor paulista que atuou em várias áreas: foi professor de várias escolas paulistas, inspetor das escolas anexas do estado de São Paulo e diretor da Escola Normal da Praça da República, autor preocupado com a questão da leitura, dedicando-se à produção de cartilhas, livros de leitura, artigos sobre o assunto e adaptações de histórias infantis.

Nota-se, nos dados do Relatório do Inquérito referentes à terceira questão, a grande presença de livros pertencentes à “Coleção Biblioteca Infantil”, organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto, na Editora Melhoramentos/SP, entre os anos de 1915 e 1925. Dos 42 livros categorizados como livros de *fantasia*, encontram-se 19 livros desta coleção.

De acordo com Maziero (2006), em 1925, ano da morte de Arnaldo Barreto, esta coleção era composta por 28 títulos³⁸, sendo o primeiro, “O patinho feio”, uma adaptação do conto de Andersen, publicado em 1915. Assim, apenas 9 títulos da coleção não foram citados pelas crianças e jovens.³⁹

³⁸ Os títulos que compõem a “Coleção Biblioteca Infantil” foram publicados entre 1915 e 1925; são eles: O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, O Vellocino de Ouro (2 vol.), O Isqueiro Encantado, Os Cisnes Selvagens, Viagens Maravilhosas de Simbad, o Marinheiro (2vol.), A rosa Mágica, O Califa Stork, As Três cabeças de Ouro, Memórias de um Burro, O Filho do Pescador, O Gato de Botas, Os Três Príncipes Coroados, O Sargento Verde, A Serpente Negra, O Lago das Pedras Preciosas, A Festa das Lanternas, Flor Encarnada, Aladino ou a Lâmpada Maravilhosa, A Borboleta Amarela, A Galinha dos Ovos de Ouro, A Gata Borralheira, Ali Babá e os Quarenta Ladrões, O anão amarelo, A Veadinha Cor de Neve, Pétala de Rosa, O Gigante de Cabelos de Ouro, O Cavaleiro do Cisne.

³⁹ Os títulos da “Coleção Biblioteca Infantil” que não foram mencionados nesta questão são: O Vellocino de Ouro (2 vol.), Viagens Maravilhosas de Simbad, o Marinheiro (2vol.), O Califa Stork, O Filho do Pescador, A Festa das Lanternas, O anão amarelo, A Veadinha Cor de Neve, O Gigante de Cabelos de Ouro, O Cavaleiro do Cisne.

Arroyo (1968) comenta o fato de que a coleção organizada por Barreto trouxe novidades no plano editorial, destacando o aspecto gráfico da obra, e sua diferença em relação aos livros publicados no século XIX, enfatizando, também, as gravuras coloridas:

Os livros da série inovavam a leitura para a infância pelo seu aspecto gráfico. Fisicamente já representavam um divórcio dos moldes escolares. Não eram volumes pesados, com aquela seriedade doutoral dos lançamentos do século XIX. Pelo contrário, desde seu aspecto externo eram uma festa para os olhos dos meninos pelo seu rosto colorido e a figura simpática da vovozinha cercada de netos. Eram volumes de poucas páginas entremeadas de gravuras também coloridas, histórias compostas em tipo grande, com um equilíbrio de texto em cada página que se constituía em verdadeira atração para a leitura. (ARROYO, 1968, p. 187)

Coelho (1985) comenta ainda, que a coleção dirigida por Arnaldo O. Barreto era ilustrada pelos melhores desenhistas da época e que teve várias reedições.

Após a morte de Arnaldo de Oliveira Barreto, Lourenço Filho foi convidado, em 1926, a assumir a “Biblioteca Infantil” da Editora Melhoramentos. De acordo com Soares (2002), Lourenço Filho fez uma revisão nos volumes da Biblioteca Infantil, simplificando o vocabulário e modificando algumas passagens dos livros. Contudo, não nos foi possível identificar se as edições que eram lidas pelas crianças eram as revisadas por Lourenço Filho.

Ao lado dos tradutores dos clássicos - contos de fadas, contos populares - temos autores estrangeiros publicando no período em que o Inquérito é feito. São os contemporâneos daqueles leitores: Condessa de Ségur e Selma Lagerlöff.

Condessa de Ségur, ou Sophie de Ségur (1799 - 1874), teve quatro livros citados pelos jovens leitores do Inquérito: “Memórias de um burro” (1,7%), “As meninas exemplares” (1,1%), “Férias” (1,1%) e “Desastres de Sofia” (0,9%). Destacamos no gráfico abaixo os livros da Condessa de Ségur mencionados pelas crianças e jovens no Inquérito, juntamente com as quantidades de citações de meninos e meninas:

Livros - Condessa de Ségur	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Memórias de um burro	15	1,6	9	1,9	24	1,7
As meninas exemplares	15	1,6	1	0,2	16	1,1
Férias	14	1,5	2	0,4	16	1,1
Desastres de Sofia	11	1,1	2	0,4	13	0,9
Total de citações Condessa de Segur	55	5,8	14	2,9	69	4,8

Percebemos que com a exceção de “Memórias de um burro”, citado pelos meninos com um percentual maior que das meninas (1,9% pelos meninos e 1,6% pelas meninas), os outros três livros foram mais mencionados pelas meninas. Enquanto há 5,8% de citações das meninas, há apenas 2,9% das citações dos meninos para os livros desta escritora.

Segundo Coelho (1985), a Condessa de Ségur, escritora nascida na Rússia, iniciou sua carreira tarde, devido à mudança para Londres de suas netas, a quem contava histórias, resolvendo escrevê-las e enviar para elas. Seus textos foram mostrados a um editor, publicados e obtiveram grande sucesso. Consta que “desde 1886, seus livros, no original já eram conhecidos no Brasil e dados a ler às meninas nos colégios”. (p. 151)

Seus livros davam outro tom ao que era destinado à criança naquele período: apresentavam diversidade de lugares onde se passavam as histórias, diálogos, ritmo rápido, emoção. Entretanto, continuavam com a ideia de educar o jovem. Traziam os modelos de comportamento a serem seguidos por crianças e jovens, representando uma mentalidade patriarcal, cristã, aristocrática, autoritária e classista. A sua obra mais indicada pelas crianças e jovens do inquérito foi “Memórias de um burro” (1,7%), e revela esses valores e modelos:

A submissão voluntária e indiscutível do inferior ao superior está evidente na devoção do burro aos seus donos. Devido a maus tratos por parte deles, ele foge várias vezes, mas nunca lhe passa pela cabeça viver em liberdade, sem um dono. Por outro lado, todas as suas reações negativas a atos censuráveis das pessoas com quem ele conviveu, foram reconhecidos depois como atos reprováveis, pelos quais ele foi castigado e dos quais se arrependeu totalmente. (COELHO, 1985, p. 151)

A obra da Condessa de Ségur segue, segundo Coelho (1991), uma estrutura em que o herói vai se transformando ao longo da narrativa num personagem modelar. São livros baseados em fatos reais de uma sociedade romântico-burguesa, trazendo valores de comportamento que esta sociedade exige; obras bem humoradas, que se passam no meio familiar: um mundo onde tudo deve funcionar com harmonia. Uma história com intenções moralizantes e também para divertir as crianças. “Os Desastres de Sofia”, “As férias” e “As meninas exemplares” compõem uma trilogia. São histórias autobiográficas, que se passam num castelo onde Sofia, personagem principal, passa as férias com seus primos. Sofia faz muitas travessuras, sendo sempre corrigida pelos adultos. Uma perspectiva de literatura

modelar para crianças, que ensina comportamentos, submissão, respeito, servidão. Eram leituras indicadas para as meninas, com temáticas voltadas para o feminino infantil, por isso ser maior o número de leitoras encontrado.

De acordo com Arroyo (1968), os livros da Condessa de Ségur foram traduzidos por diferentes escritores e apresentavam ilustrações: “Os Desastres de Sofia”, traduzido por Abranches Lobo e com 48 gravuras de H. Castelli; “As férias” e “As meninas exemplares” continham gravuras de Bertall e foram traduzidos do francês por Luís Teixeira Machado, mas há, segundo o autor, crianças que os liam em francês. Tantas edições e investimentos em traduções ou no original criam uma tradição entre gerações de leitoras.

Entre os autores que foram citados de maneira mais dispersa, com apenas uma obra, destacamos Selma Lagerlöff (1858 - 1940), não apenas por ter sido mencionada no Relatório do Inquérito pelos jovens leitores pelo livro “Histórias Maravilhosas”, mas, especialmente por ter sido comentada em uma das Crônicas de Educação escritas por Cecília Meireles: “Literatura infantil [I]” datada de 28 de junho de 1930⁴⁰.

Selma Lagerlöff, escritora sueca, teve uma infância dedicada a ouvir e ler histórias, por ter nascido com uma deficiência na perna. Formou-se professora e era feminista. Recriou lendas e contos populares e recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1909. “A viagem de Nils Holgersson através da Suécia” (1906), foi um livro escrito a convite do diretor da escola de Husqvarna, com a proposta de que fosse um livro que ensinasse história e geografia para as crianças da escola primária.

Na crônica, ao dizer sobre o que seria “boa” literatura infantil, Cecília Meireles a cita com o livro “A viagem de Nils Holgersson”:

Como exemplo deste último caso [do que seria um bom livro para a infância], poderíamos citar o nunca assaz louvado livro de Selma Lagerlöff, *A viagem de Nils Holgersson*, - uma das obras mais belas, mais ricas, mais completas e espirituais que o mundo possui para leitores em transição da infância para a adolescência. Ali, o maravilhoso comedido é, apenas, um símbolo ou uma advertência. E que símbolo! E que advertência! (Literatura infantil [I] – 28 de junho de 1930)

Este excerto permite-nos pensar que a faixa etária, para Cecília Meireles, era um quesito importante para a definição de literatura infantil, e que os livros para leitores em

⁴⁰ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 2001, p. 119.

transição da infância para a adolescência deveriam ter atributos como “o maravilhoso comedido”.

Neste período, Selma Lagerlöff já era reconhecida como uma das maiores escritoras de seu país, tendo sido premiada em 1904; nota-se que se utiliza de suas experiências pedagógicas e literárias para escrever seu livro infantil, o qual Cecília Meireles coloca como “nunca assaz louvado livro de Selma Lagerlöff”, constituindo-se, portanto, em um grande exemplo daquilo que Cecília afirma ser “bom”, “adequado” para a infância, reforçando a idéia de literatura como prática educativa, formadora, como uma história simbólica que adverte os jovens leitores.

Como compreender o fato de Cecília Meireles, na crônica, tratar Selma Lagerlöff como escritora exemplar de literatura infantil e no Relatório do Inquérito classificar seu livro como “livro de fantasia”? Para Cecília Meireles, fantasia foi identificada no Inquérito como “historietas, fábulas, etc.”, com “características das ficções infantis” e como exemplo, o livro “Histórias maravilhosas” faria parte desse grupo.

Interessante lembrar que em 1930, a ABE (Associação Brasileira de Educação) realizou a 2ª Exposição de Livros⁴¹, tendo sugerido o livro “A viagem maravilhosa de Nils Holgersson” como um “livro-tipo” para crianças e jovens. (Pimenta, 2001).

A conceituação de literatura para crianças feita por Cecília Meireles é bastante oscilante, talvez até contraditória. Tal nomeação já era feita por ela em suas crônicas escritas no mesmo período (crônica Literatura Infantil [1], em 1930) como “literatura infantil” e no Relatório ela usa a expressão “livro de fantasia” (compreendendo historietas, fábulas). De qualquer maneira, conforme Soares (2007), Cecília Meireles:

valorizava a excelência literária alcançada por grandes mestres e conteúdos humanos representados em obras primas, pois iam ao encontro de demandas universais dos espíritos infantis e concorriam para prepará-los para atuar, com força interior, num mundo em mudança. As leituras cultivadas na infância Não tinham, pois, de ser nacionais e, tampouco, modernas. (p. 278)

⁴¹ Em 1930, a ABE realizou o segundo Inquérito sobre as leituras infantis, estendido a 5840 estudantes cariocas dos cursos primário e secundário. Cada aluno elegeu quatro livros de sua preferência, excluindo-se os didáticos. O resultado deste Inquérito foi apresentado na 2ª Exposição de Livros, em novembro de 1930. Nesta exposição, apresentavam-se além dos resultados do inquérito, os livros que a ABE indicava para as crianças, para os educadores, bem como as obras didáticas, recreativas, as revistas especializadas, as publicações referentes à leitura e o projeto de biblioteca infantil que se imaginava para o Rio de Janeiro. A exposição foi divulgada pela imprensa e na Página de Educação dirigida por Cecília Meireles.

Também é difícil definir nesta pesquisa até que ponto a obra “Fábulas”, se escrita por Monteiro Lobato (1882 – 1948), pode ser considerada uma tradução, adaptação ou criação. Como sabemos, Lobato (re)cria as fábulas dando aos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo uma função central de questioná-las, revisitá-las com humor, especialmente com as intervenções de Emília, a boneca de pano.

Mas, podemos considerar adequada a hipótese de que é Monteiro Lobato o autor da obra “Fábulas” citada, por ter escrito um livro com este título em 1922 e, também, por ter sido citado pelas crianças no Relatório do Inquérito na pergunta “De que autor você gosta mais?”.

Monteiro Lobato está entre os autores preferidos pelos leitores infantis, em especial pelas meninas; um autor contemporâneo que, posteriormente, seria conhecido como o melhor escritor de Literatura Infantil no Brasil. Ele aparece no Relatório do Inquérito em uma questão que será analisada no próximo capítulo, com 1,7% da preferência infantil quanto ao autor de que mais gostam e 0,7% quanto ao autor nacional preferido pelos jovens leitores, como veremos no próximo capítulo.

É interessante notar que “A menina do nariz arrebitado”, escrito em 1921 e enviado para as escolas públicas paulistas, não aparece no Relatório do Inquérito, apesar da compra de 30 mil exemplares autorizada pelo então presidente Washington Luís que, em visita às escolas, havia percebido que o livro de Lobato estava presente nas mãos de muitas crianças, inclusive apresentando-se bastante gasto pelo uso. (Lajolo, 1986).

O próprio Lobato, em sua crítica sempre voraz, se diz desconfiado dos resultados de inquéritos, como o promovido pelo jornal *O Estado de São Paulo*, um ano após o lançamento de “A menina do narizinho arrebitado”, junto às livrarias. Para Soares (2007):

Na visão de Lobato, os resultados do inquérito eram questionáveis por diversas razões, mas, em particular, porque as obras apreciadas por uma reduzida elite, compradora de livros, não coincidiam com as que circulavam entre parcelas mais extensas da população. Refletindo sobre as práticas mais difundidas nesse campo, o autor constatava que, depois de ter aprendido na escola a detestar o livro, a meninada não raro encontrava uma segunda chance para voltar à senda da leitura, quando lhes caía nas mãos o saboroso *best seller* proibido da França setecentista. (p. 180)

É neste contexto em que Lobato é criticado por alguns e amado por outros, que o Inquérito foi feito. A própria Cecília Meireles mostra a lenta aceitação de Lobato, que traz

um modelo de criança distinta do que se tinha até então, e de uma literatura que rompe com o que havia para a infância.

Em carta a Fernando de Azevedo⁴², Cecília Meireles afirma que recebeu e leu os livros de Lobato, fazendo uma crítica aos personagens e ao que ele escreve:

Recebi os livros do Lobato. Preciso saber o endereço dele para lhe agradecer diretamente. Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo o quanto há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus livros podem divertir (tenho reparado que divertem mais os adultos que as crianças), mas acho que deseducam muito. É uma pena. E que lindíssimas edições! Devo confessar-lhe que uma das coisas que estão me constringendo na elaboração deste livro é o seu próprio feitio em relação aos demais. O seu feitio literário, espiritual, requintado. Creio que só vale a pena fazer coisas assim. Por nenhuma fortuna do mundo eu assinaria um livro como os do Lobato, embora não deixe de os achar interessantes. Enfim, isso é um longo assunto, sobre o qual um dia discutiremos devagar. Tinha vontade de enviar-lhe uma cópia de um dos meus contos; mas, infelizmente, a única que tenho vai ser utilizada nesta experiência. Dentro de uma semana a receberá. (9 de novembro de 1932)

Diante de uma obra de Lobato, a qual Cecília Meireles acredita que agrada mais aos adultos e que poderia “deseducar” as crianças pelas personagens malcriadas, a autora vê a escrita de Lobato, com histórias engraçadas e em edições “lindíssimas”, em contraponto com o seu próprio livro,⁴³ que em certo momento a constrange por ser “literário, espiritual, requintado”, que é o que ela parece acreditar ser importante de ser oferecido ao território da infância.

Possivelmente, os livros de Monteiro Lobato estivessem presentes na Biblioteca Infantil organizada por Cecília Meireles. Em entrevista dada ao Diário de Notícias em 15 de janeiro de 1964⁴⁴, o único frequentador desta Biblioteca que localizamos - o poeta Geir Campos -, rememora os momentos que ali viveu, dizendo:

No Pavilhão Mourisco vi uma porção de filmes educativos, li o que havia das aventuras de Tarzan, de Sherlock Holmes, dos personagens de Dumas e Monteiro Lobato, de Julio Verne, os contos de Grimm e Andersen e Perrault que me deixavam maravilhado. Só muitos anos depois vim a saber que Dona Cecília era Meireles – detalhe que para mim, naquele tempo, nenhuma importância teria: ela era a fundadora e a diretora, mas o que me interessava mesmo era a biblioteca

⁴² LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Record: 1996, p. 229.

⁴³ Cecília Meireles refere-se ao livro de contos que estava escrevendo.

⁴⁴ CAMPOS, Geir de. Meu encontro com Cecília. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro: 15 de novembro de 1964.

infantil com os seus livros e divertimentos, meus únicos divertimentos de garoto pobre naqueles meses.

O depoimento de Geir Campos também nos informa as possíveis obras que fizeram parte da biblioteca do Pavilhão Mourisco e dá indícios da diversidade deste acervo: histórias em quadrinhos (Tarzan), livros de aventura, contos de fadas, além de filmes educativos. Para ele, acionando memórias de sua infância, Dona Cecília era:

uma professora morena e alta, de sorriso para quase tudo, que tudo resolvia e ordenava. E vez por outra Dona Cecília tirava-se de seus cuidados administrativos para conversar com frequentadores mirins do Pavilhão Mourisco, sobre os livros lidos ou a ler, os brinquedos brincados ou a brincar, os filmes vistos ou a ver, um pouco da vida vivida ou a viver.

Fica neste depoimento a imagem de Cecília Meireles como alguém que administrava pessoalmente este lugar, além de mediar a leitura de seus frequentadores e de ser uma senhora sempre preocupada com as preferências dos jovens leitores.

3.1.2. Produção Nacional

Entre os livros categorizados por Cecília Meireles como “livros de fantasia” e referentes à terceira pergunta do Inquérito, percebemos a presença de uma produção de livros nacionais escassa, contando com apenas 4 das 42 obras: “A filha da floresta” e “Bem-te-vi feiticeiro”, de Thales de Andrade, “O que a velha paineira contou”, de Leila Leonards e “O sapato de natal”, de Coelho Neto.

Optamos por destacar o autor mais mencionado pelos entrevistados do Inquérito: Thales de Andrade (1860 – 1977), professor e escritor piracicabano. Formou-se no magistério pela Escola Complementar, em Piracicaba, e lecionou em diversas cidades do interior paulista e da capital. Foi inspetor e assistente técnico rural e também diretor geral do Departamento de Educação do estado de São Paulo. Envolveu-se em questões políticas, escrevendo para diversos jornais como: Gazeta de Piracicaba, Jornal de Piracicaba, Folha Ferreirense e Diário Carioca, além de ter sido vereador de sua cidade natal nos anos de 1920 a 1922.

O escritor foi mencionado pelas crianças e jovens no Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” com dois livros: “A filha da floresta” (2,1% das crianças) e “Bem-te-vi feiticeiro” (1,5% das crianças); são contos infantis publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e fazem parte da série “Encanto e Verdade”, composta por 26 obras de Thales de Andrade a partir de 1921. “Bem-te-vi feiticeiro” (19--) é uma história sobre a proteção e a festa das aves, e conta com nove edições. “A filha da floresta” foi o primeiro livro infantil escrito por Thales de Andrade. Publicado inicialmente em 1919, pelo *Jornal de Piracicaba*, é uma história que conta a devastação das matas e o incentivo ao reflorestamento, tendo recebido doze edições.

Segundo Soares (2002), em março de 1919 o conto “A filha da floresta” foi lido numa sessão para jornalistas, educadores e escritores, e no mês de abril saía com uma tiragem de 5.000 exemplares. Monteiro Lobato interessa-se pelo livro, considerando-o “um trabalhinho genuinamente brasileiro” (p. 128) e comprou todos os exemplares disponíveis para serem distribuídos pela “Revista do Brasil”.

Tempos depois Thales de Andrade cedeu seus direitos de publicação à Melhoramentos, “editora de prestígio nos meios educacionais”, que fez de “A filha da floresta”, em 1921, com tiragem de 30 mil exemplares, o título inaugural da série “Encanto e Verdade”. (p. 128)

Embora tenham citado duas obras de Thales de Andrade, os alunos pesquisados por Cecília Meireles não citaram o livro “Saudade”, que segundo Coelho (1985) foi a sua obra que teve mais repercussão e influência sobre outros escritores. Interessante notar que, em alguns momentos, parece haver um descompasso entre o que os estudos trazem como marcos da Literatura Infantil (Lajolo e Zilberman, 1984), mas que não são referenciados pelas crianças e jovens da pesquisa, como é o caso do livro “Saudade”. Isto se deve, talvez, pelo fato deste livro tratar mais especificamente da vida rural e de ter sido publicado no estado de São Paulo, segundo Stanislavski (2006), trazendo um discurso que objetivava inibir o êxodo rural. De qualquer maneira, as duas obras lembradas pelas crianças sugerem a força do mercado editorial nas práticas efetivas de leitura. Os livros tiveram cessão dos direitos autorais para uma venda “escolar” bastante significativa, obtiveram uma amplitude do público, estando disponíveis nas bibliotecas, tendo sido elogiados por escritores/editores da época, como por exemplo, Monteiro Lobato.

Os livros de Andrade foram escritos no momento em que o mundo acabava de vivenciar a 1ª Guerra Mundial, e “os valores da civilização urbana, progressista, haviam sido abalados pela base, provocando nos homens a desesperança ou a descrença em sua legitimidade” (COELHO, 1985, p. 181). Almejava-se a valorização da paz, da justiça social, e ainda se estava num momento em que a população rural tentava buscar uma nova vida na área urbana; a obra de Thales de Andrade propunha um retorno nostálgico à simplicidade do campo.

De acordo com Stanislaviski (2006)

Thales Castanho de Andrade é considerado um dos primeiros ecólogos brasileiros e, segundo Carradore⁴⁵ (2004, p. 14), na Academia Paulista de Letras, na sessão em homenagem ao autor, em 13 de outubro de 1977, foi levantada uma dúvida: seria ele ou Monteiro Lobato o pioneiro da literatura infantil no Brasil? Essa dúvida pairou sobre os acadêmicos: o primeiro livro de Thales Castanho de Andrade, *A Filha da Floresta*, foi publicado em 1919, ou seja, três anos antes da publicação de *Narizinho Arrebitado* (1921) por Monteiro Lobato. Nesse momento, pode ser lançada a questão de que, além do livro *A Filha da Floresta*, Thales publicou *Saudade*, em 1919, e era, também, anterior ao livro de Lobato. Essa questão pode ser repensada na medida em que o livro *Saudade* foi escrito e utilizado na leitura escolar e só mais tarde tornou-se livro de literatura infantil. (p. 95)

A autora discute o fato de que talvez Thales de Andrade seja um precursor da Literatura Infantil no Brasil, contando que seus livros foram publicados pela editora de Monteiro Lobato como livros escolares. Monteiro Lobato declarou que as edições didáticas eram mais lucrativas, o que possibilitava a expansão de sua editora nas escolas.

Conforme o “Catálogo Geral da Companhia Graphico – Editora Monteiro Lobato”, do ano de 1925, aparecem com a classificação de livro de literatura infantil os livros *A Menina do Narizinho Arrebitado*, *Narizinho Arrebitado*, *O Sacy*, *O Marquez de Rabicó*, *A Caçada da Onça*, *Jeca Tatuzinho*, *Fábulas de Narizinho* e *Fábulas*, todos do autor Monteiro Lobato, proprietário da editora. O livro *Saudade*, como já informei, publicado por esta editora desde a 3ª edição, aparece classificado nesse mesmo catálogo como livro didático, indicado para leitura do 2º ano do Curso Preliminar e 1º ano do Curso Médio. Há ainda a informação de que se trata da 8ª edição de *Saudade*. Também aparece classificado como livro didático o livro *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, sendo, assim, ora livro de literatura infantil, ora livro didático. (STANISLAVISKI, 2006, p. 77-78)

⁴⁵ CARRADORE, Hugo Pedro. **Thales de Andrade**: Uma História Verdadeira. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

De modo geral, os quadros apresentados até o momento não nos revelam aspectos muitos diferentes dos que já foram apresentados pelos estudiosos da história da literatura infantil (Lajolo e Zilberman, 1984, Arroyo, 1968 e Cunha, 1999). Como também não se revelaram diferentes do que Cecília Meireles destaca em suas crônicas e palestras. Há um consenso de que há poucos escritores para a infância no Brasil. Notamos que dos diversos autores nacionais, poucos escreviam livros de autoria, havendo muita tradução ou adaptação de livros estrangeiros, assim como leituras para a infância muito ligadas ao mercado escolar.

Talvez se tivéssemos tido acesso às respostas diretamente escritas pelas crianças pudéssemos ter outra visão sobre livros e autores que circulavam naquela época. Mas o Relatório foca nas respostas mais citadas pelas crianças segundo a interpretação de Cecília Meireles, decorrendo daí nossa constatação, em grande parte, do já conhecido, do óbvio. O Relatório praticamente endossa os discursos da época, estudados por Arroyo (1968), Lajolo e Zilberman (1984) e outros autores.

3.1.3. Editoras

Pelas respostas oferecidas pelas crianças à 3ª questão do Inquérito “Pode dizer o nome de alguns?” pesquisamos possíveis editoras que seriam responsáveis pelas publicações dos livros que foram citados. Entre os livros categorizados por Cecília Meireles como fantasia, dos 42 livros conseguimos inferir a editora de 34 deles.

O quadro abaixo procura indicar a distribuição dos “livros de fantasia” citados pelas crianças e jovens, destacados por editora:

Tabela: Distribuição de exemplares dos “livros de fantasia” por editora

Editora	Quantidade de livros
Cia Melhoramentos	21
Quaresma	5
Francisco Alves	3
Laemmert	2
Portugália	1
Aillaud	1
Monteiro Lobato & Cia	1
Não identificados	8
Total	42

São sete diferentes editoras. Poucas, se comparadas ao atual mercado editorial para crianças, onde encontramos muitas editoras que publicam para a infância, como Ática, Global, Cosac Naify, Cia das Letrinhas, Saraiva, Melhoramentos, Scipione, entre outras que podem ser citadas apenas no estado de São Paulo.

O quadro nos mostra uma concentração na Cia Melhoramentos; dos 42 livros de *fantasia* citados pelas crianças e jovens, pelo menos 21 - a metade dos demais - foi publicado por ela. Isto pode nos sugerir que o mercado editorial nos anos 30 era iniciante ou pouco atuante nos livros de fantasia. O grande volume de livros nessa editora se deve à citação de várias obras da coleção organizada por Arnaldo Barreto (19 livros) e da menção de dois livros de Thales de Andrade: “A filha da floresta” e “Bem-te-vi feiticeiro”.

A segunda editora mais lembrada, com cinco livros, foi a Quaresma, com as obras de Figueiredo Pimentel: “Contos da Carochinha”, “Histórias da avozinha”, “O arco da velha”, “História da Baratinha” e “Contos de fada”. Em terceiro lugar, com três títulos, temos a editora Francisco Alves, com os livros: “As meninas exemplares”, “Férias” e “Desastres de Sofia”, todos da Condessa de Ségur.

De acordo com Hallewell (1985), a Cia Melhoramentos foi fundada em 1877 como uma empreiteira de obras públicas, passando em 1890 a fabricar papel. A Weiszflog Irmãos, responsável pela parte editorial, teve início em 1915, tendo havido a fusão das duas empresas em 1921.

Nos anos 20, a Cia Melhoramentos era prioritariamente produtora de papel e, ainda hoje é uma das maiores fabricantes do Brasil, produzindo além de livros, outros tipos de materiais de papelaria, ocupando-se desde o reflorestamento até a produção final do papel e do livro.

Segundo o autor, a atividade editorial mais forte da Melhoramentos é a literatura infanto-juvenil e os livros didáticos, que atualmente correspondem a dois terços da produção total em títulos da editora.

Essa concentração em livros infantis vem dos primeiros tempos da Weiszflog Irmãos, em 1915, quando iniciaram sua atividade editorial com *O patinho feio* de Hans C. Andersen, ilustrado por Francisco Richter. Graças às ligações de Andersen com Portugal, o português a primeira língua para a qual seus livros foram traduzidos, mas só então aparecia uma tradução brasileira de qualquer delas. Arnaldo de Oliveira Barreto, primeiro gerente da Weiszflog Irmãos, deu

seqüência a isso com uma extensa linha de livros infantis vivamente coloridos, a “Coleção Biblioteca Infantil”. (HALLEWELL, 2003, p. 258)

Outro importante nome da Cia Melhoramentos, no fim dos anos 20, foi Lourenço Filho, que a partir de 1926 passou a revisar os livros infantis da editora, buscando ampliar a faixa etária de cada título, fazendo simplificações na linguagem, no vocabulário e eliminando passagens que pudessem provocar sentimentos como o medo, respeitando o estágio de desenvolvimento da criança.

Segundo Soares (2007), muitos livros da coleção foram reescritos por Lourenço Filho. O educador

não concebia a literatura infantil como um instrumento de doutrinação e disciplinarização dos leitores, como se a relação desses com o texto fosse fechada e unívoca e, a leitura, uma resposta fiel às intenções do autor. Em verdade, sublinhava a importância das obras sugerirem elementos para um trabalho espontâneo da imaginação e do intelecto infantis. (p. 352)

O educador buscava oferecer à criança uma leitura relacionada à idéia de uma formação social harmoniosa, que inspirava a confiança nos costumes e nas instituições, que despertasse o espírito crítico, considerando o sarcasmo, a ironia contra figuras religiosas e a crítica social inadequadas para a leitura infantil.

Em sua passagem como editor na Melhoramentos, Lourenço Filho trouxe modificações editoriais importantes, entre elas a definição, a partir de 1930, de uma nova apresentação para a coleção. Enquanto as obras coordenadas por Arnaldo de O. Barreto tinham a mesma capa, com uma senhora contando histórias para três crianças e que “conferia uma identidade a essas histórias com base no fato de pertencerem à Biblioteca Infantil e de se destinarem a este público, deu lugar, nas reedições de antigos títulos e nos novos lançamentos, às imagens particularizadas segundo tema de cada volume”. (SOARES, 2007, p. 370)

Além da mudança de uma idéia de coleção para o enfoque em cada obra, Lourenço Filho ampliou as temáticas. Enquanto a coleção organizada por Barreto era composta por adaptações de contos estrangeiros como Andersen, Perrault e Irmãos Grimm, ao assumir a coleção Lourenço Filho a diversificou, incluindo obras de autores brasileiros e romances europeus que se tornaram clássicos infantis, como “Dom Quixote” e “Robinson Crusoe”.

3.2. Os livros *escolares*

O quadro abaixo, criado a partir dos livros escolares citados pelos jovens leitores, aponta 20 obras que se enquadram no critério estabelecido por Cecília Meireles, de trazer para o Relatório do Inquérito apenas os livros mencionados por mais de 10 crianças. Como no quadro anterior relativo aos livros de fantasia, buscamos oferecer um quadro completado por nós com informações sobre: autor, editora e ano de publicação, quando possível. Os livros se encontram na mesma ordem organizada por Cecília Meireles pela quantidade de citações.

ESCOLARES	AUTOR	EDITORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Livros de Erasmo Braga	Erasmo Braga	Cia Melhoramentos	A partir de 1910
Através do Brasil	Olavo Bilac e Manoel Bomfim	Francisco Alves	1910
Páginas cariocas	Nelson Costa	Jacinto Ribeiro dos Santos	1924
Livros de leitura (vários)	-	-	
Corações de crianças	Rita de Macedo Barreto	Francisco Alves	Coleção publicada entre os anos de 1913 a 1916.
Tesouro da Juventude	-	W. M. Jackson	Traduzido em 1925
Páginas brasileiras	Nelson Costa	Jacinto Ribeiro dos Santos	-
Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro	Maria Rosa Moreira Ribeiro	Francisco Alves	-
Nossa pátria	Rocha Pombo	Cia Melhoramentos	1917
História do Brasil ⁴⁶	-	-	-
Contos pátrios	Olavo Bilac e Coelho Neto	Francisco Alves	1904
Livros de Proença ⁴⁷	Antonio Firmino de Proença	Cia Melhoramentos	-
Primeiros passos	Francisco Vianna	Francisco Alves	1915
Coração	Edmundo de Amicis	Francisco Alves	Traduzido em 1891
Livros de ciências ⁴⁸	-	-	-
Cartilha	Francisco Vianna	Francisco Alves	1895
Leituras escolares	-	-	-
Leitura preparatória	-	-	-

⁴⁶ Com o título “História do Brasil” encontramos 3 livros datados do início do século XX, a seguir: POMBO, Rocha. História do Brasil. Editora Melhoramentos; RIBEIRO, João. História do Brasil. Livraria Francisco Alves; e RIO BRANCO, Barão. História do Brasil. Editora São Benedito.

⁴⁷ cremos que as crianças e jovens se referem à “Série de Leitura Proença”, estudada pela pesquisadora Monalisa Renata Gazoli, em sua dissertação de Mestrado.

⁴⁸ Cecília Meireles afirma que levam a rubrica “livros de ciências” os compêndios das várias matérias.

Minha terra e minha gente	Afrânio Peixoto	Francisco Alves	1915
Céu, terra e mar	Alberto de Oliveira	Francisco Alves	1914

De maneira geral, podemos dizer que são vários os títulos mencionados, aproximadamente 20 livros. Alguns são séries graduadas como as de “ErasmO Braga”; outros, são livros isolados.

Notamos um espaço de tempo grande entre a data de publicação mais antiga - a primeira tradução brasileira de “Coração” (1891) - e o livro mais recente, “Tesouro da Juventude”, datado de 1925, tendo um intervalo de 34 anos. As crianças liam obras do fim do século XIX (“Cartilha” e “Coração”) e especialmente obras do início do século XX, onde há a maior concentração dos títulos. Entre 1900 a 1910, encontramos 4 livros: “Livros de ErasmO Braga”, “Através do Brasil”, “Contos pátrios”, “Leitura preparatória”; entre 1911 a 1920 temos 5 livros: “Corações de crianças”, “Nossa pátria”, “Primeiros passos”, “Minha terra e minha gente” e “Céu, terra e mar”; a partir de 1921, 2 livros: “Páginas cariocas” e “Tesouro da Juventude”.

Ao realizar o Inquérito, Cecília Meireles se depara com a grande referência que os leitores faziam aos livros “escolares”, destacando-se a grande quantidade de citações para os “Livros de ErasmO Braga”. O autor foi mencionado por 14,1% alunos, enquanto o segundo lugar entre os escolares, o livro “Através do Brasil”, foi citado por 6,1% dos alunos, menos que a metade dos que citaram o primeiro livro.

A pesquisa de Batista, Galvão e Klinke (2002) sobre os livros escolares produzidos no Brasil entre 1866 e 1956 para o ensino elementar, traz contribuições para pensarmos os livros que eram destinados às escolas. Os pesquisadores elaboram uma categorização dos livros pelos tipos: séries graduadas (como a “Série Braga”) ou livros isolados, sendo estes últimos, ora utilizados como livros de leitura em sala de aula, ora como recreação ou lazer, citando o caso de “Coração” de Edmundo de Amicis. Para estes pesquisadores, alguns títulos embora não apresentem indicação de uso didático, mas de leitura recreativa, são classificados como “livros escolares”; um exemplo são os livros de Figueiredo Pimentel. Entretanto, no Relatório do Inquérito a obra de Pimentel foi classificada por Cecília Meireles como “livro de fantasia”. O que nos leva a concluir o quanto esta categorização é fluida e aleatória.

Arroyo (1968) já afirmava sobre a dificuldade de se estabelecer uma cisão entre os livros para aprender a ler, para instruir, adquirir conhecimentos e os livros para formação do gosto, do ler por prazer:

Nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para aquisição de conhecimentos e estudo nas escolas, durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático. (p. 94)

Dentre as respostas oferecidas pelos entrevistados e categorizadas como livros *escolares* por Cecília Meireles, destacamos as diversas maneiras, bastante generalizadas, de identificá-los encontradas no quadro: “leituras escolares”, “livros de leitura (vários)”, “leitura preparatória”. O uso de terminologia geral parece indicar que Cecília Meireles tinha familiaridade com esses livros e com esses termos, hoje distantes de nós, e é difícil de acessar uma compreensão de sua categorização ou sua função.

Muitos escritores se dedicaram à escrita dos livros de leitura, que segundo Coelho (1985), foram uma das primeiras manifestações conscientes da produção de livros de leitura específicos para crianças, como Felisberto de Carvalho, João Kopke, Arnaldo Barreto, entre outros. São livros, normalmente, compostos por textos traduzidos ou adaptados, que nem sempre levavam em conta a realidade ou a especificidade dos leitores brasileiros ou, ainda, textos originais, geralmente acompanhados por atividades e exercícios; entretanto, Cecília Meireles não os menciona nesta questão, mas pode ser que estejam entre os “vários” que ela indica.

O quadro abaixo, organizado por nós, traz a relação de autores e a quantidade de livros que foram mencionados pelas crianças e jovens do Inquérito:

Autores	Quantidade de livros
Erasmus Braga	Série
Nelson Costa	2
Olavo Bilac	2
Rita de Macedo Barreto	1
Maria Rosa Moreira Ribeiro	Série
Rocha Pombo	1
Edmundo de Amicis	1
Antônio Firmino de Proença	Série
Francisco Vianna	2
Afrânio Peixoto	1

Alberto de Oliveira	1
Não identificados	5
Total	20

Observando as obras mencionadas pelos jovens leitores, identificamos 11 autores para os livros *escolares*. Dentre eles, 3 se destacam, com 2 obras cada: Francisco Vianna com os títulos: “Primeiros passos” e “Cartilha”, Nelson Costa com: “Páginas cariocas” e “Páginas brasileiras”, e, Olavo Bilac, embora em parceria com dois outros escritores, com: “Através do Brasil” e “Contos pátrios”.

Optamos por olhar um pouco mais para estes três autores com mais obras, citados pelas crianças e jovens, e também para Erasmo Braga, que recebeu o maior percentual de menções 14,1%. A seguir, trazemos algumas informações sobre estes autores e obras.

Francisco Furtado Mendes Vianna (1875 – 1935) é um autor que aparece no Relatório do Inquérito com a série “Leituras Infantis”, citado pelos jovens leitores pelas obras “Primeiros passos” (1,8%) e “Cartilha” (1,4%), contabilizando 3,2% das citações. Estes dois livros são duas cartilhas que compõem a série, que conta ainda com mais cinco livros de leituras escritos por ele e publicados pela Francisco Alves: “História para pequeninos: leitura preparatória”, “Primeiro livro de Leituras infantis”, “Segundo livro de Leituras infantis”, “Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos”.

Francisco Vianna formou-se no magistério pela Escola Normal de São Paulo, em 1895. Exerceu a profissão como professor e diretor em várias escolas do interior paulista. Na primeira década dos anos 20, mudou-se para o Rio de Janeiro onde se tornou Inspetor escolar, cargo que ocuparia até o fim da vida. Escreveu vários livros didáticos, cadernos de caligrafia e artigos em periódicos educacionais.

Outro autor de livros escolares, Nelson Costa (1899 – 1976), foi citado com dois livros: “Páginas cariocas” (5,4%) e “Páginas brasileiras” (4,4%). Se somados os percentuais totais dos dois livros, temos 9,8% de citações para o autor, quantidade maior que a de Francisco Vianna, que somados os percentuais totais dos dois livros corresponde a 3,2%, uma quantidade quase três vezes menor.

Conseguimos poucas informações a respeito de sua biografia e bibliografia. Sabemos que foi jornalista, professor e escritor carioca. Foi membro da Academia Carioca

de Letras, estudioso da historiografia carioca, tendo sido diretor do departamento de História e Documentação do Município do Rio de Janeiro.

Dentre os autores escolares citados, temos em segundo lugar na preferência das crianças o poeta Olavo Bilac (1865 - 1918). O autor é mencionado na terceira questão do Inquérito com os livros “Através do Brasil” (6,1%) e “Contos pátrios” (2,1%), contabilizando 8,2%, ainda um percentual menor do que os jovens leitores que citaram Erasmo Braga, que está em primeiro lugar (14,1%) e que veremos mais adiante. Se compararmos os dois livros de Bilac, temos uma menção quase três vezes maior para “Através do Brasil”.

Bilac, escritor carioca, publicou livros de literatura infantil e livros didáticos, sendo alguns em parceria com Bonfim e com Coelho Neto.

“Através do Brasil” foi escrito em parceria com Manoel Bonfim, segundo Santos e Oliva (2004), algo comum no início do século XX e que contribuiu para a aceitação mercadológica da literatura infantil nacional. Durante a escrita de “Através do Brasil”, Bonfim era diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, tendo nomeado Bilac inspetor escolar, o que lhes conferia uma facilidade para que seus livros fossem adotados, ao passo que a escrita era pensada para o público infantil e também para as autoridades escolares. Este fato possibilitou o livre trânsito de Bilac na rede escolar brasileira, como ocorreu com vários outros autores.

Olavo Bilac, ao cultivar sentimentos nacionalistas e literários em sua obra, se tornou grande exemplo da literatura escolar brasileira, contribuindo para o abasileiramento do livro de leitura. Embora Cecília Meireles o classifique no inquérito “Leituras infantis” como escritor literário, como veremos no próximo capítulo, seu livro “Através do Brasil”, aparece no mesmo inquérito como livro *escolar*. Novas e outras contradições que vão configurando uma categorização sempre tênue, oscilante.

Lajolo (1986) afirma que autores parnasianos como Olavo Bilac e Coelho Neto, entre outros, foram pioneiros na produção de material de leitura para as crianças brasileiras. Atenta, ainda, ao fato de que eram poucas as crianças que tinham acesso à leitura de ficção e poesia, pois havia “levas e levaras de crianças que não tinham acesso nem à infância, nem à escola, nem à leitura” (p.44).

Lajolo (1982) acredita que “Através do Brasil” tenha semelhanças com “*Le tour de la France par deux enfants*” (1877) escrito por Augustine Tuillerie, já que Bilac e Bomfim viveram na França. Bilac foi correspondente na Europa em 1890, e Bomfim foi estudante de psicologia no ano de 1902. A aventura de Tuillerie para crianças conta a história de dois irmãos órfãos que abandonam a Alsácia ocupada e encontram seus familiares na França.

Santos e Oliva (2004), afirmam que o livro “Coração” serviu de inspiração a Bilac e Bomfim para a escrita de “Através do Brasil”. “Coração” é uma tradução de um livro italiano do século XIX, destinado a crianças de 9 a 13 anos, que investe em valores morais como amizade, respeito às tradições, solidariedade, heroísmo e perdão. De acordo com Bastos (2004), o livro escolar “Coração. Diário de um menino”,⁴⁹ publicado pela Editora Francisco Alves em 1891, sendo reeditado até 1968, pode ser entendido como um romance de formação, uma leitura de formação ou de aprendizagem, isto é, uma obra em que instituições sociais como a família, a escola, a igreja, etc., podem influenciar na formação da personagem da obra.

Algumas obras literárias eram catalogadas como livros *escolares* como estratégia editorial do mercado livreiro, para fins lucrativos, como foi o caso de “Através do Brasil” de Olavo Bilac, que foi bastante citado pelos jovens leitores:

embora já com características específicas de uma literatura capaz de transcender o simplesmente pedagógico ou intencionalmente educativo, como os dois primeiros [referindo-se aos livros: *Através do Brasil*, de Bilac e Saudade, de Tales de Andrade], por uma questão de técnica, talvez até editorial apareceu como “literatura escolar”, conforme se lê no frontispício de sua primeira edição. (ARROYO, 1968, p. 187)

No Relatório do Inquérito, Erasmo Braga (1877 - 1932) figura em primeiro lugar entre os livros escolares mencionados pelas crianças com 14,1%. No caso deste autor, notamos a preferência masculina com 17,8%, enquanto recebe 12,2% das menções femininas.

Erasmo de Carvalho Braga foi professor, pastor e jornalista. Foi membro fundador da Academia Paulista de Letras (1909), além de tradutor, poliglota e exímio pianista. Em 1910, começou a escrever a “Série Braga”, um conjunto de livros de leitura para a quarta

⁴⁹ Segundo Bastos (2004), a partir do século XX, algumas das traduções brasileiras suprimiram o subtítulo da obra – Diário de um menino, embora as primeiras traduções o apresentem.

série da escola primária. Estes livros foram usados por muitos anos em todo o Brasil, tendo sido editado por aproximadamente 40 anos, atingindo mais de 100 edições, publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

De modo geral, notamos que há uma oscilação para identificação do grupo “livros escolares”, que agrega em torno dele vários tipos de livros: patrióticos, livros para ensinar, livros em série e avulsos. O gênero escolar, mais uma estratégia editorial do mercado, tem como intuito atingir um público-alvo: a escola compradora de livros. Neste período, diferente do que podemos considerar a partir dos anos 80 do século XX, no Brasil, o gênero “literatura infantil” tem uma força bem menor de que os denominados “livros escolares”.

3.2.1. Editoras

Em uma investigação além do Inquérito, buscamos outras fontes⁵⁰ para preencher no quadro de obras/autores citados, as editoras responsáveis por tais produções. Foi possível indicar as possíveis editoras de 15 dos 20 títulos mencionados pelas crianças na 3ª pergunta do Inquérito e categorizados por Cecília Meireles como livros *escolares*.

Enquanto os livros de *fantasia* eram editados em sua maioria pela Cia Melhoramentos de São Paulo, entre os *escolares*, há o predomínio da Livraria Francisco Alves, que conta com nove das publicações, embora apareçam três livros editados pela Cia Melhoramentos entre os *escolares*, como observamos na tabela a seguir.

Tabela: Distribuição dos livros escolares por editora

Editora	Quantidade de livros
Cia Melhoramentos	3
Francisco Alves	9
Jacinto Ribeiro dos Santos	2
W. M. Jackson	1
Não identificadas	5
Total	20

⁵⁰ Sebos on line, no site Centro de Referência em Educação Mário Covas, e em estudos como os de Arroyo (1968), Hallewell (1985) e outras pesquisas e artigos que abordavam especificamente a história destes livros e editoras.

Hallewell (1985) afirma que estudos sobre a vida literária no Rio de Janeiro abordam, entre outras, referências como Garnier, Quaresma, Jacintho e Castinho, mas poucos tratam de Francisco Alves, que foi um importante editor e livreiro, menos comentado, talvez, por lidar com livros didáticos; diferentemente das lojas dos outros editores/livreiros, a de Alves não atraía as reuniões de escritores.

No Relatório do Inquérito “Leituras infantis”, Cecília Meireles traz a afirmativa de que as crianças e jovens, ao serem indagadas pela questão “De que autor V. gosta mais?” trouxeram entre os autores o nome do editor Francisco Alves, registrado “embora à parte, em virtude da colocação, que por engano recebeu”. (MEIRELES, 1934, p. 75)

Será que realmente as crianças e jovens do Inquérito tinham tido contato apenas com o Francisco Alves editor? Teria ele escrito livros didáticos para aquele público? As crianças e jovens o teriam identificado como autor ou se enganado?

Hallewell (1985) afirma que Francisco Alves trabalhava duramente como livreiro e editor, contudo, “parece que empregava a maior parte de seu tempo livre em escrever seus próprios livros didáticos”. (p. 205) Entretanto, seus livros foram publicados com diversos pseudônimos, o que manteve suas atividades de escritor desconhecidas “até mesmo para amigos de trinta anos; após sua morte, porém, Oswaldo de Melo Braga foi capaz de identificar nada menos de trinta e nove livros de autoria do próprio Alves”. (p. 205)

De qualquer forma, Francisco Alves foi o primeiro editor a fazer dos livros didáticos a base de seu negócio.

Os livros didáticos proporcionam uma linha de vendas segura e permanente; dão também ao editor nacional uma vantagem sobre competidores estrangeiros cujos produtos jamais podem adaptar-se tão em às condições ou aos currículos locais. (HALLEWELL, 1985, p. 207)

Por este fato, a editora Francisco Alves mostra uma concentração de obras escolares (9 livros) no quadro do Inquérito, praticamente metade das publicações escolares citadas são dela.

Embora os livros didáticos fossem o esteio de seu negócio, Francisco Alves também se voltou às edições literárias, em especial devido ao êxito dos romances de Afrânio Peixoto, impressionando pelo fato de publicar autores desconhecidos. Também tirava

autores de editores concorrentes e comprava editoras para conseguir os direitos de publicação de algumas obras e de fundos editoriais, como foi o caso da casa editorial francesa Aillaud, que publicava os livros de Sophie de Ségur.

ao considerar a contribuição da Alves à difusão da literatura brasileira, não devemos desprezar a inegável contribuição de seus compêndios escolares e antologias. Antes de 1918, parcela muito pequena do que se publicava no Brasil conseguia alguma distribuição eficiente ou qualquer impacto real fora da elite intelectual do Rio de Janeiro e de algumas das maiores capitais dos estados. Apenas os livros didáticos atingiam a consciência de toda a nação, e através deles é que a grande massa dos brasileiros tinham algum contacto com sua herança literária. (HALLEWELL, 1985, p. 214)

Francisco Alves deixa em testamento grande parte de sua herança para a Academia Brasileira de Letras, pedindo em troca a realização de dois concursos de monografias, a cada cinco anos: um sobre a educação primária e outro sobre língua portuguesa.

Enquanto entre os livros categorizados como fantasia encontramos sete diferentes editoras, entre os escolares encontramos apenas quatro, com uma concentração na Livraria Francisco Alves. Entre os livros de fantasia, esta editora apareceu com um número pequeno de publicações, apenas três dos 42 livros, enquanto a Melhoramentos predominava. Entretanto, no caso dos livros escolares, a posição se inverte, há o predomínio da Francisco Alves (nove livros), e a Melhoramentos aparece em segundo lugar, com a publicação de três dos 20 livros escolares mencionados. De qualquer maneira, Francisco Alves e Cia Melhoramentos são editoras com uma presença significativa no mercado em ambas as categorias, escolares e fantasia.

3.3. Os livros de *Literatura*

Como sabemos, na 3ª pergunta do Inquérito, 75 livros mencionados pelas crianças atingiram os critérios para configurarem nos quadros produzidos por Cecília Meireles e, destes, apenas 13 foram categorizados por ela no grupo literatura. Buscamos completar o quadro abaixo em relação aos livros de literatura citados pelas crianças e jovens do Relatório do Inquérito, trazendo, quando possível, o autor, a editora e o ano de publicação:

LITERATURA	AUTOR	EDITORIA	ANO DE PUBLICAÇÃO
O guarani	José de Alencar		1857
Iracema	José de Alencar		1865
A moreninha	Joaquim M. Macedo	Paulicéia	1884
Magali	M. Delly	Cia Editora Nacional	1929
Annita	M. Delly	Francisco Alves	1926
Escrava ou rainha	M. Delly	Castilho	1930
Odette	M. Maryan	Gautier Languereau	
Entre duas almas	M. Delly	Castilho	1930
Exilada	M. Delly	Figueirinhas	1930
Tronco de ipê	José de Alencar		
Freirinha	M. Delly	Cia Editora Nacional	1929
Alma ⁵¹	M. Delly		
Inocência	Visconde de Taunay	Francisco Alves	

Observando este quadro, podemos dizer que entre os 13 títulos, 8 são traduções e 5 são obras de produção nacional. Há a presença de 5 autores, sendo 2 estrangeiros (M. Delly e M. Maryan) e 3 brasileiros (José de Alencar, Visconde de Taunay e Joaquim M. Macedo). As datas de publicação variam do fim do século XIX ao início dos anos 20.

Dos 13 títulos categorizados por Cecília Meireles como literatura, 7 livros, ou seja, mais da metade, foram escritos por M. Delly. Além destes, constam livros de literatura do século XIX, produzidos por autores românticos e nenhuma obra nacional do século XX.

Notamos a concentração de alguns autores, em especial M. Delly e José de Alencar, como observamos na tabela a seguir:

Tabela: Quantidade de “livros de literatura” por autor

AUTOR	Quantidade de livros
José de Alencar	3
Joaquim M. Macedo	1
M. Delly	7
M. Maryan	1
Visconde de Taunay	1
Total: 5	13

⁵¹ M. Delly tem dois títulos com “Alma”: “Alma Angélica”, que teve sua primeira edição portuguesa em 1926 pela Editora Figueirinhas (Portugal), e “Alma em flor” datado de 1930, acreditamos que um deles seja o citado pelas crianças e jovens.

Os quadros abaixo, elaborados por nós, são como excertos da tabela organizada por Cecília Meireles e nos permite visualizar e comparar os autores José de Alencar e M. Delly em relação aos percentuais de crianças que os mencionaram:

Livros de M. Delly	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Magali	26	2,7	1	0,2	27	1,9
Annita	17	1,8	1	0,2	18	1,2
Escrava ou rainha	17	1,8	-	-	17	1,2
Entre duas almas	13	1,3	-	-	13	0,9
Exilada	13	1,3	-	-	13	0,9
Freirinha	11	1,1	1	0,2	12	0,8
Alma	11	1,1	1	0,2	12	0,8
Total de citações	108	11,1	4	0,8	112	7,7

Livros de José de Alencar	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
O guarani	47	5,03	16	3,5	63	4,5
Iracema	49	5,2	10	2,2	59	4,2
Tronco de ipê	13	1,3	-	-	13	0,9
Total de citações	109	11,53	26	5,7	135	9,6

Embora José de Alencar tenha sido citado com uma quantidade menor de livros, apenas 3: “O guarani” (4,5%), “Iracema” (4,2%) e “Tronco de ipê” (0,9%) e M. Delly com 7: Magali (1,9%), Annita (1,2%), Escrava ou rainha (1,2%), Entre duas almas (0,9%), Exilada (0,9%), Freirinha (0,8%) e Alma (0,8%), se somados, o percentual de citações de José de Alencar (9,6%) é maior que a de M. Delly (7,7%).

Os dados referentes às citações das meninas apontam para uma maior variedade de livros de M. Delly citadas por elas; as meninas citam sete livros diferentes deste autor enquanto os meninos citam quatro. As meninas mencionam de maneira praticamente igual os livros de Delly (11,1%) e de José de Alencar (11,53%). Já os meninos citam mais José de Alencar, embora apenas com dois livros (“O guarani” e “Iracema”) somando 5,7%, um número quase sete vezes maior que os que citam M. Delly (0,8%).

Segundo Cunha (1999), M. Delly era o pseudônimo de um casal de irmãos franceses chamados de Frédéric Henric Petitjean de La Rosière (1870-1949) e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de la Rosière (1875-1947), autores dos romances com histórias centradas em mulheres.

Começaram a ser editados a partir de 1920, com incentivo da Igreja Católica em Portugal, na coleção “Biblioteca das Famílias”, chegando ao Brasil através das edições

portuguesas em 1924, sendo vendido em livrarias e bancas de jornal. Seus romances foram muito populares entre jovens de classe média brasileira, fazendo parte da coleção publicada pela Companhia Editora Nacional chamada “Biblioteca das Moças” (1930 - 1960). Entretanto, consta no primeiro inquérito de Leituras Infantis realizado por Armanda Álvaro Alberto, a pedido da Associação Brasileira de Educação, em 1926, e publicado na Revista da Associação brasileira de Educação: em 1928, M. Delly, já era preferência entre as jovens de 15 a 17 anos.

Esses romances, destinados às jovens leitoras, eram bastante lidos por serem divulgados nos jornais e revistas católicas como sendo leituras “sadias” para as moças, “senhoras e senhoritas cuja moral cristã seria conveniente preservar” (CUNHA, 1995, p. 39) auxiliando, também, na constituição cultural da imagem da mulher burguesa como aquela que lê romance. Era uma leitura por prazer, permitida e incentivada pela escola, pela família e pela Igreja, de fácil acesso para as jovens, e que propiciava a aquisição de valores e comportamentos inspirados na aristocracia européia. Mulheres educadas “para bem desempenharem as funções de esposas, mães e donas-de-casa”. (CUNHA, 1999, p. 72)

Os enredos dos romances de Delly eram marcados pelo tom fantasioso e motivos semelhantes aos dos contos de fadas, com heróis, mocinhas e anti-heróis, que divertiam, sem questionar os valores sociais. Interessante notar que o livro mais mencionado de M. Delly foi o “Magali”, citado por 26 meninas e por apenas um menino, e que, de acordo com Cunha (1999), tem influências dos contos de fada (tão mencionados pelas crianças do Inquérito entre os livros de *fantasia*). Magali tem traços do conto “A Bela Adormecida” presentes no romance, já que a personagem principal é acometida por uma doença, passando semanas desacordada, sendo finalmente salva pelo herói, tal como acontece no conto de fadas.

Outro escritor que teve seus livros bastante citados foi José de Alencar, que figura na lista relativa às respostas das crianças categorizadas na 3ª questão do Inquérito como livros de *literatura* com três livros, sendo que “O guarani” e “Iracema” foram os mais mencionados pelos jovens leitores neste grupo. Como vimos nos gráficos acima, embora M. Delly tenha sido citado com mais obras, José de Alencar consegue um número maior de menções.

José de Alencar nasceu no Ceará, mas passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Foi jornalista e formou-se em Direito. Seus romances foram, a princípio, publicados em forma de folhetim no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro e, devido ao sucesso alcançado, mais tarde foram lançados na forma de livros.

Sua obra é marcada pelo nacionalismo e traz inovações no uso da língua portuguesa. Os romances “Iracema” e “O guarani” marcam a fase de formação da nacionalidade, trazendo a exaltação do indígena na literatura. Já “O tronco de ipê” é uma história de mistério em torno da morte de uma personagem, e tem como cenário a zona rural, uma fazenda na zona da mata fluminense.

Segundo Abreu (2003), “José de Alencar bebeu na fonte dos romances menores, desconsiderados pela crítica do seu e do nosso tempo, mas capazes de emocionar as mulheres da família e de nutrir a imaginação do escritor”. (p. 137)

Embora o quadro que se refere aos livros de literatura citados traga uma quantidade maior de autores nacionais, há uma quantidade mais diversificada de livros traduzidos, como M. Delly e M. Maryan, formada pelo que se chama de “literatura cor-de-rosa”. Entretanto, mesmo com um número menor de obras, a literatura nacional, predominantemente a do século XIX, é mencionada por um percentual maior de crianças.

São poucos autores, como também uma pequena variedade de obras mencionadas, o que parece mostrar a escassez de literatura destinada aos jovens, conforme Cecília Meireles aponta em suas crônicas. Cecília Meireles trabalha com um conceito de literatura clássico, que educa, que forma. Segundo Vidal (2001a) “a leitura destacava-se na formação intelectual dos educandos: “meio” de acesso à informação e elemento formador da mente infantil”. (p. 201)

Ao reunir os 10 autores/obras mais citados – autores brasileiros do século XIX ao lado dos romances de M. Delly - na categoria “literatura”, podemos indagar pela concepção de tal rubrica por parte de Cecília Meireles. Por que ela agrupa obras de conteúdos tão diversos: nacionalistas na construção de cenários indianistas e rurais com romances que distraem e educam a sensibilidade feminina? Por que agrupa livros publicados em países bem diferentes e em épocas distintas? Sua opção teria sido levada pela ficha catalográfica presente nos livros, ou pela definição das editoras em que foram publicados? Por serem livros mais extensos na quantidade de páginas, previstos para um público mais adolescente,

ou ainda por eles serem reconhecidos como tal pelas instâncias formadoras de leitores – família, escola, biblioteca?

Como agregar a concepção de literatura trazida por Cecília Meireles em suas outras publicações com o seu entendimento para agrupar tais obras deste modo no Relatório?

Segundo Soares (2007):

Ao delinear cânones de literatura infantil – pois a disposição para conhecer as preferências das crianças não anulava sua atitude mediadora, empenhada em discutir diferentes dimensões do tema, formular julgamento, valorizar determinadas obras etc. – Cecília Meireles não se preocupava em valorizar autores ou temáticas nacionais. Crítica com relação aos livros contemporâneos, reconhecia nos clássicos a capacidade de sobreviver ao tempo e satisfazer necessidades humanas universais. (p. 264)

As palavras de Soares (2007) talvez nos ajudem a inferir oscilações no uso da expressão “literatura” por Cecília Meireles. No Inquérito, por exemplo, ela assume uma visão mais generalizante “com rubrica literatura, por se tratar de obras de cunho especial – nesse caso romances brasileiros, e traduções sem características das ficções infantis” (MEIRELES, 1934, p. 27). Na crônica “Literatura Infantil [I]” Cecília Meireles afirma que o livro para crianças “devia ser alimento contínuo da infância” (28 de julho de 1930⁵²) e na crônica “Livros para crianças [III]” traz novamente esta ideia de literatura como alimento do espírito:

Um livro que qualquer homem pode ler sem achar mesquinho. Porque a infância, que anima até a morte o nosso coração, a infância que é o nosso sentido de existência, que é a nossa lembrança de filiação com a eternidade, não sente aqui a frieza artificial dos livros que limitam a vida em pequenos aspectos sem aquela capacidade de, em todos eles, deixar a sua forma integral que só integral satisfaz, como alimento humano (26 de abril de 1932).

⁵² MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.4, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 2001, p. 119.

3.3.1. Editoras

É bastante interessante destacar que no caso dos livros de *literatura* não há predomínio de uma editora. Os livros são publicados por várias, o que talvez possa nos mostrar a força dos livros, de suas temáticas e de uma concepção de leitura que “forma” moralmente e patrioticamente, pelo sucesso alcançado junto aos leitores e também a força das instituições família e escola, que instituem como “boa literatura” alguns autores e obras. É provável que outros livros fossem lidos, mas não foram citados no Inquérito por não terem atingido o mínimo de 10 citações.

Duas editoras aparecem com duas obras, a Companhia Editora Nacional e a Francisco Alves. Interessante notar que a Francisco Alves atua em diversos campos, publicando os livros de literatura, os de fantasia e os didáticos, embora sua força se encontre nos livros escolares.

José de Alencar publicou suas obras, inicialmente, ainda no século XIX, em formato de folhetim. Depois, em edições feitas na Europa, como era costume na época. Mais tarde, suas obras foram publicadas no Brasil pelas editoras Garnier, Melhoramentos, José Olympio e Aguilar.

No levantamento dos autores e obras mais lidos e classificados por Cecília Meireles como “literatura”, nenhuma surpresa para nós. O que nos chama a atenção é a quantidade e variedade de editoras que podem estar ligadas a essas obras e autores. Numa época em que o mercado editorial é visto como “fraco”, insuficiente e o país caracterizado pela ausência de leitores, encontramos muitas editoras praticamente desconhecidas hoje, como Paulicéia, Castilho - ao lado das grandes estrangeiras, Garnier e Aguilar, e de nacionais, como Companhia Nacional, Francisco Alves, Melhoramentos.

3.4. Algumas notas

Neste capítulo, ao olharmos para a questão “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”, vimos autores, livros, editoras e pudemos conhecer um “panorama” das leituras infantis dos anos 30, organizado pelas respostas dadas, com maior incidência, pelos alunos. O Relatório fornece informações contraditórias, pois há referência a quase mil títulos diferentes (628

títulos de livros pelas meninas e 366 pelos meninos), o que não nos parece pouco. No entanto, do total de 994 citados, ficamos conhecendo apenas 75 e desconhecemos os outros 919 livros. Que livros seriam esses? Por que foram tão poucos citados?

A exclusão dessa grande quantidade de livros é claramente entendida por nós pela opção de Cecília Meireles de trazer para o Inquérito apenas os títulos mencionados por pelo menos dez crianças. Mas o quanto uma concepção de que se declara ou do que deve considerar como bons e adequados livros para crianças pode ter permeado a produção da entrevista e a escrita deste Relatório?

Em várias publicações sobre educação, Cecília Meireles tece comentários sobre a falta de livros destinados à infância no país, como por exemplo, na crônica “O ensino da música nas escolas”, de 5 de julho de 1930⁵³, quando ela afirma “A literatura infantil já é, de uma lastimável pobreza, entre nós. E não só é pobre, como também deseducativa”. Em “Livros para crianças [II]”, de 4 de novembro de 1931⁵⁴, reafirma a falta de “bons” livros para a infância: “Por mais de uma vez temos aludido à nossa penúria em matéria de livros infantis. O que possuímos é pouco e, além de pouco, de inferior qualidade”.

No interior de uma visão metodológica “panorâmica”, em que os dados com menor frequência não são relevantes e nem destacados, o nosso trabalho pouco contribui ou contradiz outros estudos já realizados por outros pesquisadores na área (Lajolo e Zilberman, 1984, Cunha, 1999, Arroyo, 1968, Soares, 2007. Do que conseguimos acessar, vimos que poucos autores, obras e editoras caíram no esquecimento e foram praticamente banidos da História da Leitura e da Literatura infantil, recentemente construída. Novas fontes documentais precisam ser ainda melhor investigadas e cruzadas, buscando rever esta História. Os dados do Relatório apontam para autores e obras que alcançaram muitas edições e/ou foram divulgadas por escritores/editores já conhecidos e consagrados naquela época.

A categorização das obras – *escolares*, *literários* e de *fantasia* – feita por Cecília Meireles, nos leva também a algumas considerações. Uma primeira é que os dados apontam para um maior contato das crianças e jovens com os livros de fantasia e os livros escolares. Como vimos no quadro síntese sobre as obras que as crianças e jovens afirmam se lembrar,

⁵³ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.4. Nova Fronteira/Biblioteca Nacional: 2001, p. 03.

⁵⁴ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.4. Nova Fronteira/Biblioteca Nacional: 2001, p. 135.

os números indicam que 72,7% das crianças mencionam os livros de fantasia, 69,8% os escolares enquanto que 22,8% os de literatura. Tal constatação parece apontar para a importância da escola e família como instâncias que incentivam a leitura de alguns autores e obras na formação dos leitores mais jovens. Talvez mostre ainda que a leitura da literatura (clássica) é de interesse de poucos.

Cecília Meireles, em sua crônica, discute a questão quando coloca que a juventude tem o desejo e a curiosidade pela leitura: “Não sei se “pode” ler. Se até a Biblioteca nacional parece que ainda tem o mesmo “stock” do tempo de Machado de Assis!”⁵⁵

Uma segunda observação é de que os dados do Relatório do Inquérito sugerem uma predominância em torno de alguns mesmos nomes de autores e obras. Entre os de fantasia, predominam os livros de Arnaldo de O. Barreto; entre os escolares, os da “Série Braga” e os livros de Olavo Bilac; e entre os de literatura, os livros de M. Delly e José de Alencar.

O Relatório parece apontar para pouca variedade de livros de literatura, como uma concentração de autores que detêm certa tradição, muitos livros do século XIX e pouca literatura contemporânea.

“Que lêem essas criaturas, na sua conturbada adolescência, na pressa da viagem de bonde, na sôfrega espera de clientes, num consultório?” questiona Cecília Meireles na crônica “O que lêem os adolescentes” (Diário de Notícias, 09/01/1930⁵⁶) e continua, respondendo à própria questão:

Geralmente, as obras ultra-românticas de autores muitas vezes ou quase sempre de segunda ordem, frequentemente traduções duas vezes perniciosas, pelo assunto e pela forma.

Livros cheios de raptos, de lágrimas inconsoláveis, de mosteiros, para corrigirem erros, de punhais e revólveres para punirem traições. Livros dolorosos, excitantes, constituindo no ar fantasias detestáveis de vidas alimentadas de impossíveis, em todos os aspectos da realidade se combatem, como prosaicos, e todas as alucinações se exaltam, enquadradas na moldura artificial de uma pseudopoesia.

Uma terceira e última consideração em relação à construção da expressão “literatura infantil” na produção ligada a Cecília Meireles. No Relatório, os livros citados pelas crianças que foram considerados por ela como “de fantasia” – historietas, fábulas, etc, com

⁵⁵ A crônica “Por que não se lê” não consta na obra “Crônicas de Educação” e foi gentilmente cedida pela pesquisadora Luciana Borgerth Vial Correa.

⁵⁶ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 2001, p. 5.

características infantis- não foram em nenhum momento nomeados como literatura infantil. Entretanto, ela já a utilizava nas crônicas datadas do mesmo período, como podemos ver pelos próprios títulos das crônicas “Literatura infantil [1]” de 28 de junho de 1930 e “Literatura infantil [2]” de 2 de agosto de 1931. Um acervo composto, em sua maioria, de contos mais tradicionais traduzidos da cultura europeia ou daqueles de cunho mais moralista e patriótico, destinados a leitores bem pequenos, não deveria ser reconhecido como literatura infantil? O que seria Literatura Infantil para ela?

Em sua crônica “Literatura Infantil [II]” Cecília Meireles cita os contos de Perrault como “literatura infantil”:

E, por estarmos falando em literatura infantil, lembramo-nos daqueles encantadores e inesquecíveis contos de Perrault, que tem feito e farão por muito tempo, ainda, a delícia de inúmeras gerações.
Dizemos assim: Contos de Perrault, e parece-nos que nada mais é preciso acrescentar. (...)
No entanto há dúvidas sobre a autoria dos contos. (...)
Todos nós gostaríamos de saber com certeza para que sombra do passado nos deveríamos voltar quando quiséssemos agradecer a lembrança amável daquelas histórias bonitas, reunidas para a alegria da nossa infância. (2 de agosto de 1931⁵⁷)

Nas crônicas, Cecília Meireles nos fornece pistas do que considera “literatura infantil”, mas o conceito é propriamente abordado, refletido e aprofundado por ela no livro “Problemas da Literatura Infantil”, no final dos anos 40.

Por outro lado, no Inquérito, a rubrica que ela denominou de “literatura” para reunir “obras de cunho especial”, aquelas que conhecemos como legitimadas pelos gêneros tradicionais (romances e poesias) não ganharam o adjetivo “infantil”.

Essa ausência da expressão “literatura infantil” no interior de um Relatório do Inquérito denominado “Leituras Infantis”, nos leva a inferir que tal conceito ou gênero estava ainda em construção, numa oscilação entre uma produção mais escolar e uma mais de ficção, mas sempre voltada para uma imagem de infância a ser formada. Uma expressão ou gênero que cambiava entre a importância da “fantasia” que merece agregar um tipo de obra destinada aos leitores mais infantis, e a importância da literatura legitimada pela tradição para os leitores em formação.

⁵⁷ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. V. 4, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 2001, p. 131.

Como simpatizante dos ideais da Escola Nova, Cecília Meireles defende uma educação que não seja exclusivamente apoiada em livros, mas conectada às mudanças nos paradigmas sobre a leitura do século XIX para o século XX; é nessa direção que ela sinaliza, na crônica “Por que não lê” (17/03/1932), do “Diário de Notícias”:

É certo que este século trouxe também o horror à mentalidade livresca. Detestamos os homens puramente de gabinete, viajando entre pensamentos já feitos, e negando à vida o encanto árduo, e quase sempre doloroso, da novidade de uma autêntica formação.

Mas o horror ao tradicionalismo livresco pode ser – como, aliás, em alguns casos, erradamente o foi – nem guerra ao livro nem à leitura.

O que se combate, no campo das idéias, é o mau livro ou a leitura má.

Mas, ao chamar a atenção para uma escola ligada à vida, à novidade, à autêntica formação, ela assume e destaca a importância da boa literatura e de boa leitura para crianças.

No Relatório, não podemos saber até que ponto essa “boa ou má literatura” pode ser associada às preferências da maioria das crianças. Nem tampouco quais seriam os livros criticados nas crônicas em relação aos indicados como lidos pelos jovens do Inquérito. Como ainda não sabemos, também, se os livros traduzidos, citados pelas crianças, são os mesmos que ela, em suas crônicas, considera como livros de segunda ordem:

O caminho vislumbrado por Meireles levava a um repertório literário universal capaz de envolver o leitor e fazê-lo pensar, assegurando-lhe “um poder de flexibilidade de espírito” para enfrentar os desafios futuros, ao mesmo tempo em que trazia a sabedoria das “obras eternas” e as sementes de humanismo. Por essa razão é que Meireles não se ressentia da pouca oferta de obras brasileiras para crianças. E mesmo em termos de produção editorial, se havia um esforço para aumentar e diversificar a disponibilidade de obras infantis em geral, a educadora o via com ressalvas, pois, do ponto de vista qualitativo, o espaço existente já estava devidamente preenchido pelos velhos e eternos livros de autores como Edmondo de Amicis, Collodi, Mark Twain, Selma Lagerlöf, Juan Ramon Jiménez, Ruyard Kipling, Jonathan Swift, Daniel Defoe. Esses sim formavam a Biblioteca Clássica de leituras infantis. (SOARES, 2007, p. 279).

Não muito diferente, e nem meramente por acaso, foram quase todos esses os autores citados no Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” produzido por Cecília Meireles.

4. PREFERÊNCIAS E DESEJOS DE LEITURA DE CRIANÇAS E JOVENS NOS ANOS 30: A QUESTÃO DO GOSTO

Vozes vivas e diversas que se aproximam, se comovem, se lembram; vozes que se lastimam, respondem, contradizem. (GIARD, 2009, p. 224)

O Relatório do Inquérito “Leituras Infantis” traz algumas vozes, de crianças, jovens, professores. Vozes de um tempo, que jamais serão reconstituídas, mas que, de alguma forma, são possíveis de serem ouvidas. Em alguns momentos, estas vozes se aproximam nos indicando o amor ou o desamor por uma obra ou autor; outras vezes, são contraditórias, mas sempre nos instigam a tentar entendê-las.

No capítulo anterior, buscamos pensar sobre os possíveis livros que as crianças e jovens entrevistados por Cecília Meireles liam, lembravam ou tinham contato através das respostas à terceira pergunta do Inquérito. Neste momento, nosso interesse é conhecer como as crianças expressam seus gostos e entender como eles se configuram nas preferências e aversões destacadas por elas com relação aos autores, às obras, às categorias e aos gêneros, a partir das questões colocadas no Inquérito: “De que livros gostou mais? Por que?”; “De que livros não gostou? Por que?”; “Tem vontade de ler algum livro? De que?”; “Prefere livros em prosa ou em verso?”; “Quais são os livros que você acha mais interessantes: os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, de romances ou fábulas?”; “De que autor você mais gosta?” e “Dos autores nacionais, qual é o que mais lhe agrada?”

No Inquérito, Cecília Meireles organiza as questões tentando cercar a questão da leitura e aspectos ligados ao que as crianças liam, ou que queriam citar como livros lidos e lembrados, sobre as preferências e desejos delas em relação ao que lhes era oferecido pelo mercado editorial. A hipótese, talvez, que oriente essa proposta é de que provavelmente as crianças estavam lendo determinados autores e obras, mas poderiam ter preferências distintas em relação ao que liam ou que desejavam ler.

A idéia é que, conforme estudos da psicologia da época, a criança como ser especial, distinto do adulto, poderia ter outros interesses e gostos, desconhecidos e desconsiderados até então:

Um pouco de psicologia ajudará a esclarecer a razão dessa dificuldade. Sem chegarmos ao ceticismo de Rousseau, nas páginas que, no Emílio, consagra ao assunto, teremos de perguntar, antes de mais nada, que coisas vamos dizer, num livro, que convenham, realmente, aos leitores pequeninos. A criança gosta somente daquilo que satisfaz um interesse da sua vida. Aprendamos, pois, a conhecer esses interesses. Não nos estejamos iludindo, devolvendo interesses nossos, e pensando que estamos servindo à infância. Ora, como a psicologia ainda não é estudada como devia ser, acontece, freqüentemente, aparecerem autores desejosos de oferecer suas produções literárias às crianças, sem, no entanto, abdicarem das suas convicções, dos seus conceitos e preconceitos, e do seu estilo literário, para se porem em comunicação com essas maravilhosas criaturas que nada têm a ver com seu gosto de adultos... Daí nasce a abundante literatura inútil e prejudicial que, com o rótulo de “infantil”, se ostenta pelas livrarias. (Educação Moral e Cívica – 14 de setembro de 1930)

4.1. As obras que crianças e jovens mais e menos gostavam

Da mesma forma com que organizou os dados relativos à questão analisada no capítulo anterior, Cecília Meireles categorizou as respostas das crianças para as perguntas 4 - De que livros gostou mais? Por quê?, e 5. De que livros não gostou? Por quê? - nos grupos de livros: *escolares*, *fantasia* e *literatura*. Também categorizou apenas as respostas dadas por um conjunto de 10 crianças de um mesmo sexo⁵⁸.

Na comparação com as respostas dadas anteriormente em relação a livros e autores que as crianças citavam como lidos/lembrados, e as encontradas neste capítulo em relação a suas preferências, poucas surpresas, divergências ou contradições podem ser indicadas. Desta forma, optamos por deixar anexados os quadros com as porcentagens relacionadas a cada pergunta feita no Inquérito e alguns comentários a partir da nossa leitura destes quadros. Evitamos, assim, colocar no corpo deste nosso trabalho muitos quadros que pouco acrescentam de diferente em relação às respostas dadas pelas crianças e que já foram analisadas por nós. Neste capítulo, chamamos a atenção apenas para o comum, ou aquilo que pode trazer certa problematização em relação aos quadros já comentados anteriormente.

Para as perguntas: 4. “De que livro gostou mais? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 35) e 5. “De que livros não gostou? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 44), a ordem das preferências é a mesma para ambos os sexos (*escolares*, *fantasia* e *literatura*). No entanto,

⁵⁸ Encontra-se no Anexo 1 os quadros referentes a este tópico, contemplando as perguntas “De que livro gostou mais? Por quê?” e “De que livros não gostou? Por quê?”.

enquanto os meninos dizem preferir os livros *escolares* (Mos. 30,3% contra Mas. 26,3%), as categorias *fantasia* (Mas. 8,7% e Mos. 5,2%) e *literatura* (Mas. 4,1% e Mos. 3,08%) são indicadas como preferências das meninas.

Cecília Meireles busca conhecer o “gosto” pelo gênero (sexo) e tem como retorno à sua indagação aquilo que já é bastante conhecido: as meninas aparecem envolvidas com a fantasia, enquanto os meninos com algo mais “prático”, instrutivo, escolar.

Na pergunta seguinte colocada pelo Inquérito, “De que livros não gostou? Por quê?”, meninos e meninas, juntos, afirmam - na mesma ordem, não gostarem das mesmas categorias que colocam como as preferidas. Surpreendentemente, no entanto, ao compararmos as aversões detectadas pelos meninos e pelas meninas, são os livros de fantasia os livros de que elas menos gostam (Mas. 8,03% e Mos. 7,04%), e os escolares são os de maior aversão pelos meninos (Mas. 7,2% e Mos. 8,8%). Forma-se um círculo vicioso: os mais queridos são também os mais rejeitados para ambos os sexos, anulando-se qualquer possibilidade de entendimento sobre este gosto e aversão indicados pelos entrevistados.

Ao compararmos com a questão analisada no capítulo 3 - “Pode dizer o nome de alguns [livros]?”, notamos que enquanto as crianças apontavam de maneira geral os livros de *fantasia* como os mais lembrados, nas questões que destacamos aqui, tanto para os que diziam gostar como não gostar, elas remetem mais aos livros *escolares*, considerando-se as demais categorias.

Há uma coincidência entre os livros/autores mais citados na 3ª questão do Inquérito, que trouxemos no capítulo anterior, com os mencionados em relação às preferências e desamor. São os mesmos livros dos quais as crianças e jovens disseram se lembrar que são suas referências para os seus preferidos.

Entre os preferidos, foram citados 18 livros pertencentes às categorias: *escolares* (10 títulos) “Livros de Erasmo Braga”; “Através do Brasil”; “Tesouro da Juventude”; “Páginas Cariocas”; “Nossa Pátria”; “Páginas brasileiras”; “História do Brasil”; “Corações de crianças”; “Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro” e “Contos pátrios”; *fantasia* (6 títulos): “Robinson Crusoé”, “Contos (ou histórias) da Carochinha”, “As 3 cabeças de ouro”, “Histórias (ou contos) da avozinha”, “A gata borralheira”, “A filha da floresta”; e, *literatura* (2 títulos): “O guarani” e “Iracema”.

Enquanto os meninos citaram e disseram preferir mais os livros escolares de Erasmo Braga, entre as meninas ele também foi o autor mais mencionado ao comentarem os livros que lembravam, mas elas afirmam preferir “Através do Brasil” (5,1%).

Por exemplo, entre os escolares, o primeiro lugar, nas três questões, é ocupado por Erasmo Braga. São do autor o livro escolar mais lembrado, e também os de que as crianças diziam mais e menos gostar. Podemos pensar que é provável que esses dados sugiram porque o acesso ao livro por essas crianças se dava pela escola, pela força desta instituição na prática da leitura. No entanto, os mesmos livros, amplamente conhecidos, são amados e odiados, como é o caso das obras de Erasmo Braga, o que pode significar a presença marcante dele no universo de um mercado livreiro que ainda era escasso, pequeno.

Entre os de fantasia, “Contos da Carochinha” - que havia sido o livro mais mencionado nesta categoria como os livros que as crianças mais lembraram - aparece aqui como o livro de que as meninas mais e menos gostaram. Enquanto, entre os meninos, surge como o mais rejeitado, sendo “Robinson Crusoé” o preferido por eles.

Já entre os de Literatura, os mesmos dois livros de José de Alencar são lembrados nas três questões: “O guarani” e “Iracema”. O primeiro, como livro preferido; o segundo, como aquele de que não gostavam.

A citação de “Iracema” na categoria *literatura* como um dos mais lembrados, um dos que mais gostam e um pelo qual têm mais aversão, sugere que o gosto declarado com relação à literatura era bastante restrito, talvez devido à pouca oferta de obras para este público.

Como sabemos, “Iracema” e “O guarani” são duas obras consideradas pela crítica literária como representativas da literatura brasileira do século XIX. Não foram produzidas nem para o público infantil, nem com destinação primeira ao público escolar, mas é nesta instituição – assim como nos salões da sociedade - que elas ganham força e tradição dentro da cultura de várias gerações.

(...) a literatura se apresenta na escola sob forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos e interpretados. Certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais adequada. (SOARES, 2003, p. 25) (...)

Uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura são certos autores e certos textos, a tal ponto que se pode vir a considerar como uma

deficiência da escolarização o desconhecimento, pela criança, daqueles autores e obras que a escola privilegia... (p. 28)

As referências às obras de José de Alencar são marcantes em várias respostas de uma quantidade significativa de crianças e em relação às questões diferentemente colocadas. Essas obras não só são lembradas nas questões anteriores, como também em relação à que sugere como preferências, uma representação orientando tais respostas para o que seja o “gosto literário” a ser declarado em uma entrevista formal. Não citá-los ou não gostar deles podem significar uma falta de cultura, um desconhecimento por parte do jovem da tradição reconhecidamente melhor das gerações mais velhas e conhecedoras do que é legitimado na literatura.

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independente de seu verdadeiro gosto pessoal. (ABREU, 2006, p. 19)

Para um autor ou obra ser considerados Literatura, como sinônimo de Literatura erudita, é preciso ser declarado literatura por instâncias legitimadoras como a escola, o livro didático, os jornais, os críticos literários, as revistas especializadas, etc. É nessa direção, talvez, que as crianças destaquem umas e não outras obras, e que a própria Cecília Meireles dê a esses autores e obras o estatuto de literatura, ao colocá-los nesta categoria e não na de *fantasia*, como fez com “Robinson Crusóé”.

Os entrevistados por Cecília Meireles reforçam que o seu gosto é formado pela preferência por conteúdos morais, como “Livros de Erasmo Braga”, “Contos ou histórias da Carochinha”, “Corações de Crianças”; por livros nacionalistas, cívicos, patrióticos, como “Através do Brasil”, “Páginas Cariocas”, “Nossa Pátria”, “Páginas brasileiras”, e pela literatura com temas também nacionalistas, como “O guarani” e “Iracema”.

Os livros dos quais mais gostavam ou não, reforçam a constatação do capítulo anterior de que as crianças e jovens conhecem/lidam/querem dizer apenas sobre os mesmos livros, preferencialmente os produzidos para o ambiente escolar, os prestigiados pela família e escola, aqueles que fazem parte da biblioteca escolar e familiar.

No Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, encontramos um quadro comparativo elaborado por Cecília Meireles, entre os livros/autores, preferidos ou não, pelos jovens

leitores. Nele, a pesquisadora faz uma aproximação entre as questões “De que livros gostou mais?” e “De que livros não gostou?”, usando como critério isolar as respostas dadas por mais de 10 crianças. Embora Cecília Meireles afirme no Relatório do Inquérito ter encontrado 11 livros nestas condições, no quadro ela traz apenas 10, excluindo “O patinho feio”, que em quadros anteriores teve um grande número de referências:

Quadro: Aproximação entre os livros de que as crianças gostaram e não gostaram (MEIRELES, 1934, p. 43)

LIVROS	Gostaram		Não gostaram		Total	
	meninas	meninos	meninas	meninos	sim	Não
Erasmus Braga	3,8	7,04	3,1	3,3	4,7	3,1
Contos da Carochinha	1,9	0,4	2,2	2,2	1,4	2,2
Corações de crianças	1,2	1,5	1,5	1,9	1,3	1,6
Cartilha	-	-	1,6	1,5	-	1,5
Pinocchio	-	-	1	2,2	-	1,4
Maria Rosa M. Ribeiro	1,1	1,5	1	1,9	1,2	1,3
Fábulas	-	-	1	1,5	-	1,2
Contos de gênios e fadas	-	-	1,5	0,2	-	1,08
Iracema	1,8	1,3	1,3	0,4	1,6	1,08
Contos da avozinha	1,7	0,4	1	0,4	1,2	0,8

Quanto aos livros de que crianças e jovens não gostavam, novamente encontramos os mesmos livros/autores, em uma situação sempre aparentemente contraditória. Entre os 11 livros de que as crianças não gostavam, temos a presença de 6 de *fantasia*: “Contos da Carochinha”; “Pinocchio”; “Fábulas”; “Contos de gênios e de fadas”; “O patinho feio” e “Contos da avozinha”; 4 livros escolares: “Erasmus Braga”, “Corações de crianças”, “Cartilha” e “Livros de Maria R. Moreira Ribeiro” e 1 livro de literatura: “Iracema”.

Não podemos deixar de pensar que os entrevistados respondem a tal questão orientados por representações diversas que, de certa maneira, moldam suas declarações. Saber se meninos de fato gostam mais de fantasia do que as meninas, realmente é inacessível, pois no imaginário social há uma associação estreita entre o gênero fantasia e o gênero feminino. Saber se os meninos omitem propositalmente suas preferências caso sejam inadequadas à imagem que desejam expor e tornar pública, também é praticamente inacessível.

De acordo com Chartier (2002)

As percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (p. 17)

As representações estão num campo de lutas, entre concorrências e competições, onde cada grupo tenta impor seus valores, suas concepções e seu domínio.

As fábulas e os contos fantásticos fazem parte da tradição, dentro da cultura popular, de uma produção adequada para as crianças e constituem o material destinado ao público infantil, no entanto, a maioria das crianças que participaram do Inquérito afirma não gostar destes gêneros.

Observando esta tabela comparativa, temos a constatação de que alguns livros não atraíam o gosto das meninas e dos meninos: “Cartilha”; “Pinocchio”; “Fábulas”; “Contos de gênios e fadas”, sendo citados apenas entre os livros de que não gostavam, embora tenham sido citados nos quadros anteriores como mais lembrados.

Essas obras de contos fantásticos de que as crianças não gostavam, não estariam adequadas à idade delas? Não eram livros interessantes, instrutivos? Pelo fato de a faixa etária dos entrevistados ser ampla, uma mesma obra poderia ser preferida por uns e não era por outros.

Embora alguns leitores infantis parecessem identificar-se com estes livros, em especial os de Pimentel, talvez eles tenham recebido mais menções como preferidos pelos valores morais que traziam - como “razões morais (bondade, caridade, etc.)”, uma das justificativas dos entrevistados para apreciar um livro. Por outro lado, esta talvez seja a mesma razão que levava alguns a preferir deixá-los de lado: talvez pelo próprio tom moralizante ou por considerá-los muito infantis.

Cecília Meireles em várias de suas crônicas publicadas, nos leva a pensar sobre uma literatura moralista que permeava o mercado editorial, com livros que subestimavam a capacidade das crianças; o leitor infantil não devia estar em contato com qualquer texto ou quaisquer livros, era preciso ter livros adequados, que não ensinassem tolices.

Nas crônicas da década de 30, Cecília Meireles chama criticamente a atenção para a publicação de livros “hediondos”, livros esquecidos, sem um estilo cuidadoso, histórias banais, enredos fantasiosos e fantásticos.

Em uma de suas crônicas para o “Diário de Notícias”, ela faz uma crítica aos livros destinados à infância, em especial no que se refere às narrativas fantásticas:

Muita gente pensa que escrever para a infância é das coisas mais fáceis. Que esses leitores são pouco exigentes; que não é preciso ter “estilo” (todo o mundo tem o direito de pensar coisas absurdas) para escrever qualquer página que os satisfaça. E – o que é a maior enormidade – que qualquer assuntozinho à toa se presta para um livro desses, destinado a quem não tem muitas preocupações fora do círculo da família e da escola. Há também os partidários das narrativas fantásticas, para quem as crianças são uma espécie de gente desvairada, que se alimenta de proezas incríveis, de aparições, de golpes de audácia e crueldade. (Literatura infantil [I] – 28 de junho de 1930)

No Relatório do Inquérito as crianças não fazem qualquer referência a “livrinhos” com “assuntozinhos com proezas incríveis”. O que aparece na organização feita por Cecília Meireles são apenas referências aos clássicos, legitimados pela tradição, como José de Alencar, entre os categorizados como *literatura*; Erasmo Braga e Olavo Bilac entre os *escolares*; os contos de fadas e fábulas e os de Arnaldo Barreto, entre os de fantasia. A não coincidência entre uma postura defendida por Cecília Meireles sobre o que as crianças manifestavam nos leva a pensar que ela ignorou no Relatório qualquer referência a esta produção. Ao apresentar as obras e autores mencionados por mais de dez crianças em um dos sexos, a pesquisadora provavelmente criou um campo daquilo que poderia ser dito por ser legitimado em uma instituição escolar.

As respostas oferecidas pelas crianças e jovens estão dentro do universo das obras conhecidas por eles; citam aqueles livros de que se lembram e conhecem como legitimados: as mesmas obras e os mesmos autores, aqueles que, possivelmente, circulavam na escola e em seu meio familiar.

De acordo com Abreu (2006)

Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social. Uma pessoa que queira passar de si uma imagem de erudição falará de livros de James Joyce, mas não de obras de Paulo Coelho. Essa mesma pessoa, se tiver de externar idéias sobre Paulo Coelho dirá que o desaprova. Mesmo que não tenha entendido nada de “Ulisses” ou tenha se emocionado lendo “O alquimista”. (p. 19)

As críticas de Cecília Meireles parecem revelar que além desses livros e autores citados pelas crianças, havia uma produção – mal escrita, feita de qualquer maneira,

subestimando o leitor infantil – que circulava e tinha uma presença intensa no mercado editorial daquele período.

4.2. As razões para gostar ou não de um livro

Saber ler é outra coisa, não somente poder decifrar um livro único, mas mobilizar, para a utilidade ou o prazer, as múltiplas riquezas da cultura escrita. (CHARTIER, 2004, p. 247)

As crianças e jovens do Inquérito responderam a duas perguntas referentes aos livros de que gostavam e de que não gostavam, como já vimos no tópico anterior. Essas questões, no entanto, vieram acompanhadas no Inquérito do “Por quê?”, numa tentativa da pesquisadora de entender melhor o gosto de seus entrevistados.

As respostas encontradas para as razões dadas pelas crianças e jovens quando indagadas sobre o motivo de gostar ou não destes livros/autores variam muito e como se referiam a um livro citado pela criança, Cecília Meireles optou por não isolá-las, como havia feito nas outras questões. Preferiu trazer todas as respostas, organizando-as em um quadro referente às razões para gostar de um livro e outro referente às razões para não gostar⁵⁹.

Segundo a própria Cecília Meireles, sua opção por trazer todas as respostas se deve ao fato de:

Foi tal a dispersão das respostas, que malgrado todos os esforços, não se conseguiu concentração maior de motivos do que essa que aí se vê, separada em três grupos.

No primeiro, figuram as respostas que reúnem mais de 10 opiniões, num dos sexos.

No segundo, duas respostas de sentido próximo, mas não inteiramente idênticas, No terceiro, finalmente, encontram-se as razões esparsas, na sua maioria individuais, que merecem, no entanto, ser focalizadas, ao menos como revelação da variedade de aspectos que pode oferecer um livro a criança e das casualidades que podem atingir e perturbar o seu interesse pela leitura.

Explanadas no quadro n.º 9-a essas respostas ao *Por que?* da 4ª pergunta, deixaram de ser isolados os motivos centrais dessa preferência por se tratar, neste caso, de preferência relativa aos livros citados, e, parece que difícil de generalizar. (MEIRELES, 1934, p. 36)

⁵⁹ Essas tabelas detalhadamente organizadas por Cecília Meireles no Relatório do Inquérito com as razões dadas pelas crianças e jovens para se gostar ou não de um livro encontram-se no Anexo 2.

Os participantes do Inquérito citam quase 50 diferentes razões, embora não revelem dispersão em relação às suas preferências pelos autores/obras. Cecília Meireles faz, conforme indica, três tipos de agrupamentos. No entanto, não é possível compreender como elabora essas junções de respostas, pois no nosso entendimento ela poderia ter agrupado, por exemplo, as respostas “Em virtude de ser escrito pelo autor João Ribeiro”, “Por ser de José de Alencar” e “Pelos seus autores”.

Ao olhar para os “porquês” do gosto, Cecília Meireles parece preocupar-se com uma variedade de aspectos que vão além dos conteúdos das obras e com a ideia de que um gosto é afetado também pelo “em volta” dos livros.

As respostas dos estudantes apontam para o fato de que a maioria deles lê pelo fato do livro ser “Instrutivo – e outras razões de utilidade”, 14,7% de um universo de 73,8%. Tal finalidade da leitura como instrutiva foi nomeada por Cecília Meireles no Relatório do Inquérito da seguinte forma:

sob a rubrica – razões de utilidade – nesta e noutras perguntas, figuram as respostas que se prendem ao aproveitamento da leitura: instrui, aprende-se, ensina, pode-se arranjar emprego – e outras coisas com a mesma inspiração. (MEIRELES, 1934, p. 36)

Esta definição de Cecília Meireles - “instrutivo” para livros com os quais se aprende, se ensina, que é útil, etc., - permite que olhemos para outras respostas, como: “Interessantes” (8%); “Razões morais (bondade, caridade, etc.)” (3,4%); “Por ser bem escrito” (1,08%); “Por ser de história do Brasil” (3,1%), e ampliemos de 14,7% , para 30,28% a quantidade de livros reunidos nesta rubrica.

Além dessas respostas “escolarizadas”, que destaca a leitura como instrução, temos as respostas voltadas para o foco da recepção da leitura. Leitores destacam que gostam de ler pelo que as obras lhes provocam: sentimentos “Triste, sentimental” (3,2%); sensações “Por ser agradável” (1,08%); “Porque tinha grandes sensações” (0,07%); impressões “Porque foi o que mais me impressionou” (0,07%), somando 4,2 %.

Este caráter de livros que tocam a criança pela emoção e pelos sentimentos é um tema abordado por Cecília Meireles em suas crônicas. Em “Livros para crianças [III]” de 26 de abril de 1932, ela chama a atenção para a recepção dos leitores, dizendo que uma

obra para a infância deve tocar o coração, emocionar e afirma que, algumas vezes, o sentido da leitura é alterado quando se esquece dessas finalidades: “da confusão que se costuma estabelecer com o sentido da leitura, todas as vezes que ela fica reduzida a uma simples ginástica oral, sem nenhuma ressonância de beleza no pensamento e no coração”.

Outro agrupamento de respostas das crianças refere-se à leitura que diverte: “Divertido (engraçado, etc.)” (4,9%), um percentual quase seis vezes menor do que os que afirmam gostar dos instrutivos. Os dados sugerem que, para as crianças, a leitura tem como função primeira e maior a de ensinar, o que pode mais uma vez estar revelando que respostas dadas por elas giravam sempre em torno do discurso reconhecidamente legitimado nos âmbitos social e escolar.

Os alunos também responderam que o seu gosto estava relacionado à linguagem, como: “Por serem fáceis ou infantis” (0,8%) e “Por ser adiantado ou difícil” (0,3%).

Muitas outras respostas abordam o aspecto gráfico do livro, como ser “Bonito” (13,3%), “Mimoso” (0,3%), “Por ter figuras” (0,3%), “Por que é uma história só” (0,1%) e “Por ser um livro simples e pequeno” (0,07%), e outras tantas em relação aos seus conteúdos: “Interesses por assuntos nacionais” (2,8%), “Interesse por coisas antigas” (0,9%), “Interesse por coisas históricas” (0,8%), “Heroísmo, bravura” (0,7%), “Por ser a história de dois meninos” (0,2%), “Seu enredo é baseado no amor de Deus e da pátria” (0,07%), “Porque gosto da vida dos campos” (0,07%), “Por ser de crime” (0,1%), “Porque fala bem de D. João VI” (0,07%), “Por falar de N. S. J. C” (0,07%), “Porque traz coisas sobre o governo” (0,07%) e “Porque traz revoluções” (0,07%).

Podemos dizer que, em comum, as respostas trazem as razões nobres, legitimadas socialmente, para ampliação dos conhecimentos e para instruir, mais do que para divertir. As respostas nos mostram também essa legitimação do gosto, quando as crianças informam considerar importante ler pelo prestígio de alguns autores, de alguns cânones literários, como: “Por ser preferido por inúmeras pessoas” (0,07%), “Por ser de José de Alencar” (0,07%), “Porque os autores são homens ilustres” (0,07%), “Em virtude de ser escrito pelo autor João Ribeiro” (0,07%), “Pelos seus autores” (0,07%).

E quais seriam os motivos para não gostar de uma obra? Cecília Meireles traz em seu Relatório do Inquérito a compilação das razões que crianças e jovens trouxeram para o

fato de não terem gostado de um livro, referindo-se ao “Por que” da quinta pergunta do Inquérito⁶⁰.

Referindo-se a este quadro Cecília Meireles afirma que nele:

se revelam as inúmeras nuances da personalidade infantil: motivos tão variados e até contraditórios que podem servir de desamor à leitura; - detalhes de sentimento, de inteligência, um pouco de preconceito, às vezes indícios de personalidade em formação, - e até observações sobre a feitura material do livro, grande ou pequeno demais, com letras maiores ou menores, com ou sem figuras, etc. (MEIRELES, 1934, p. 44)

Segundo a pesquisadora, nesta citação, os motivos para não gostar de uma obra são contraditórios. Perguntamos o porquê desta afirmação, uma vez que não havíamos encontrado no seu modo de organização das respostas no Relatório qualquer sinal de contradição. Ao contrário, a cada nova questão, as respostas das crianças pouco apresentavam de singularidades, de divergências, de complexidade. Pensamos que tal afirmação possa ser de possíveis oposições que ela tenha encontrado numa mesma ficha de resposta quando focada em uma única criança. Mas, pelo modo como ela tabulou e apresentou as respostas, não é possível perceber contradições entre as respostas dadas às diferentes questões.

Outra afirmação de Cecília Meireles nesta citação são os “indícios de personalidade em formação” e também nos provoca indagações. Que respostas levam a considerar esses leitores como “personalidade em formação”? Talvez respostas que apontam para uma preferência ou não por livros finos ou grossos, com ou sem ilustrações, fáceis ou difíceis, etc.

As crianças apresentavam várias razões para não gostar de uma obra, como: “Não tem graça, monótono, etc.” (11,1%); “Não é interessante, agradável, adequado” (8,2%); “Não é instrutivo, útil, etc.” (2,5%). Rejeitavam também o livro “Feio” (6,8%); o “Bobo, fútil” (1,9%) e o “Difícil, incompreensível, etc” (2,6%). Podemos observar, pela repulsa, a valorização do livro que é bonito, que instrui, que ensina boas lições, que tem um bom autor, como já apontamos a partir do quadro anterior.

Várias informações que podem levar a pensar na importância do projeto gráfico na construção do gosto, ao trazerem em suas respostas indicações relacionadas à materialidade

⁶⁰ A tabela consta no Anexo 2.

dos livros, como a beleza. Ser “bonito” foi a segunda razão mais mencionada para se gostar de uma obra (13,9% de um total de 73,8%), mas que podemos agregar ao motivo de não gostarem dos livros “feios” (6,8%). Além desta, temos ainda razões que tratam do projeto gráfico, como a originalidade, a espessura, o tamanho e a ilustração.

Algumas expressões usadas pelas crianças para qualificar os livros chamam nossa atenção, como quando os caracterizam como “feio” ou “bonito”, porque generalizam e sugerem uma ambiguidade: as afirmações das crianças e jovens estariam se referindo à materialidade ou ao conteúdo do livro?

Além dessas expressões, outras aparecem ligadas a juízos de valor, tais como: “por ser indecente”, “por falar da vida alheia”, “matar pássaros”, “tratar mal aos filhos”, “travessuras de menino”, “ensinar a roubar”, “leva ao caminho da perversidade”. Gosto pela leitura moldada pela educação dos valores morais e éticos, tão propalados em estudos sobre a produção deste período. São marcas de que uma das finalidades da leitura legitimada socialmente é aquela que ensina valores e educa as crianças.

É difícil olhar para esta tabulação e buscar sentidos no meio de tantas generalizações e agrupamentos feitos por Cecília Meireles e pela ausência do acesso às respostas diretamente dadas pelas crianças. Cecília Meireles, orientada por uma visão mais panorâmica, filtra e nos oferece apenas o que lhe parecia mais evidente e importante. Por outro lado, partícipe do tempo histórico dos entrevistados, pode ler os dados muitas vezes desconsiderando aspectos que seriam inacessíveis para leitores de outros tempos. Comparando os dois quadros, há um equilíbrio entre os que gostam e os que não gostam que gêneros, autores e obras podem ser tanto objetos de interesse como de não gosto. Podemos perceber que o número de razões para gostar de um livro é maior do que as razões para não gostar.

Comparando as razões, tanto para gostar como para não gostar de uma obra, vemos que a questão do gosto daquelas crianças e jovens participantes do Inquérito “Leituras infantis” se constrói pelas obras instrutivas. Talvez pelo fato de serem estas aquelas que eles mais leem ou as que acreditavam ser aquelas a serem ditas.

4.3. Escritores dos quais crianças e jovens mais e menos gostavam

Ora, se há, também, coisa fácil de ser verificada é que entre nós não temos escritores que se dediquem a fazer livros infantis, como os faz um Mukerjee, na Índia, e uma Selma, na Suécia, por exemplo. (MEIRELES, Diário de Notícias - Livros para crianças [I] – 9 de novembro de 1930⁶¹)

Neste excerto de crônica, Cecília Meireles aponta, no período do Inquérito, para a ausência de escritores brasileiros que escrevam livros de qualidade para a infância em nosso país. Traz como modelos do “bem” escrever dois autores: Mukerjee e Selma.

Em várias questões do Inquérito Cecília Meireles está preocupada em conhecer e delinear o gosto das crianças diante do que tem sido oferecido a elas, como já vimos na 3ª e na 4ª questão, por exemplo.

Numa outra tentativa de se aproximar deste gosto proferido pelas crianças pesquisadas, Cecília Meireles usa uma estratégia de afunilamento das respostas. Ela coloca duas perguntas mais específicas, diretamente voltadas para os escritores; são elas: “11ª pergunta: De que autor você mais gosta?” e “12ª pergunta: Dos autores nacionais, qual é o que mais lhe agrada?”.

Para a questão 11, Cecília Meireles afirma que houve a citação de 87 autores pelas meninas e 57 pelos meninos, mas destes apenas quatorze conseguiram reunir mais de dez citações em um dos sexos, ficando um número significativo de fora.

O quadro a seguir traz os autores, a quantidade de citações e o percentual por meninos, meninas e total - por nós completados com a coluna “categoria” - na qual informamos como os autores foram categorizados por ela: autores *literários* ou *didáticos*.

11ª pergunta: De que autor você mais gosta? (MEIRELES, 1934, p. 75 - 76)⁶²

Autores	Categoria	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Olavo Bilac	Literário	242	25,9	89	19,6	331	23,8
José de Alencar	Literário	90	9,6	39	8,5	129	9,3
Coelho Netto	Literário	68	7,2	35	7,7	103	7,5
Delly	Literário	70	7,5	-	-	70	5,04
Julio Verne	Literário	21	2,4	31	6,8	52	3,7
Gonçalves Dias	Literário	23	2,4	11	2,4	34	2,4

⁶¹ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001, p. 122.

⁶² Para facilitar a análise, acrescentamos à tabela a coluna com as categorias: didático, literário ou editor, realizadas pela poetisa, mas disposta de outra maneira no Relatório do Inquérito.

Erasmus Braga	Didático	17	1,8	14	3	31	2,2
Casimiro de Abreu	Literário	28	3	-	-	28	2
Rocha Pombo	Didático	16	1,7	12	2,6	28	2
Monteiro Lobato	Literário	12	1,2	12	2,6	24	1,7
Nelson Costa	Didático	16	1,7	-	-	16	1,7
Arthur Joviano	Didático	11	1,1	-	-	11	0,7
Gaspar de Freitas	Didático	10	1	-	-	10	0,7
Arnaldo Barreto	Didático	-	-	10	2	10	0,7
Francisco Alves	Editor ⁶³	12	1,2	-	-	12	0,8
Foram citados - incluindo os autores acima		87	9,3	57	12,5	144	10,3
Deixaram de responder		86	9,2	45	9,9	131	9,4
Respostas inaproveitáveis		59	6,3	36	7,9	9,5	6,8
“Não sei responder”		25	2,6	-	-	25	1,8
“Não conheço nenhum”		-	-	16	3,5	16	1,1
Respostas inadequadas		8	0,8	4	0,1	12	0,8

Nos comentários a respeito deste quadro, Cecília Meireles destaca o nome de Francisco Alves, que segundo ela, possivelmente foi citado erroneamente, pois era editor e não autor.

As novidades deste quadro são as referências aos autores: Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Júlio Verne, Arthur Joviano e Gaspar de Freitas, que não haviam aparecido em nenhuma outra questão do Inquérito. Apenas as meninas indicam preferência por Casimiro de Abreu, Arthur Joviano e Gaspar de Freitas. Já Gonçalves Dias e Julio Verne tiveram menções em ambos os sexos.

Segundo Arroyo (1968), Júlio Verne foi um autor muito lido no Brasil no final do século XIX. Muitos depoimentos de leitores adolescentes contam das leituras que fizeram da obra daquele autor. Seus livros foram traduzidos pela Editora Davi Corazzi, dirigidos especialmente para os meninos e os adolescentes. Nota-se que entre as preferências dos leitores participantes do Inquérito “Leituras Infantis” há maior predileção dos meninos por este autor, o que revela que o seu sucesso junto ao público jovem ultrapassa o final do século XIX.

Também Gonçalves Dias é um escritor do século XIX, do Romantismo, que foi muito lido e apreciado, tendo circulado muito nas escolas. O autor faz parte de um gosto configurado pelo teor nacionalista, já indicado em questões anteriores. Mas no Relatório do

⁶³ Francisco Alves, segundo Cecília Meireles, foi registrado devido à colocação que por engano recebeu.

inquérito é Olavo Bilac que aparece como o autor dos livros mais lidos, mais lembrados e preferidos. Tal preferência provoca em Cecília Meireles o seguinte comentário:

Mereceram preferência os literatos – 56,3% contra 6,9% - e, dentro do seu grupo, prevaleceram os poetas, pela primeira vez, graças à votação excepcional alcançada por Bilac. Situação singular, porque Bilac, para as crianças, pode não ser o poeta que os adultos vêm, principalmente, mas também o prosador, ou o autor mais *didático* que *literário* de antologias e poesias infantis. (MEIRELES, 1934, p. 75 – grifos da autora)

Bilac, sem dúvida nenhuma, reincide na quantidade de respostas por várias questões. Tal preferência destacada indicia um gosto literário moldado pela tradição, pelo legitimado, pelo acesso continuado. É um autor que está nos livros didáticos, nos salões, nas bibliotecas, na memória oral de várias gerações. Também a preferência pela literatura sugere a força deste gênero no interior da escola. As crianças afirmam gostar de literatura, aquela que é oferecida pela escola.

Ele é o “melhor” entre todos, mas ao analisar as respostas das crianças, a pesquisadora notou uma diversidade na grafia do seu nome. O nome de Olavo Bilac foi grafado, surpreendentemente para a pesquisadora e também para nós, de 33 diferentes maneiras (MEIRELES, 1934, p. 80):

	Mas.	Mos.	Total
Olavio Bilac	16	7	23
Olavo Bilak	4	1	5
Olave Bilaque	2	2	4
Olavo Bilaque	1	1	2
Olavo Billak	1	1	2
Olavo Bilax	-	2	2
Olav Bilac	-	2	2
Olavo Bilaq	-	1	2
Olavi Billac	1	-	1
Olavo Billac	1	-	1
Olavo Bilq	1	-	1
Olavo Bilaqc	1	-	1
Olavo Bilack	1	-	1
Olavo Bylaque	1	-	1
Olavo Bilhac	1	-	1
Ollavo Bilac	-	1	1
Olavo Bilach	1	-	1
Olavo Blak	-	1	1
Olavo Bilalk	1	-	1

Olavio Bilaque	1	-	1
Olav	1	-	1
Olavio Bilak	1	-	1
Olavio Bilax	1	-	1
Olavio Bulacq	1	-	1
Olavio Bile	-	1	1
Holavo Bilac	-	1	1
Olabo Bilac	-	1	1
Olav Bilac	-	1	1
Olavo Billack	-	1	1
Olov Bilack	1	-	1
Olivro Bilax	-	1	1
Álvaro Bile	-	-	1
	41	25	66

A variedade na grafia induz o seguinte comentário de Cecília Meireles, logo após a apresentação deste quadro:

Tratando-se de alunos de 3.º, 4.º e 5.º anos, e dada a divulgação do nome do poeta, e o fato de aparecer aqui citado justamente como uma demonstração de preferência que se supõe espontânea - essa diversidade gráfica poderia dar margem a reflexões talvez importantes para a pedagogia. (MEIRELES, 1934, p. 80)

Como estranhamento com esta constatação, Cecília Meireles associa a diversidade gráfica na escrita do nome do poeta como um problema a ser investigado pela pedagogia, talvez apontando para a questão do ensino da escrita na escola, para a presença de uma cultura calcada na oralidade. São escritas referentes a diferentes níveis e idades de escolarização, pois o Inquérito foi respondido por crianças e jovens de 7 a 17 anos, com a maior quantidade entre 11 e 13 anos, cursando do terceiro ao quinto ano escolar, o que pode explicar em parte a diversidade na grafia. De qualquer maneira, podemos também inferir sobre qual era o grau de familiaridade de escrita com o nome deste poeta, o mais preferido entre todos os autores nacionais e entre todos os livros. Poderíamos perguntar, por exemplo, se as respostas revelavam mesmo a leitura de seus livros, ou se o poeta era conhecido apenas pelas sessões de recitação, ou ainda pela leitura ouvida, palavra ledora.

A última pergunta do Inquérito – “Dos autores nacionais, qual o que mais lhe agrada? – dentre todos os preferidos a indicação é mais focada nos autores nacionais⁶⁴.

⁶⁴ Os quadros com as respostas dadas pelas crianças organizadas por Cecília Meireles encontram-se no Anexo 3.

Cecília Meireles, ao comentar as respostas dadas a esta questão, afirma que embora 51 autores tenham sido citados pelas meninas e 45 pelos meninos, apenas estes 10 puderam ser selecionados para a apuração. Muitas respostas foram prejudicadas, o que a autora acredita ser devido à dificuldade da pergunta compreendendo:

ausência de resposta, respostas inaproveitáveis e inadequadas, citação de autores estrangeiros e respostas assim redigidas: “esqueci o nome do autor”, “não sei”, “de todos”, “não me agrada nenhum”, “não conheço”, “nunca li de autores nacionais”. (MEIRELES, 1934, p. 79)

Interessante destacar que, como na questão anterior, o número de autores nacionais que Cecília Meireles consegue apresentar (10) é muito pouco perto do número de respostas que devem ter sido dadas pelas 1387 crianças. O que poderia significar este alto número de respostas inaproveitáveis e inadequadas: O que as crianças queriam dizer ao não conseguir citar autores nacionais (“esqueci”, “não sei”...) além daqueles já fortemente apontados nas questões anteriores e que fazem parte primeiramente do cânone escolar? O que este número tão significativo esconde em relação à preferência das crianças?

No quadro, tal como esboçado por Cecília Meireles, praticamente não há novidades em relação ao anterior, no que se refere aos autores preferidos. Os autores literários permanecem os mesmos e, entre os didáticos, as preferências recaem em quatro já citados: Nelson Costa, Rocha Pombo, Erasmo Braga e Francisco Vianna. Francisco Vianna pode ser considerado uma surpresa em relação ao quadro anterior, mas ele já havia figurado como um dos autores dos lidos, lembrados - e de que as crianças não gostavam, o que talvez seja uma contradição.

No Relatório do Inquérito, ao organizar os dados relativos à 12ª pergunta, Cecília Meireles traz um quadro agrupando os autores que mais agradavam as crianças em *didáticos e literários*, (MEIRELES, 1934, p. 81) vejamos:

Autores literários	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Olavo Bilac	212	22,7	96	25,1	308	22,2
José de Alencar	135	14,4	49	10,8	184	13,2
Coelho Netto	108	11,5	43	9,4	151	10,8
Casimiro de Abreu	35	3,7	11	2,4	46	3,3
Gonçalves Dias	39	4,1	-	-	39	2,8
Monteiro Lobato	10	1	-	-	10	0,7
Total	539	57,7	199	43,8	738	53,5

Autores didáticos	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Nelson Costa	26	2,7	16	3,5	42	3
Rocha Pombo	12	1,2	12	2,6	24	1,7
Erasmus Braga	17	1,8	-	-	17	1,2
Francisco Vianna	10	1	-	-	10	0,7
Total	65	6,9	28	6,1	93	6,7

Reunindo os autores nos dois grupos categorizados por Cecília Meireles: literários e didáticos, tem-se a predominância de autores literários na preferência de crianças e jovens, com 53,5% das menções, enquanto os autores didáticos alcançam apenas 6,7%.

A predileção pelos autores literários se configura, em especial no que diz respeito aos poetas (embora didáticos), devido à grande menção de Olavo Bilac (22,2%), o que reforça a redundância do já tabulado e comentado por Cecília Meireles em outras respostas.

Observando os dois quadros, notamos, também, que quatro autores foram citados apenas pelas meninas, sendo dois literários: Gonçalves Dias e Monteiro Lobato, e dois autores didáticos: Erasmo Braga e Francisco Vianna, mostrando uma maior diversidade de autores citadas por elas. Francisco Vianna e Monteiro Lobato são dois autores que, contraditoriamente, aparecem entre os autores lidos e lembrados, como aqueles de que as crianças mais gostavam e entre os livros dos quais as crianças não gostavam.

No Relatório, Cecília Meireles aborda os autores preferidos pelas crianças e jovens, agrupando as respostas das crianças em dois grupos: prosadores e poetas. Trazemos para a discussão, juntamente a estas, outra questão, mais específica, elaborada no Inquérito - a 9ª pergunta: “Prefere livros em prosa ou em verso?”

O quadro a seguir, retirado do Relatório do Inquérito (MEIRELES, 1934, p. 76), referente à questão “11. De que autor você mais gosta” e que nos mostra, dentre os autores literários citados naquela questão, a quantidade de citações que os poetas e os prosadores receberam:

Dos autores literários	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Poetas	293	31,4	100	22,02	393	28,3
Prosadores	261	27,9	127	27,9	388	27,9

Ao olharmos o percentual total referente aos poetas e aos prosadores, neste quadro que destacamos há praticamente um empate entre as preferências pelo gênero poesia e

prosa através das citações dos autores preferidos. Ao observarmos tal preferência em relação ao sexo, há uma diferença marcada pelas meninas na questão 11: elas preferem os poetas, enquanto os meninos preferem os prosadores. Tal associação das meninas com o gênero poesia vem sendo apontada em várias pesquisas sobre leitura (Aguilar, 2003).

Para a questão “12. Dos autores nacionais, qual o que mais lhe agrada?”, um novo quadro elucida a comparação entre prosadores e poetas:

Dos autores literários	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Poetas	286	30,6	107	23,5	393	28,3
Prosadores	253	27,1	92	20,2	345	24,8

Na discussão sobre os autores que as crianças e jovens preferiam ou não, temos uma sutil diferença entre o percentual total de poetas e prosadores, de aproximadamente 3%. Numa comparação entre os sexos, notamos que as meninas citam mais que os meninos, tanto em relação aos poetas quanto aos prosadores.

Mais uma vez, na tentativa de definir melhor essa preferência, Cecília Meireles pergunta diretamente na 9ª questão do Relatório do Inquérito: “Prefere livros em prosa ou em verso?”

9ª pergunta: “Prefere livros em prosa ou em verso?” (MEIRELES, 1934, p. 67)

Respostas	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Em prosa	586	62,8	285	62,7	871	62,7
Em verso	288	30,8	140	30,8	428	30,8
Em verso e em prosa	44	4,7	11	2,4	55	3,9
TOTAL	918	98,3	96	96	1354	97,6
Não gosto	3	0,3	-	-	3	0,2
Nem em prosa nem em verso	-	-	3	0,6	3	0,2
TOTAL	3	0,3	3	0,6	6	0,4
Deixaram de responder	12	1,2	15	3,3	27	1,9
TOTAL	933		454		1387	

Tal questão e quadro pouco contribuem para o já constatado anteriormente. No entanto, quando traz respostas como: “não gosto”, “nem em prosa nem em verso” ou “deixaram de responder”, Cecília Meireles faz um comentário: “Três meninas e três meninos tiveram a coragem de hostilizar ao mesmo tempo prosa e verso”. (MEIRELES, 1934, p. 67)

Dizer não gostar de ler “nem em prosa e nem em verso” é, sem dúvida, uma resposta desconfortável para uma pesquisadora que provavelmente partia do pressuposto de que alunos gostam de ler e o que precisaria ser investigado seria em relação a quê. Talvez para Cecília Meireles a leitura fosse algo tão importante e elevado, que poucos teriam “coragem de hostilizar”, de dizer que não gostavam de ler, pelo menos oficialmente, como no Inquérito.

Enquanto as respostas contidas no Relatório no Inquérito mostram que há escritores brasileiros que as crianças afirmavam gostar e conhecer - autores nacionais, que escrevem obras de autoria, fazem adaptações ou traduções - Cecília Meireles em suas crônicas (lidas e analisadas por nós), não sugere nenhum autor nacional, não destaca nenhum como uma boa e importante leitura para os jovens.

Se há uma omissão em relação aos autores nacionais, Cecília Meireles traz em suas crônicas os autores estrangeiros, contemporâneos dela, comprometidos com uma literatura voltada para crianças como alimento da alma. Ela chama a atenção de seus leitores para autores provavelmente pouco conhecidos, mas premiados; professores que escrevem a convite de autoridades em educação.

Nas crônicas, Cecília Meireles ignora o quadro de referências desses jovens e crianças formado pelos mesmos autores, obras, categorias citadas e repetidas ao longo de várias perguntas, propondo um olhar mais amplificado e diferente.

São três autores da América Latina os que Cecília Meireles cita: os uruguaios Humberto Zarilli, Roberto Abadie Soriano e Constancio Vigil e um francês, Pierre Benoit, que se apaixonou por Portugal. Provavelmente, autores de sua seleção e que apontam para uma representação de literatura para crianças: simples, bem escrita e que não subestima o leitor infantil.

O quanto esta representação choca-se ou não com a representação que a orienta na leitura das respostas dadas pelas crianças nesse Inquérito, é difícil de investigar. Ao não apresentar as respostas dadas pela incidência abaixo de 10 citações, a pesquisadora cria e reforça um cânone escolar e literário como uma mesmice de autores, gêneros, tipos de discurso (prosa e poesia) em relação ao gosto das crianças e jovens entrevistados. Talvez por isso Cecília Meireles insistisse, nas crônicas lidas por nós, na ausência de bons escritores para a infância no Brasil.

4.4. Preferências entre diferentes gêneros

Esmiuçando um pouco mais os gostos dos pesquisados e para entender o que eles preferiam ler, Cecília Meireles elaborou uma pergunta referente às preferências e aos interesses das crianças e jovens quanto aos gêneros na 10ª pergunta: “Quais são os livros que você acha mais interessantes: os de histórias, de viagens, de ciências, de aventuras, romances ou fábulas?”.

O quadro abaixo traz a tabulação das respostas oferecidas para esta questão, que consta no Relatório do Inquérito (MEIRELES, 1934, p. 71 - 72):

Respostas	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Histórias	380	40,7	141	31	521	37,7
Aventuras	242	25,9	178	39	420	30,2
Ciências	160	7,1	95	20,9	255	18,3
Romances	181	19,6	31	6,8	212	15,2
Fábulas	141	16	60	13,2	201	14,4
Viagens	113	12	72	16	185	13,3
Todos	13	1,3	2	0,4	15	1,08
Versos	2	0,21	-	-	2	0,14
Todos, menos romances	2	0,21	1	0,2	3	0,2
Todos, menos fábulas	1	0,1	-	-	1	0,07
Prefiro os livros descritivos	1	0,1	-	-	1	0,07
Em prosa	1	0,1	-	-	1	0,07
Deixaram de responder	10	1,07	11	2,4	21	1,5
Respostas inaproveitáveis	4	0,4	5	1,1	9	0,6

Cecília Meireles, nesta pergunta, parece tentar se acercar das respostas das crianças de maneira a delinear o gosto para a prosa. Neste sentido, ela subdivide esta categoria em algumas tipologias: histórias, aventuras, viagens, fábulas, etc, e não mais o escolar, fantasia e literatura.

O quadro, de maneira geral, indica a grande preferência pelas “histórias” (37,7%), seguida pelas “aventuras” (30,2) e uma quantidade quase mínima de leitores que preferem os versos, apenas duas meninas (0,14%).

Como autores preferidos, citam Olavo Bilac, José de Alencar e Erasmo Braga, contudo, entre os gêneros, mencionam aventuras e histórias, o que nos permite pensar que, ao citarem Olavo Bilac, as crianças referem-se à prosa deste autor e não aos poemas.

Considerando as diferenças de interesse entre os sexos, notamos que enquanto as meninas preferem as “histórias” (40,7%), os meninos preferem as “aventuras” (31%). Em terceiro lugar no gosto dos meninos temos “ciências” (20,9%), enquanto na preferência feminina encontramos os “romances” (19,6%).

A preferência pelo gênero “aventura” e “história” nos leva a questionar a preferência anteriormente citada por Olavo Bilac, José de Alencar e Erasmo Braga. Olavo Bilac teria se destacado, então, pela prosa e não pelos versos? José de Alencar estaria dentro de “aventuras”?

O Relatório do Inquérito traz um quadro elaborado por Cecília Meireles indicando as diferenças nas preferências entre meninos e meninas, trazendo os seis gêneros que crianças e jovens afirmaram ser mais interessantes (MEIRELES, 1934, p. 71):

Meninas	Meninos
Histórias	Aventuras
Aventuras	Histórias
Romances	Ciências
Ciências	Viagens
Fábulas	Fábulas
Viagens	Romances

Não há grandes diferenças entre as preferências de gêneros entre meninos e meninas, ambos destacam os mesmos seis gêneros. Mas, enquanto os romances são mencionados quase três vezes mais pelas meninas que pelos meninos (Mas. 19,6% e Mos. 6,8%), as “ciências” são citadas quase três vezes mais pelos meninos (Mas. 7,1% e Mos. 20,9%).

O gosto das meninas delinea-se em torno das histórias, aventuras e romances - os românticos e a literatura cor-de-rosa - enquanto o dos meninos configura-se a partir das aventuras, das histórias e das ciências, talvez mais ligados à ideia de leitura com a função de instruir, de ampliar conhecimentos, de buscar informações.

As questões do Inquérito que trouxemos para a discussão até o momento referem-se às obras e autores que crianças e jovens diziam ter ou com os quais tinham efetivo contato por meio da escola ou da família e por isso podiam expressar seus conhecimentos, seus gostos, aversões, etc. Contudo, Cecília Meireles destacou ainda neste Inquérito, um ponto que considerava importante para entender melhor o gosto infantil: o plano do ideal, da vontade, do desejo de ler.

Por isso ela introduz a 6ª questão “Tem vontade de ler algum livro? De que?”⁶⁵. Tal questão, direcionada ao plano do ideal, nos leva a uma Cecília Meireles que é escritora e também educadora. Para ela interessa conhecer se o mercado editorial estava adequado e preparado para gostos infantis distintos dos adultos, distintos do que lhes tem sido oferecido pela escola e pela família.

No entanto, novamente, tal como foram organizadas as respostas, no plano ideal, da vontade, do desejo das crianças e jovens, encontramos o mesmo de que já afirmaram gostar: as “histórias” (43,9%), “romances” (8,3%), “aventuras” (8%) e a marca de autores legitimados como Bilac e Casimiro. O plano ideal não difere muito do plano construído a partir do indicado como lido, conhecido ou oferecido às crianças. Tal qual ele reafirma o plano da legitimidade.

Em comparação com a questão anterior, em que as tipologias foram dadas por Cecília Meireles, o que surge de novo neste quadro é a presença de livros de: “Estudos”, “Leitura”, “História do Brasil”, “História Sagrada”, “De guerra” e “Anedotas”. Outros gêneros não previstos, talvez, por Cecília Meireles, que dão uma ideia mais ampliada do repertório já conhecido nas demais questões. Amplia também para outra finalidade de leitura que não seja só a de instruir ou a de fruição, trazendo a leitura religiosa e aquela que faz rir.

Esta é uma das poucas questões em que Cecília Meireles optou por registrar todas as respostas oferecidas pelas crianças que, segundo ela, seriam aproveitáveis. Esta opção foi explicitada por ela para considerar a importância disso, pois “é o momento de se definirem as preferências” (MEIRELES, 1934, p. 51). Não podemos ignorar que tal deferência por parte de Cecília Meireles no registro mais minucioso dessas respostas pode ter sido orientada pelo seu desejo como escritora de livros para crianças ou como educadora ligada à Escola Nova, que defendia a criança como ser autônomo, livre, feliz.

Que livros eram esses que as crianças desejavam ler? Eram escolares? Livros de literatura? De fantasia? Podemos dizer que o interesse das crianças, no plano do desejo de ler, voltava-se preferencialmente aos livros de fantasia (56,06%), seguido pelos escolares (20,9%), pelos de literatura (12,1%) e pelos de religião (0,4%).⁶⁶

⁶⁵ As respostas estão concentradas num quadro que se encontra no Anexo 4.

⁶⁶ O quadro referente à questão “Tem vontade de ler algum livro? De que?” (MEIRELES, 1934, p. 53), com os percentuais por categoria: *fantasia*, *escolares*, *literatura* e *religião* encontra-se no Anexo 5.

Parece-nos que não há muitas diferenças entre aquilo que as crianças e jovens diziam ter o desejo de ler e os livros lidos e lembrados. Nesses dois casos, segue-se a mesma ordem de preferências (embora os livros religiosos só tenham aparecido nesta questão analisada, referente às vontades de ler, e por isso, para compararmos, foi subtraído): *livros de fantasia*, *livros escolares* e por fim os de *literatura*.⁶⁷

Entretanto, se compararmos o percentual que sintetiza os desejos de ler com o que informa sobre os livros de que as crianças e jovens mais gostavam, analisado no tópico 4.1 deste capítulo, temos uma importante constatação: entre os livros preferidos estão em primeiro lugar os escolares, enquanto que nos desejados estão os livros de fantasia⁶⁸. Crianças e jovens leem livros de fantasia, desejam ler mais livros de fantasia, mas afirmam gostar dos escolares, tanto entre os meninos como entre as meninas.

4.5. Algumas notas sobre Cecília Meireles e a Literatura Infantil

Nas duas partes que reúnem as 12 respostas contidas no Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, podemos pensar em duas idéias principais: as leituras mencionadas pelas crianças e jovens entrevistados, lidas ou lembradas e as preferências e desamor em relação às obras, autores e gêneros que lhes eram oferecidos e aqueles que desejavam ler.

No mesmo período em que Cecília Meireles aplica e lê os questionários do Inquérito, início da década de 30, várias crônicas suas são publicadas denunciando a má qualidade daquilo que era oferecido para as crianças lerem.

⁶⁷ Quadro referente à pergunta 3: “Pode dizer o nome de alguns?”

LIVROS	Mas. %	Mos. %	Total %
Fantasia	82,3	53,08	72,7
Escolares	69,01	71,5	69,8
Literatura	30,1	7,9	22,8

⁶⁸ Quadro referente à pergunta 4: “De que livro gostou mais? Por quê?”

LIVROS	Mas. %	Mos. %	Total %
Escolares	26,3	30,3	27,7
Fantasia	8,7	5,2	7,6
Literatura	4,1	3,08	3,8

Como o Relatório aponta a expressão delineada nas ocorrências com maior evidência para uma literatura legitimada, tradicional, para a leitura que instrui e que diverte, temos a impressão de que é este mercado editorial que forma esses gostos e preferências desses alunos.

De que literatura de má qualidade estaria, então, Cecília Meireles falando em suas crônicas no mesmo período: Seria aquela produção “escondida” nas respostas lidas por ela, de incidência menor que dez?

Quando Cecília Meireles, em suas crônicas, critica a literatura infantil marcada pelo tom patriótico e moral, estaria ela se referindo aos gostos e preferências citados pelas crianças e jovens do Inquérito? A crônica “Educação Moral e Cívica” traz o posicionamento marcado da pesquisadora sobre uma literatura que “incrustou-se na alma dos professores”, mas que deve ser extinta, conforme colocado nos seguintes fragmentos:

Estas considerações provêm da leitura de um livrinho destinado às crianças. De um livrinho que se propõe orientá-las justamente em assuntos de moral e de civismo, desejando, assim, influir na parte mais delicada da formação de uma personalidade: a sua parte espiritual

Mais uma vez sentimos necessidade de repetir aqui o que já temos dito e repetido sobre literatura infantil. Porque é preciso que fique, afinal, na convicção de todos a compreensão da responsabilidade de escrever para a infância, e em todos se estabeleça essa verdade mundial de que não há coisa mais difícil, mais delicada, mais grave, mais sutil.

(...)

Reflitamos agora: os assuntos de moral e civismo serão, realmente, para a criança livre de influências deformadoras, a criança que aparece à tona da vida perfeitamente isenta de atuações propositais, - tema de interesse, de satisfação, de beleza?

Incrustou-se na alma dos professores – talvez através da retórica que quanto mais patriótica se chama, na verdade, menos o é, - que as coisas mais importantes para uma criatura são: “amar a pátria”, “respeitar seu sacrossanto pavilhão”, “cultuar os heróis que morreram lutando, ou que mataram muitos inimigos”, e “inflamar o fervor dos homens de amanhã para serem dignos servidores da pátria, nas fileiras militares...

Tudo isso é da velha pedagogia. Da pedagogia que não conhecia a criança. Que se exercia como uma prepotência a mais, neste mundo fecundo em prepotências.

(...)

Que dizer, agora, dos temas de moral condicionados em livros segundo o critério sectarista dos autores? Servirão, talvez, para escolas também sectaristas, isto é, aquelas que, escapando a todos os conhecimentos modernos da pedagogia e da psicologia, ainda estão torturando a alma indefesa das crianças – e, às vezes, também o corpo – dentro de princípios ainda quase medievais...

(...)

E como há uma reforma, tudo tem de estar a seu serviço. Desde os que a fizeram, até os que escrevem livros para crianças... Pobres das crianças, se não for assim..." (Educação Moral e Cívica – 14 de setembro de 1930)

São ideias que, segundo Soares (2002), Cecília Meireles comungava com a corrente da Escola Nova, propondo uma imagem de criança mais autônoma, criativa e ativa. Diferentemente dos meios católicos, que viam a criança como ingênua e enfatizavam a necessidade de guiá-la numa base moral religiosa e com a autoridade do educador, Meireles acreditava que

na infância repousavam "mistérios que, com a maturidade, acabavam por se perder. Nessa perspectiva, em lugar da austeridade, cabia ao escritor e ao educador enriquecer com delicadeza e fantasia as experiências a que as crianças se predispunham, atentos mais às possibilidades da própria infância do que as exigências da vida adulta futura. (SOARES, 2002, p. 123)

Em várias crônicas, Cecília Meireles chama a atenção para a tarefa do escritor voltado ao público infantil: escrever com poesia. Para ela era preciso um olhar atento para o que se oferecia à infância. A crônica "Livros para crianças [II]", de 4 de novembro de 1931, por exemplo, traz um trecho do que a poeta não acredita ser adequado, mostrando um trecho de um livro que representa aquilo que considera ruim, contudo não cita o autor ou o título da obra:

Uma criança de 11 anos retirou da biblioteca escolar um livro para ler em casa. Nesse livro encontram-se os seguintes trechos, que transcrevo contrafeita, pedindo desculpas ao leitor:

E curvou-se sobre a mão sem luva que, marfinada, perfumada, esguia, brincava com as pregas de cetim da capa. Seus lábios cobriam-na de doces beijos que, insensivelmente, subiam para o braço, quase nu, em obediência à moda.

(...)

Nem por um só momento admitia que a jovem viúva, nascida para o amor, se confinasse na solidão da viuvez. De certo que, mais dia menos dia, - se é que isso não havia acontecido já - arranjará um amante ou encontrará um marido, tanto mais que ela não se deveria ter enamorado muito do primeiro...

(...)

... a elegante graça do seu corpo, a harmonia dos movimentos, o tom aveludado das carnações, cujo contato deveria ser adoravelmente doce. E, brutal, assaltou-o a tentação de fazer sua aquela mulher que parecia não ser de ninguém... Teve, no entanto, a intuição de que ela nunca se entregaria sem amor... Mas estava já preparado contra a resistência que temia por instinto...

(...)

...viu entreabrir-se a boca deliciosamente fresca que apetecia colada à sua num clarão...

(...)

Nele, que um surdo desejo constrangia, passou em torrente a visão dela, despida, aninhada nos seus braços, ao passo que a sua boca beijava as pálpebras cerradas... (Livros para crianças [II] – 4 de novembro de 1931)

Mas se a literatura para crianças pode dispensar valores ligados ao patriotismo e civismo tradicionais, não pode se escusar de atender a todo e qualquer valor. Nesse trecho de um livro não identificado, podemos ver traços de erotismo, descrito no texto com desejos e insinuações, o que é desaprovado pela poetisa, porque tido como inadequado para uma criança.

Na mesma crônica, a autora destaca claramente a necessidade de mediação do adulto, que deve analisar e escolher o que os pequenos leitores irão ler:

Constituir uma biblioteca escolar não é coisa fácil. Corre-se o risco de ser deficiente com critério ou abundante sem ele. Tudo só porque, como dissemos antes, não temos livros para crianças. Mas os poucos que lhe pareçam servir, convém sejam lidos pelos responsáveis, antes de irem parar às suas mãos. Parece que, entre deficiente com critério e abundante sem ele, melhor será continuar deficiente. O leitor não está vendo o exemplo transcrito? (Livros para crianças [II] – 4 de novembro de 1931)

Nesta direção, pelas crônicas e não pelo Relatório, podemos acessar uma visão de literatura para jovens defendida por Cecília Meireles. Uma representação de Literatura Infantil que vai além da função estética, de predominância da linguagem poética. Uma Literatura Infantil também educativa, formativa segundo outros valores, orientados por uma educação nova, não-tradicional: a criança vista como ser em formação, trazendo a ideia de direitos iguais para todos. Uma literatura que tem como bons modelos mulheres escritoras, como Selma Lagerlöff. Nas crônicas, Cecília Meireles parece defender uma “nova” literatura, bem distante, bem diversa da apresentada no Inquérito.

Entre o desejo, a demanda e a oferta, as leituras infantis vão se constituindo, entre livros escolares, livros de literatura do século XIX, livros de fantasia, em especial contos de fadas, populares e fábulas. E Cecília Meireles, durante os anos 30, vai delineando a Literatura Infantil como um gênero que se firma como diferente da literatura adulta na linguagem, no estilo e na temática, uma literatura apropriada à psicologia da criança, uma literatura que ensina através do adulto que tem sabedoria, e também uma literatura que alimenta o espírito.

5. PRÁTICAS DE LEITURA

Neste capítulo, buscamos compreender e refletir sobre as práticas de leitura possíveis de serem imaginadas a partir das respostas dos estudantes para a pesquisadora Cecília Meireles, pensando sobre lugares em que se lê, motivos pelos quais se lê, etc., a partir das perguntas: 1. Você gosta de ler?; 2. Quantos livros, mais ou menos, já leu?; 7. Acha que vale a pena ler? Por quê?; 8. Onde prefere ler: em casa ou na escola? Por quê?

A primeira questão do Inquérito de Cecília Meireles era “1. Você gosta de ler?”. O quadro a seguir informa as respostas dadas pelas crianças e jovens entrevistados:

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Gosto	550	58,9	319	70,26	869	62,6
Muito	237	25,4	82	18,06	319	22,9
Sim	75	8,03	36	7,9	111	8,002
Imensamente	40	4,2	2	0,4	42	3,002
Muitíssimo	16	1,7	2	0,4	18	1,2
Livros de histórias	6	0,6	2	0,4	8	0,5
Pouco	3	0,3	4	0,8	7	0,5
Bastante	1	0,1	-	-	1	0,007
Exageradamente	1	0,1	-	-	1	0,007
Não faço muita questão	1	0,1	-	-	1	0,007
É provável que sim	1	0,1	-	-	1	0,007
Amo a leitura	-	-	1	0,2	1	0,007
Demasiadamente	-	-	1	0,2	1	0,007
A leitura é o meu maior desejo	-	-	1	0,2	1	0,007
Através do Brasil	-	-	1	0,2	1	0,007
Tesouro da Juventude	-	-	1	0,2	1	0,007
Não	-	-	1	0,2	1	0,007
Inaproveitáveis	2	0,2	-	-	2	0,014
TOTAL	933		454		1387	

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Afirmativamente (incluindo as respostas hesitantes ou com restrições)	931	99,7	453	99,7	1384	99,8
Negativamente	-	-	1 (*)	0,2	1	0,07
Inaproveitáveis	2	0,2	-	-	2	0,14
TOTAL	933		454		1387	

(*) Aluno 302

Verifica-se que a maioria dos entrevistados (99,8%) afirmou gostar de ler, com gradações desde “pouco” a “exageradamente”. Interessante notar que algumas crianças

responderam com o nome de um livro como “Através do Brasil”, e de uma coleção, “Tesouro da Juventude”, além de oito crianças que indicaram o gênero “livros de histórias”.

Nessa pergunta, Cecília Meireles catalogou as respostas de todas as crianças; assim, de 1387, 1384 foram afirmações de interesse pela leitura, duas respostas foram inaproveitáveis e “só um menino declarou não gostar de ler”. (MEIRELES, 1934, p. 17)

Foi apenas nesta única questão, que nos aproximamos de um número de respostas (1387) encontradas com número concentrado em uma única opção (1384). Mas apenas uma criança ter dito não gostar de ler nos remete à leitura como um valor a ser enaltecido e valorizado. Será mesmo que somente uma criança não gostava de ler? Pesquisas desta natureza, na maioria das vezes, têm respostas afirmativas⁶⁹.

Parece-nos que os entrevistados desejam ser vistos como leitores. Vidal e Silva (2002) afirmam que a imersão da sociedade carioca da década de 30 no universo da escrita era concebida nos meios populares como índice de modernização, portanto valorizada de forma bastante forte. As estatísticas a respeito do analfabetismo eram controversas: embora alguns autores considerem que havia uma grande massa de analfabetos no início do século XX no Rio de Janeiro, dados do recenseamento realizado em 1920 pela Diretoria de Estatística do Ministério da Agricultura indicam que 75% da população carioca adulta sabia ler e escrever, ou diziam saber ler e escrever, o que mostra um ambiente propício para práticas letradas (Vidal e Faria Filho, 2005).

Também só nesta questão é que encontramos no quadro de respostas um asterisco junto à única resposta negativa, o que nos indica o número do aluno que fez tal manifestação. Isto é significativo como indicador que mostra a importância que Cecília Meireles deu àquele aluno que declara não gostar de ler. Retomando as páginas iniciais do Relatório do Inquérito, num quadro⁷⁰ onde Cecília Meireles traz a numeração dos alunos por escola e por ano, pudemos localizar o sexo e a escola em que essa criança estudava: um menino, do quarto ano da escola Argentina.

⁶⁹ A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2008), por exemplo, traz uma questão perguntando aos entrevistados se gostam de ler, as respostas são afirmativas, como se o gosto pela leitura não pudesse ser refutado publicamente. Assumir que não gosta de ler, ainda que saibamos que nenhum leitor gosta de ler tudo, durante o tempo todo, de qualquer forma. E, assim como no Inquérito “Leituras infantis”, também traz um comportamento de leitor que vê a leitura como algo positivo e pelo qual se deve afirmar gostar.

⁷⁰ O quadro completo encontra-se no Anexo 6.

De acordo com Chaves (2007), a Escola Argentina foi fundada em 8 de novembro de 1924 por Carneiro Leão⁷¹. A escola recebeu este nome inspirado na doutrina do pan-americanismo de Theodore Roosevelt em homenagem aos países americanos, assim como outras escolas que constam no Relatório do Inquérito, como República da Colômbia, Uruguai, República do Equador e República do Peru.

Apenas em 1929, durante a administração de Fernando de Azevedo, a escola passa a ter “instalações condignas”, mudando de uma casa para outro espaço com arquitetura neocolonial, composto por doze salas, duas oficinas, uma biblioteca e um laboratório para ciências.

Fernando de Azevedo

faz com que a escola seja contaminada pelos ideais da “Escola Nova”, estimulando uma série de inovações pedagógicas que, além de modernizar as relações de aprendizagem, contribuíram para a difusão de uma cultura nacional em suas salas de aula. (CHAVES, 2007, p. 255)

Posteriormente, em 1935, Anísio Teixeira torna a escola Argentina experimental, transferindo-a para um novo prédio, mais moderno e ela se torna uma das maiores escolas cariocas, com a “função de fermentar novos métodos de ensino que mais tarde seriam adotados nas demais escolas da capital federal”. (CHAVES, 2007, p. 266)

Esta escola tem uma trajetória intimamente ligada aos ideais da Escola Nova:

Torna-se legítima representante da educação moderna que nos anos de 1920 e 1930 tanto influenciou os educadores da época. Seus fundadores, signatários do manifesto dos Pioneiros, em 1932, ao interferirem em sua história estariam colocando em prática suas ideias a respeito do que deveria ser reformado na própria escola brasileira. (CHAVES, 2007, p. 266)

A história desta instituição pressupõe uma preocupação com a leitura com a formação de leitores, de forma moderna, eficiente, o que pode ter provocado um maior estranhamento por parte da pesquisadora em relação a esse aluno. Talvez, para ela, uma criança de uma escola que se formava nas ideias do escolanovismo não deveria afirmar que não gostava de ler. Talvez por este motivo, Cecília Meireles traga o comentário no

⁷¹ Carneiro Leão (1887 - 1966) foi um educador, professor e escritor brasileiro, ocupando a função de diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro entre os anos de 1922 a 1926.

Relatório do Inquérito logo abaixo da questão “Você gosta de ler”, com ênfase no fato de uma criança ter se declarado negativamente: “Só um menino declarou não gostar de ler” (MEIRELES, 1934, p. 17) e também a razão de ter colocado o asterisco no quadro, informando quem seria este aluno.

Uma surpresa para Cecília Meireles encontrar alguém com a “coragem” de dizer não gostar de ler e também para nós ao encontrarmos este indício, já que nos outros quadros não conseguimos identificar os alunos, nem mesmo sua escola ou série.

De acordo com Vidal (2003)

a escolarização da leitura repousou num movimento de impregnação das práticas escolares pelas práticas culturais e sociais historicamente constituídas. E a forma apropriada de ler também tendeu a ser normatizada a partir de mudanças nas relações espaciais, materiais, temporais e sociais estabelecidas no interior da escola primária. (p. 504)

Um aluno que não gostava de ler não combinava com a escola renovada objetivava atingir toda a população infantil, a alfabetização das massas, servindo de base para a disseminação de valores, normas e comportamentos, de acordo com a sociedade moderna que valorizava a velocidade das transformações e impunham um novo desafio ao leitor.

Não bastava apenas ter as crianças na escola, pois isto não solucionava o problema dos grandes índices de analfabetismo. Era preciso que as crianças aprendessem a ler e a escrever. E, para isto, buscavam-se estratégias para que o ensino fosse eficaz.

A criação dos clubes de leitura, a instituição da festa do livro nas escolas primárias, a realização de inquéritos sobre leitura por diversas entidades, inclusive a Associação Brasileira de Educação, e a avaliação dos livros infantis pelas Diretorias de Instrução Pública foram alguns dos mecanismos utilizados por educadores “escolanovistas” para disseminar novos hábitos de leitura e controlar a produção de livros. (VIDAL, 2003, p. 507)

Ampliavam-se as bibliotecas, os cursos de formação de professores enfatizavam a importância da leitura e verificava-se se as mudanças estavam ocorrendo. O livro já não era mais visto como apenas objeto de estudo e memorização, mas de divertimento e prazer.

É neste contexto, que Cecília Meireles coloca a 7ª questão: “Acha que vale a pena ler? Por quê?”. Por parte de Cecília Meireles, não há qualquer desconfiança em relação à unanimidade das respostas. Para ela, provavelmente, as crianças responderiam o que

realmente era e deveria ser: vale a pena ler. Mas ela coloca que a pergunta “foi resolvida, na sua primeira parte, por uma afirmativa unânime. Todas as crianças acharam que valia a pena ler. Todas? Não. Sete rebeldes – 4 meninas e 3 meninos – manifestaram-se contra”. (MEIRELES, 1934, p. 57)

O que leva Cecília Meireles a se referir àqueles que não gostam de ler como “rebeldes”? Será que ela acreditava que nenhuma criança teria “coragem” de contrariar a resposta, talvez esperada, de que ler valia a pena?

A pesquisadora afirma, em seu Relatório, que houve 27 respostas inaproveitáveis (12 meninas e de 15 meninos) e 25 crianças não responderam (12 meninas e 13 meninos). Ainda, 102 crianças responderam apenas a primeira parte da pergunta, não explicando o “por que” e 77 apresentaram motivos tão diversos que não foi possível agrupá-los. Neste conjunto, são 231 respostas que não anunciam as explicações para o valor da leitura, que não conseguem ou não querem dar um sentido para a leitura, segundo as expectativas da pesquisadora.

Cecília Meireles, por sua concepção de pesquisa, de ciência, considerava mais importante trazer para sua análise “as principais razões encontradas pelas crianças para justificarem seu interesse pela leitura” (p. 57)

Estas razões podem ser divididas em dois grupos, conforme se vê na parte inferior do mesmo quadro, figurando, de um lado, interesses de utilidade, de aplicação da leitura a um dado fim ou com um certo intuito, e, do outro, razões que foram denominadas de prazer, porque, envolvendo, embora, interesse tão profundamente efetivo e útil como as anteriores, se revestiam, no entanto, dessa aparência de gratuidade que nitidamente as distingue das outras.

Resta o motivo expresso na resposta “Porque é bom”, que pode ser interpretado como pertencente a qualquer dessas duas categorias, conforme se trate de um *bom* útil ou um *bom* agradável, - um *bom* de resultados práticos, ou um *bom* significativo de fruição indefinida e subjetiva. Vai, por isso, isolada essa resposta, embora incorporada a qualquer dos grupos não lhes alterasse a posição. (MEIRELES, 1934, p. 57)

Ao dividir as respostas da questão “Acha que vale a pena ler? Por quê?” nos grupos razões de utilidade e razões de prazer, Cecília Meireles contabilizou mais motivos ligados à utilidade (60,4%) que ao prazer (18,2%). Entre as razões de utilidade, podemos entender a leitura instrutiva, ligada ao ensino e à necessidade. Entre as razões de prazer, encontra-se a diversão, a beleza (da obra ou da materialidade), o fato da obra ser interessante.

As respostas das crianças são apresentadas pela pesquisadora em diversos quadros. Além do quadro síntese, há um outro quadro geral com as respostas afirmativas e negativas em relação à importância da leitura, que contabiliza também as respostas inaproveitáveis e os questionários não respondidos⁷².

As razões afirmadas pelas crianças entrevistadas para valer a pena ler relacionam-se na maior parte com a “leitura instrutiva” (49,7%), ler para aprender, ler ensina, desenvolve. Ideias que estavam presentes também nos ideários da nova educação quando afirmavam que a leitura estimulava a mente e ampliava a experiência; contudo, a “leitura por diversão”, por prazer, que era um dos seus principais objetivos, ficava em segundo plano, contando com 6,9% das respostas.

A multiplicidade das respostas parece que vai dando conta de um campo fluido em que se encontravam o livro e a leitura, tanto como fonte de fruição, ligados à gratuidade e ao deleite, como de estudo, instrução, necessidade e utilidade.

De acordo com Azevedo (1933)

o livro de que se precisa e que se procura, como fonte de informação, de estímulos, de recreio e de reflexão e extrai todo seu encanto e sua força do interesse que despertou e que nos faz associar, mais tarde, a lembrança da escola e da própria infância à das leituras, com que se tocou mais profundamente o coração, se produziram os primeiros impulsos para o ideal e se estabeleceram os primeiros contatos com a experiência humana. (p. 240)

O discurso escolanovista buscava normatizar o livro, atentando para vários aspectos: conteúdo, materialidade, linguagem, interesses da criança, ilustrações, etc.

“Em lugar de reverenciado, o livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor ou leitura, transformado em instrumento de seu deleite ou trabalho”. (VIDAL, 2001b, p. 105)

Os estudos sobre a leitura iam mostrando aos educadores que a leitura oral, em voz alta, tão disseminada, já não mais supria as necessidades do “mundo moderno”, com a aceleração do crescimento urbano e uma sociedade cada vez mais letrada e repleta de informações através da mídia, como o rádio e o cinema. Assim, a leitura silenciosa passa a ser vista como a mais adequada à nova sociedade moderna, uma leitura mais ágil e individualizada, respeitando o ritmo do leitor e estimulando a leitura extensiva.

⁷² O quadro síntese encontra-se no Anexo 7, o quadro geral, constando as respostas das crianças e um quadro mais detalhado, organizado entre razões de prazer e de utilidade, no Anexo 8.

Cabia à escola oferecer os meios para o alargamento do universo de leitura do aluno. Deveria enfatizar o recuso à leitura em silêncio, ao mesmo tempo em que teria de disponibilizar maior quantidade de livros ao público escolar, garantir sua qualidade e abolir a orientação do livro único. (VIDAL, 2003, p. 506)

Parecia que a intimidade entre o leitor e o livro no discurso escolanovista se concretizava com a leitura visual, silenciosa. A nova sociedade exigia que seu leitor lesse rápido e com eficiência devido ao grande número de imagens e textos impressos que circulavam nas cidades.

Vidal (2001b) afirma que

Uma explosão de falas sobre a leitura apontava para uma nova sensibilidade. A leitura prazerosa muitas vezes identificada com a literatura, podia ser reencontrada no trabalho e na escola. Abolido o livro-texto que escravizavam os escolares, despertar-se-ia no aluno novo prazer de ler: aventura intelectual. Uma pluralidade de textos oferecia-se à descoberta. Para apropriar-se do volume sempre crescente de leitura, a oralidade cedia lugar ao silêncio, privilegiando ritmos individuais. (p. 96)

O aumento dos livros, junto a uma nova maneira de ler, em silêncio e em seu próprio ritmo, trazia consigo um questionamento sobre a extensão da leitura. É nesta direção que Cecília Meireles traz, na segunda questão do Inquérito, esta indagação: “Quantos livros, mais ou menos, já leu?”. A quantidade investigada permitia conhecer o fôlego e o ritmo de leitura dos alunos, o quanto eram leitores autônomos e competentes. A pesquisadora teve uma grande variedade de respostas, desta forma “não se conseguiu reunir um grupo com porcentagem mais elevada que 9,3%” (MEIRELES, 1934, p. 21).

As respostas variavam “desde – nenhum – até – mil – passando pelos – muitos – não tem conta – etc., e os algarismos respeitáveis de alguns – 100 a 200 – 500 a 700 – 400 a 500 – possíveis, talvez, dada a voracidade de algumas crianças pela leitura - e o registro minucioso de outros – 384 – 95 – quem sabe se conservando de memória pela leitura metódica de alguma biblioteca devidamente catalogada”. (MEIRELES, 1934, p. 21)

Para fins de concentrar as respostas das crianças, Cecília Meireles elaborou um quadro dividido em sete grupos, como vemos a seguir:

- 1 – até 10;
- 2 – até 20;

- 3 – de 20 a 50;
- 4 – daí para cima, sem chegar a 500;
- 5 – aproximadamente 500;
- 6 – 1000;
- 7 – respostas vagas;
- 8 – ausência de resposta e respostas inaproveitáveis. (MEIRELES, 1934, p. 21)

A quantidade de livros que as crianças diziam ter lido tem a porcentagem mais significativa até a quantia de 50 livros, tanto entre os meninos como entre as meninas:

Número de livros	Mas. %	Mos. %	Total %
Até 10	35,1	34,1	34,8
Até 20	21,3	27,2	23,2
De 20 a 50	22,07	23,1	22,4

Será que as crianças liam realmente essa quantidade tão grande de livros? Liam muitos livros diferentes ou apenas os mesmos? Diziam ler um grande número de livros para se mostrarem leitores mais vorazes, mais autônomos? Segundo Vidal (2001a), nas escolas experimentais havia um tempo diário obrigatório destinado à leitura na biblioteca. Talvez, a leitura colocada dentro de um tempo e espaço escolar favorecessem uma quantidade significativa, daí as respostas dos entrevistados. Talvez, continuemos no campo das representações e os entrevistados mantêm suas imagens de leitores atendendo às expectativas da pesquisadora.

A extensão da leitura era motivo de preocupação de alguns educadores, entre eles, Lourenço Filho:

Houve fases e minha vida em que li por cinco ou mais horas, em cada dia: noutras menos. Revendo essas fases, posso concluir, modestamente, que tenha lido em média desde os oito anos, na escola ou fora dela, três horas por dia. (...) Dado que a média tenha sido realmente dessas três horas diárias, ao cabo de quarenta anos tem-se mais ou menos 43 mil horas.

Talvez eu leia mal, mas leio depressa. A velocidade depende da matéria, da dificuldade dos trechos, dos objetivos que tenha, da circunstancia de ser livro de língua nacional ou idioma estranho, e ainda, de ler em prosa ou verso. (...) Por isso, logo se vê, posso gastar numa página trinta segundos, um minuto ou uma hora. Certos textos, eu os leio “em diagonal”. Certos livros, leio saltando parágrafos, numa espécie de caça às idéias... (...)

Como quer que seja, posso chegar a uma estimativa razoável de velocidade, e que é a de vinte páginas por hora. Estimativa razoável, para quem lê depressa e que dá, nos quatro decênios cerca de 870 mil páginas. Tomada a média de 250 páginas por volume, chegamos à primeira melancólica conclusão: o que pode ler um homem, mesmo leitor incorrigível, é muito pouco. Nesse todo grande esforço, não tenho conhecido senão 3.500 livros, ou matéria que a eles corresponda.

Admitida a média de 300 páginas por volume, a estimativa baixaria a menos de três mil. (LOURENÇO FILHO, 1944, p. 5-6 apud VIDAL, 2001, p. 96)

Lourenço Filho chega à conclusão de que numa estimativa, mesmo sendo um leitor ávido, possivelmente aos quarenta anos teria lido aproximadamente três mil livros. No Inquérito, algumas crianças (com idade entre 7 a 17 anos) afirmavam que haviam lido quinhentas ou mil obras, quantidade espantosa. Pelas respostas das crianças podemos inferir tratar-se de livros finos, com poucas páginas e textos. Mas como entender que o total de títulos não ultrapasse 994? As crianças que disseram ler mil obras leram todas essas 994 e outras mais? Difícil e pouco provável. Interessante notar que Cecília Meireles embora indique algumas respostas como “inaproveitáveis” em vários momentos do Relatório, não considerou as respostas com quantidades de mais de 500 ou mais de 1000 como tais.

No Inquérito, quando colocada a questão: “Onde prefere ler: em casa ou na escola? Por que?” as crianças participantes da pesquisa preferiram “a leitura em casa, por uma porcentagem de 68,7 sobre a de 25,8 para a leitura na escola.” (MEIRELES, 1934, p. 63)

O quadro abaixo traz as respostas das crianças referentes a esta questão:

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Em casa	672	72	281	61,8	953	68,7
Na escola	217	23,2	142	31,2	359	25,8
Em casa e na escola	39	4,1	23	5	62	4,2
Onde não haja barulho	1	0,1	-	-	1	0,07
Deixaram de responder	4	0,4	2	0,4	6	0,4
Respostas inaproveitáveis	-	-	6	1,3	6	0,4
	933		454		1387	
Por ler com mais calma, sossego, atenção	333	35,6	132	29,07	465	33,5
Por ter mais tempo	120	12,8	41	9,03	161	12,3
Razões de preconceito ou de ordem	108	11,5	47	10,3	155	11,1
Pela possibilidade de explicações, auxílio	66	7,07	52	11,4	118	8,5
Vantagens de liberdade (estar à vontade)	58	6,2	37	8,1	95	6,8
Por causa do silêncio	53	5,6	30	6,6	83	5,9
Por ser mais agradável	10	1,07	1	0,2	11	0,7
Por ganhar nota	3	0,3	1	0,2	4	0,2

De maneira geral, as respostas indicavam os motivos das escolhas pela a leitura em casa ou na escola: “Por ler com mais calma, sossego e atenção” (33,5%), seguido de “por ter mais tempo” (12,3%) e em terceiro lugar “razões de preconceito ou de ordem” (11,1%).

Infelizmente, ao tabular as respostas, Cecília Meireles não as organizou de maneira que possamos saber quais razões estão ligadas a cada preferência. A razão “Por ler com mais calma, sossego, atenção”, citada por 33,5% dos entrevistados, pode estar relacionada tanto ao ler em casa como na escola. Também não conseguimos saber quais seriam estas razões de preconceito ou de ordem, agrupados com 11,5% para as meninas e 10,3% para os meninos. Ordem, no sentido de obrigação por professores e pais? E preconceito contra o quê e quem?

Muitas histórias podiam perpassar o cotidiano das escolas pesquisadas por Cecília Meireles; podemos pensar nos usos que professores e crianças faziam dos programas de ensino propostos pela Reforma, visto que os Inquéritos realizados no período serviam também como meio de fiscalização. Que usos esses sujeitos deram às regras impostas? Quanto dessas respostas foi orientado pelo que esperavam os órgãos oficiais? Quanto dessas respostas foi camuflado e escondeu as crianças que não gostavam de ler, os livros que liam às escondidas por outras razões, em outros lugares?

Vidal (2001) narra a experiência de normalistas que ao irem para a biblioteca da Escola Normal do Distrito Federal enganavam a bibliotecária, solicitando a ela um livro indicado pelo professor, mas sem que ninguém percebessem tiravam da bolsa seus romances e os colocavam dentro do livro pedido. Assim, podiam ler seus romances preferidos, sem interferência ou repreensão.

Para Goulemot (2001)

o corpo do leitor é uma livre escolha e uma imposição, pois revela atitudes-modelo, ou tipos (semelhantes aos modelos da distinção), de determinismos biológicos, de um dispositivo adequado ao próprio gênero do livro, mas também de uma liberdade em que intervém, em uma medida que lhe é adequada e que não pode ser quantificada, o singular. (p. 109-110)

As respostas remetem a um campo híbrido: entre ideias escolanovistas, que estavam sendo disseminadas, e ideias da “velha” pedagogia, que continuavam presentes. Os participantes da pesquisa realizada por Cecília Meireles, como dissemos, respondiam a uma professora, jornalista, intelectual, assim, podemos considerar que suas respostas talvez não sejam aquilo que gostariam de dizer, mas o que consideravam que uma pesquisadora

gostaria de ouvir, ou que correspondiam ao discurso sobre leitura que circulava no imaginário social daquele momento. Por outro lado, Cecília Meireles, no modo de elaborar, aplicar e analisar os dados, também foi orientada por uma concepção e uma metodologia de pesquisa que busca o homogêneo, o conhecido, o legitimado.

Este é um dos problemas das pesquisas estatísticas: abdicam da pluralidade e da diversidade, atendo-se ao que parece ser homogêneo, generalizando assim as respostas.

Segundo Certeau (1994)

a enquete estatística só “encontra” o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa de fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os ‘patchworks’ do cotidiano. (p. 46)

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao iniciarmos esta pesquisa, tínhamos muitas expectativas: desejávamos, através do Relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, entrar em contato com respostas de crianças de “carne e osso” para questões relacionadas à leitura em 1930. Queríamos entender os vestígios deixados pelos entrevistados e por Cecília Meireles para compreendermos sobre uma parte da história da leitura e dos livros, de uma determinada época e lugar. O que essas crianças e jovens tinham a dizer sobre a leitura, que livros circulavam entre eles, seus gostos, suas preferências e suas práticas de leitura.

Olhamos para o objeto-fonte de nossa pesquisa a luz da trajetória de Cecília Meireles, fazendo um mapeamento das motivações políticas e pedagógicas para sua realização e das referências de ciência que o legitimavam.

Com o estudo do Relatório do Inquérito, foi possível entrar em contato com uma pequena parcela de alunos, pois de aproximadamente 160 mil alunos matriculados na educação primária no Distrito Federal, a pesquisa foi feita com apenas 1.387 alunos. Estes estudantes pertenciam às maiores escolas, melhor equipadas e com bibliotecas, e eles respondiam a uma professora, pesquisadora de um órgão oficial, jornalista e escritora de livros didáticos.

Suas respostas estavam imersas num campo de representações, entre aquilo que gostariam de dizer e o que era desejável que fosse dito. Até que ponto as respostas não foram influenciadas por se tratar de um inquérito escolar, em uma época que os inquéritos controlavam e fiscalizavam a rede de ensino? Quantas obras não foram mencionadas por não circularem na escola e, portanto, por não serem legitimadas por esta instituição? O que esta população com acesso à escola pode nos dizer a respeito dos livros e autores que circulavam naquele período, sobre suas preferências, aversões e suas práticas de leitura?

Também o modo de ler e organizar as respostas dadas pelas crianças está imerso neste jogo de representações. Cecília Meireles, escritora, educadora, militante dos ideais da Escola Nova, tinha uma certa concepção de leitura (ideal), que pressupunha leitores ávidos, curiosos, que consideravam a leitura um prazer.

Por diversas vezes no Relatório do Inquérito, Cecília Meireles anuncia ter entregado “anexos” junto à pesquisa: como os questionários respondidos pelas crianças e as listas de

livros constantes tanto nas bibliotecas dos alunos como na dos professores. Tentamos ter acesso a estes anexos, pois acreditávamos ser possível, através deles, acessar os pormenores, as singularidades, analisar o que poderia estar “escondido”, aquilo que não estava entre os dez mais citados pelas crianças, tomado como referência pela pesquisadora. Os anexos poderiam ampliar os horizontes de nossa pesquisa, mas é provável que eles tenham sido perdidos, esquecidos.

O acesso ao suporte que trazia as questões do Inquérito, por exemplo, poderia nos trazer indícios para pensarmos se as respostas dadas pelas crianças estavam condicionadas ao espaço que tinham para preencher.

Com relação aos dados encontrados no Inquérito, praticamente não há surpresas. Quanto aos livros/autores lembrados e possivelmente lidos, praticamente nada é diferente do que já se sabia pelos estudos da história da leitura e dos livros (Lajolo e Zilberman (1984), Arroyo (1968)).

Os estudantes entrevistados lembravam e liam, de acordo com a classificação de Cecília Meireles, os livros de *fantasia* e os *escolares*, sendo os de *literatura* pouco citados. Dentre os de *fantasia*, havia a predominância pelos de Arnaldo de Oliveira Barreto; entre os *escolares*, destacava-se Erasmo Braga e “Através do Brasil” e entre os de *literatura*, M. Delly e José de Alencar, indicando uma pouca variedade e grande concentração de autores.

Havia, contudo, possivelmente muitos suportes de texto, também lidos pelas crianças e jovens, mas que não foram categorizados por Cecília Meireles, pois qualquer singularidade era ignorada e apagada. No Inquérito, a pesquisadora traz a informação, por exemplo, de que um entrevistado citou as revistas “Primeira” e “Para todos”. Quantos outros entrevistados não teriam acesso a esta e outras revistas e não as citaram? É provável que a pergunta, tal como foi elaborada, induzisse para que os entrevistados dissessem apenas o nome de “livros”. Revistas em quadrinhos, jornais infantis e até mesmo obras não legitimadas não foram percebidas no Relatório como leituras citadas pelas crianças.

As poucas surpresas quanto aos escritores foi perceber a presença de Thales de Andrade, mencionado pelas crianças com as obras “A filha da floresta” e “Bem-te-vi feiticeiro”, e não pelo livro “Saudade”, pelo qual o autor é lembrado na história da leitura e do livro (Lajolo e Zilbermam (1984), Arroyo (1968)) como uma das obras que marca o início da Literatura Infantil brasileira.

Outra surpresa foi ver Monteiro Lobato citado em três questões do Inquérito. Seu livro “Fábulas” encontrava-se entre os livros dos quais as crianças não gostavam. Ele foi mencionado por 24 crianças, 12 meninas e 12 meninos, representando 1,7% do total, na questão “De qual autor você mais gosta”, e por 10 meninas (0,7%) na questão “Dos autores nacionais, qual o que mais lhe agrada?”. Pouco citado numa época em que estudiosos sobre Lobato afirmam que ele alcançara um público bastante significativo, embora criticado por algumas instituições como a Igreja, por exemplo. Também é surpreendente a obra “A menina do Narizinho Arrebitado” não aparecer no Relatório do Inquérito, já que havia sido lançada em 1921, sendo amplamente divulgada nas escolas.

Outra surpresa relaciona-se à própria categorização dos livros por Cecília Meireles, em *fantasia*, *escolar* e *literatura*. Em nenhum momento no Relatório do Inquérito, ela faz o uso da expressão “literatura infantil”, embora, nas crônicas datadas do mesmo período, já utilizasse esta terminologia. Estaria a literatura infantil, como gênero, ainda em construção?

Cecília Meireles, durante sua vida, esteve intimamente ligada às questões educacionais modernas, em especial aos estudos da Psicologia. Sabemos que ela defendia a ideia de que as crianças poderiam ter preferências e desejos de ler, diferentes do que era oferecido pelo mercado editorial. O Relatório do Inquérito é um exemplo de como a escritora era diretamente focada na questão do gosto e do que as crianças queriam ler e tentava delinear este gosto como distinto do adulto e do que era oferecido aos pequenos, até então.

Com relação aos gostos das crianças. As respostas dadas sobre os livros mais apreciados e os não apreciados são semelhantes. Os entrevistados afirmavam gostar mais dos livros *escolares* (27,7%), seguidos dos livros de *fantasia* (7,6%) e dos de *literatura* (3,8%), e afirmavam suas aversões na mesma ordem: *escolares* (7,8%), *fantasia* (7,7%) e *literatura* (1,08%).

A grande menção aos livros escolares e aos autores que circulavam na escola, como José de Alencar, talvez se deva ao fato de a pesquisa ter sido realizada no ambiente escolar, ou ainda por serem esses os livros com os quais as crianças tinham mais contato e familiaridade, ou então tenham sido ditas para atender às expectativas do entrevistador. Isto nos mostra a força da instituição escolar na prática da leitura, e que as respostas dadas pelos

entrevistados queriam colocá-los como leitores de obras do cânone escolar, legitimado socialmente, reconhecido como bom e adequado para crianças e jovens.

O que as crianças desejavam ler não se diferenciava muito do que diziam lembrar ou ler: histórias, romances, aventuras, autores legitimados como Bilac e José de Alencar, com pequena abertura para outros gêneros, como os livros religiosos, as anedotas, os livros de guerra e os de estudos. Entretanto, enquanto afirmavam que seus livros preferidos eram os escolares, no plano do que desejavam ler estavam os de fantasia.

A idéia de leitura como valor aparece fortemente marcada na quantidade de respostas concentradas na afirmativa em relação a gostar de ler e à leitura que valeria a pena. As poucas surpresas nesta direção foram encontrar crianças que se manifestaram negativamente sobre a leitura, e os comentários destacados por Cecília Meireles a este respeito. A função atribuída à leitura pelos estudantes entrevistados era na maioria como instrutiva, e não como de prazer.

Crianças e jovens entrevistados preferiam ler em casa que na escola, talvez pela liberdade que teriam nas escolhas, nas maneiras de ler, no conforto do ambiente familiar.

Embora não tenhamos encontrado muitas surpresas, pudemos explorar os limites, as contradições, as ausências, os livros sem referências, as respostas das crianças, conferindo historicidade ao objeto-fonte, nos permitindo abrir um campo.

É também na década de 30, após a publicação de “Leituras Infantis”, que Cecília Meireles escreve duas obras para crianças: “Festa das Letras” (1937) e “Rute e Alberto resolveram ser turistas” (1939).

“Festa das Letras” foi escrito em parceria com Josué de Castro; trata-se de obra em forma de abecedário, com temáticas relacionadas à alimentação e à higiene, lançada pela Editora Globo na Série Alimentação. De acordo com Zilberman (2001)

Abecedários são comuns na época, que, amparando as cartilhas utilizadas na alfabetização, colaboram para a memorização da escrita. Na mesma época, Erico Veríssimo publicou, também pela Globo, “Meu ABC”, dentro da Coleção Nanqu沿海, que o próprio romancista dirigia. (p. 182)

A obra “Rute e Alberto resolveram ser turistas”, traz como temática a mudança de duas crianças, que nunca tinham visto o mar, para o litoral carioca, apresentando assim o país. Este livro, dedicado ao terceiro ano das escolas primárias, continha os conteúdos do

Programa de Ciências Sociais, assim como o anterior, que trazia ensinamentos sobre higiene e educação alimentar. Ambos eram livros escolares, mas sem cunho didático marcado, em uma história que ensina enquanto diverte. “A autora, com habilidade, vai retardando a introdução dos prometidos conteúdos de Ciências Sociais, por intermédio da interpolação de um enredo com começo intrigante”. (ZILBERMAN, 2001, p. 183)

A narrativa em ambiente urbano dialoga com obras do momento, como “Através do Brasil”, e com o Sítio do Pica-pau amarelo, de Monteiro Lobato, contudo, numa tentativa de contrariá-las, como nos informa Zilberman (2001)

Nada mais avesso ao espírito de outras obras com as quais “Rute e Alberto” dialogava, sobretudo para contrariar, como “Através do Brasil”, de Bilac e Bonfim, preferência detectada entre as crianças pesquisadas anos antes. Pois, enquanto que as personagens daquele livro, os rapazes Carlos e Alfredo, circulam pelo Brasil rural e arcaico, os dois pequenos Silveira – um menino e uma menina, divisão de gênero que respeita os sujeitos interrogados no inquérito de 1931 – transitam pela Capital do país, cidade avançada, capaz de atrair turistas de todas as partes do mundo, que, diante de suas belezas e modernidades, deporiam seus preconceitos. (p. 186)

Já com relação a Monteiro Lobato, parecia haver a recusa quanto a identificar o Brasil a um sítio, considerando os hábitos da vida urbana mais civilizados. Entretanto, cria uma narrativa semelhante à de Lobato:

Pode-se entender Rute e Alberto como versões urbanas de Narizinho e Pedrinho, Porém, enquanto que os dois moradores da Tijuca deslocam-se para um ambiente representativo do presente e do progresso, Pedrinho retorna ao campo, de onde Narizinho nunca sai, a não ser por força da fantasia. Desse modo, Cecília tem condições de concretizar o que promete em carta a Fernando de Azevedo, realizando uma obra em que se reconhecem traços lobateanos – o uso permanente do diálogo como processo de ensino-aprendizagem, a posição igualitária ocupada por crianças e adultos – sem que se verifiquem os prejuízos apontados pela autora, vale dizer, o, segundo ela, caráter deseducativo”. (ZILBERMAN, 2001, p. 187)

A obra não alcançou muito sucesso, e talvez por isso Cecília Meireles tenha deixado de escrever obras deste gênero. É provável que a autora tenha escrito estas obras “aproveitando” a aceitação das obras didáticas pelo mercado editorial, em um momento em que precisava dos honorários, diante das dificuldades financeiras que enfrentou entre 1936 e 1937. Em carta a Maria Vallupi, datada de 1º de novembro de 1936, afirma:

Agora estou empenhada numa série de livros infantis, que, a serem respeitados os contratos, talvez consigam por um bocado de ordem na minha vida. Mas eu já nem quero fazer projetos. No próximo ano já te poderei dizer alguma coisa de mais positivo.

Como podes calcular, tenho escrito pouco. Não há tempo para sentir nem para pensar demoradamente. Vou arrastada nesta correnteza da vida.

Após a realização do Inquérito “Leituras Infantis”, Cecília Meireles continuou sua militância em favor da educação nos jornais, onde escreveu durante toda a vida. Enfatizou, de forma mais madura, suas concepções sobre a literatura infantil em “Problemas da Literatura Infantil”, insistindo:

Tem-se pensado que os grandes escritores poderiam, se quisessem, produzir belos livros para crianças. Não é impossível que aconteça. Mas a afirmativa não pode ser considerada como rigorosamente infalível. Várias tentativas feitas provam o contrário, isto é, que nem todos os grandes escritores podem escrever para a infância. (MEIRELES, 1979, p. 91)

Voltou-se para o estudo do folclore, do resgate da literatura tradicional, das cantigas de roda, de ninar, dos jogos infantis e das diversas expressões folclóricas de diferentes culturas. Permaneceu lecionando, dando palestras, tendo como um dos seus objetivos formar leitores e expressar a importância da literatura. E publicou, em 1964, sua obra “Ou isto ou aquilo”, que teve sua primeira edição lançada num formato diferenciado, retangular, com folhas soltas (Ferreira, 2010), como uma caixa, um jogo, uma caixa de surpresas. Distanciava-se de seus primeiros livros destinados à criança e conferiu o sucesso que lhe deu o reconhecimento de autora para o público infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), FAPESP, 2003.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura literária e escola. In. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Apresentação. In. MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**, 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leitura de formação. Coração, de Edmundo de Amicis (1886). In. **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Realização FCRB – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 2004.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.
<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27502003>> Acesso em: 26/03/10.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, dez. 2004.
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/02/10.

CÂMARA, Sônia; BARROS, Raphael. Por um projeto escolar modelar: a constituição dos grupos escolares no Distrito Federal em finais do século XIX. In. VIDAL, Diana Gonçalves (org.) **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 - 1971)**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura – 1880 – 1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Sabori. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. Representações e práticas: leituras camponesas no século XVIII. In. CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

COELHO, Nely Novaes. **A literatura infantil**. História – Teoria – Análise. (Das origens orientais ao Brasil de hoje). São Paulo/ Distrito Federal: Quíron/ Instituto Nacional do Livro MEC, 1981.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Quíron, 1985.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, Teresa. **A formação do Leitor Literário**: Narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

CORREA, Carlos Humberto Alves. **Circuito do livro escolar**: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto escolar amazonense 1852-1910. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2006.

CORREIA, Luciana Borgerth Vial. **Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles**. maio de 2001a Dissertação de Mestrado. PUC-Rio/ Departamento de Educação. 2001a.

_____. Criança, ciência e arte. In. NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Cristina Venâncio (orgs.). **Cecília Meireles**: a poética da educação. RJ: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001b.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Educação e sedução**: Normas, condutas, valores, nos romances de M. Delly. 1995. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. 1995.

DAMASCENO, Darcy. **Cecília Meireles**: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In Burke, P. (org) **A Escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

FELIPE, Eliane da Silva. **Entre campo e cidade**: infâncias e leituras entrecruzadas. 2009. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Duas autoras, duas obras e três temas: a literatura, a escola e a criança. In. COENGA, Rosemar (org.) **Leitura e Literatura Infanto-juvenil**: Redes de Sentido. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: Práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930 a 1950). In. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, nº 81, pp115-12, dez, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A leitura na escola primária brasileira**: alguns elementos históricos. Projeto Memória da Leitura. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>> Acesso em: 13/10/10.

GARCIA, André Aparecido. **As interferências de Monteiro Lobato no processo de adaptação da obra "Orlando Furioso" de Ludovico Ariosto**. 2010. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2010.

GIARD, Luce. As artes de nutrir. In. CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs) **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. O espírito vitorioso: uma proposta de ensino de e pela literatura. In. GOUVÊA, Leila V. B. (Org). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2007.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro**: objeto de estudo e de memória de leitura. 2009. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2009.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil** (sua história). São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Porto Alegre: Globo, 1982.

LAMEGO, Valéria. **A Farpa na Lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In. CHARTIER, Roger. (org) **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Volume 2. São Paulo: Ática, 1999.

LOBO, Yolanda Lima. Memória e Educação: O Espírito Victorioso, Meireles In. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.77, n.187, p.525-545, set./dez, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. **Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?**. 2006. Dissertação de Mestrado. FE – UNICAMP, Campinas, SP, 2006.

MAUAD, Ana. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v.13, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Cecília Meireles: Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Crônicas de Educação**, volumes 1, 2, 3, 4 e 5. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Biblioteca Nacional, 2001.

_____. O ensino da música nas escolas. Publicado no Diário de Notícias, 5 jul. 1930. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Livros para crianças [II] – Publicado no Diário de Notícias, 4 nov. 1931. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Teatro da Criança. Publicado no Diário de Notícias, 29 dez. 1932. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Educação Moral e Cívica. Publicado no Diário de Notícias, 14 set. 1930. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Constâncio C. Vigil. Publicado no Diário de Notícias, 21 abr. 1931. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001..

_____. Literatura infantil [I]. Publicado no Diário de Notícias, 28 jun. 1930. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Livros para crianças [III]. Publicado no Diário de Notícias, 26 abr. 1932. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Os poetas e a infância. Publicado no Diário de Notícias, 7 jul. 1931. 1930. In: **Crônicas de Educação**. v.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Leituras infantis**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

MIGNOT, Ana C. Venâncio. Antes da despedida um debate. In: NEVES, M. S.; LÔBO, Y. MIGNOT, A. C. V. (orgs.) **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. **Educação e Pesquisa**. vol.30, n.3, 2004.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13/01/10.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Educação e Sociedade**. vol.21, n.73, 2000.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16/01/10.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima. **Mulheres oitocentistas**. Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pag. 299-304. <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4394.pdf>> . Acesso em 18/09/10.

PAIVA, Aparecida [et al] (orgs). **No fim do século: a diversidade - o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PÈCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

_____. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

PIMENTA, Jussara Santos. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem.** Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). 2001. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação/PUC-RJ.

PIMENTA, Jussara Santos. Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco. In. NEVES, M. S.; LÔBO, Y. MIGNOT, A. C. V. **Cecília Meireles: a poética da educação.** RJ: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.

QUINTANA, Mário. Cecília Meireles In. **Nova Antologia Poética.** São Paulo: Globo, 1997.

REIS, Simone. Reflexões sobre uma jornada com destino à pesquisa. In. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, Universidade Estadual de Londrina, n.º 102, v. 6, 2006.
<http://www.letras.ufmg.br/rbla/2006_1/06SimoneReis.pdf> Acesso em: 22/09/10.

SANDRONI, Laura. In. KHÉDE, Sônia Salomão (org.) **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro, OLIVA, Terezinha Alves de. As multifaces de "Através do Brasil". **Rev. Brasileira de História.** vol.24, n.48, 2004.
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17/01/10.

SANTOS, Maria Lygia Cardoso Kopke. **Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul: 1876-1958.** 2004. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2004.

SECCHIN, A. C. Apresentação. In. MEIRELES, C. **Cecília Meireles: Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SIQUEIRA, Carla. A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954). In. **ECO-PÓS**, v.8, n.2, agosto-dezembro 2005, pp.46-66 <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/viewFile/162/149>> Acesso em: 12/09/10.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In. EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs). **A escolarização da leitura literária na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Bastidores da edição literária para crianças no Brasil entre os anos 1920 e 1960: a atuação de Lourenço Filho junto à Companhia Melhoramentos. In.

DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs). **Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)**. Tese de Doutorado (História Social), Universidade de São Paulo, 2002. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062003-191230/>>

_____. **Semear horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915 – 1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. **Saudade (1919-2002): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da Leitura Escolar**. 2006. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

TAKAMATSU, Sônia Midori. Caminhos de formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. In: **17º COLE - Congresso de Leitura do Brasil**, 2009, Campinas. Cadernos de Trabalhos do Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Unicamp/FE; ALB, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. Três enfoques na pesquisa em Ciências Sociais: o Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. In. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURCHI, Maria Zaira. Espaços da crítica da literatura infantil e juvenil. In. TURCHI, Maria Zaira, SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. São Paulo/ Assis: Cultura Acadêmica, ANEP: 2006.

VALDEZ, Diane. Livros de leitura seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930). **Revista Linhas**, Vol. 5, Nº 2, 2004. <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1218>> Acesso em: 15/02/10

VALUPI, Maria. **Antologia Poética**. Portugal: Quase Edições, 2007.

VIANNA, S. B. Cecília Meireles fala de sua vida literária. s/d, Coleção Plínio Doyle, integrante do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Apud: PIMENTA, J. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem**. Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934 - 1937). PUC-Rio/Departamento de Educação, Dissertação de Mestrado, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves, FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. mai-ago, 2000. <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27501403>> Acesso em: 26/03/10.

VIDAL, Diana Gonçalves, FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história:** estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves; BICCAS, Marilane Souza. As múltiplas estratégias de escolarização do social em São Paulo (1770-1970). Cultura e prática escolares. In: VIDAL, D. G. **Educação e reforma:** o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930. Belo Horizonte: Argvmentvm; São Paulo: CNPq: USP, NIEPHE, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia Spedo (orgs). **Brasil 500 anos:** tópicos em historia da educação. São Paulo: EDUSP, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar:** livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de educação do Distrito Federal (1932 - 1937). Bragança Paulista: Edusf, 2001a.

_____. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Modos de ler / formas de escrever:** estudos da história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

_____. História da educação comparada: reflexões iniciais e relato de uma experiência. **História da Educação**, v. 5, n. 10, p. 31-42, set. 2001c.

_____. Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo In. NEVES, M. S.; LOBO, Y. L. ; MIGNOT, A. C. **Cecília Meireles:** A poética da educação, Rio de Janeiro: PUC Rio/Loyola, 2001d.

_____. Ler, a conformação de uma nova prática, nos anos 30. In **Pesquisa Histórica:** retratos da educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, s/d.

_____. **Grupos escolares:** cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 - 1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

ZAGURY, E. Notícia bibliográfica. In. MEIRELES, C. **Cecília Meireles:** Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ZILBERMAM, Regina. **Por que e como ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ANEXOS

Anexos referentes ao Capítulo 4 “Preferências e desejos de leitura de crianças e jovens nos anos 30: a questão do gosto”

Anexo 1:

Referente ao tópico 4.1. As obras que crianças e jovens mais e menos gostavam

Os dois quadros a seguir, indicam os percentuais das crianças que citaram cada um dos grupos de livros nas questões “De que livro gostou mais? Porque” e “De que livro não gostou? Por quê?” e foram por nós completados com as quantidades em números absolutos, encontrados nas tabelas que indicavam os livros que foram mencionados pelos entrevistados⁷³:

4ª pergunta: “De que livro gostou mais? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 35)

LIVROS	Mas. %	Quantidade Mas.	Mos. %	Quantidade Mos.	Total %	Total
Escolares	26,3	246	30,3	138	27,7	384
Fantasia	8,7	82	5,2	24	7,6	106
Literatura	4,1	39	3,08	14	3,8	53

5ª pergunta: “De que livros não gostou? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 44)

LIVROS	Mas. %	Quantidade Mas.	Mos. %	Quantidade Mos.	Total %	Total
Escolares	7,2	68	8,8	40	7,8	108
Fantasia	8,03	75	7,04	32	7,7	107
Literatura	1,3	13	0,4	2	1,08	15

⁷³ Nas tabelas encontradas no Relatório do Inquérito os dados completados por nós estão destacados com a cor cinza. O percentual de cada um dos grupos de livros refere-se à quantidade de crianças que citaram pelo menos um livro pertencente aquele grupo, por exemplo: se olharmos para os livros escolares (que tiveram mais de 10 citações em um dos sexos) mencionados pelas meninas, temos o percentual de 26,3% que é equivalente à 246 meninas e é calculado da seguinte maneira: total das meninas que citaram os livros escolares (246), dividido pelo total de meninas entrevistadas (933), multiplicado por 100.

O quadro abaixo informa os livros preferidos pelas crianças e jovens entrevistados no Inquérito por ordem de preferência:

4ª pergunta: “De que livro gostou mais? Por quê? (MEIRELES, 1934, p. 36)

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Livros de Erasmo Braga	36	3,8	32	7,04	68	4,7
Através do Brasil	48	5,1	20	4,4	68	4,7
Tesouro da Juventude	39	4,1	8	1,7	47	3,3
Páginas Cariocas	27	2,8	15	3,3	42	3
Nossa Pátria	21	2,2	19	4,1	40	2,8
Páginas brasileiras	25	2,6	11	2,4	36	2,5
História do Brasil	16	1,7	16	3,5	32	2,3
O guarani	22	2,3	8	1,7	30	2,1
Robinson Crusóé	10	1,07	13	2,8	23	1,6
Iracema	17	1,8	6	1,3	23	1,6
Contos (ou histórias) da carochinha	18	1,9	2	0,4	20	1,4
As 3 cabeças de ouro	14	1,5	6	1,3	20	1,4
Corações de crianças	12	1,2	7	1,5	19	1,3
Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro	11	1,1	7	1,5	18	1,2
Histórias (ou contos) da avozinha	16	1,7	2	0,4	18	1,2
A gata borralheira	13	1,3	1	0,2	14	1
Contos pátrios	11	1,1	3	0,6	14	1
A filha da floresta	11	1,1	-	-	11	0,7
Total de citações	367	38,37	176	38,14	543	37,8

Os três quadros a seguir trazem os livros preferidos e os percentuais por sexo e total, ordenados por Cecília Meireles por grupos de livros (MEIRELES, 1934, p. 37):

ESCOLARES	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Livros de Erasmo Braga	36	3,8	32	7,04	68	4,7
Através do Brasil	48	5,1	20	4,4	68	4,7
Tesouro da Juventude	39	4,1	8	1,7	47	3,3
Páginas Cariocas	27	2,8	15	3,3	42	3
Nossa Pátria	21	2,2	19	4,1	40	2,8
Páginas brasileiras	25	2,6	11	2,4	36	2,5
História do Brasil	16	1,7	16	3,5	32	2,3
Corações de crianças	12	1,2	7	1,5	19	1,3
Livros de Ma. Rosa Moreira Ribeiro	11	1,1	7	1,5	18	1,2
Contos pátrios	11	1,1	3	0,6	14	1
Total de citações de livros escolares	246	26,3	138	30,3	384	27,7

FANTASIA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Robinson Crusóé	10	1,07	13	2,8	23	1,6

Contos (ou histórias) da carochinha	18	1,9	2	0,4	20	1,4
As 3 cabeças de ouro	14	1,5	6	1,3	20	1,4
Histórias (ou contos) da avozinha	16	1,7	2	0,4	18	1,2
A gata borralheira	13	1,3	1	0,2	14	1
A filha da floresta	11	1,1	-	-	11	0,7
Total de citações de livros de fantasia	82	8,7	24	5,2	106	7,6

LITERATURA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
O guarani	22	2,3	8	1,7	30	2,1
Iracema	17	1,8	6	1,3	23	1,6
Total de citações de livros de literatura	39	4,1	14	3,08	52	3,8

O quadro a seguir traz as respostas referentes aos livros que as crianças não gostavam e a quantidade de menções:

5ª pergunta: “De que livros não gostou? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 43)

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Erasmus Braga	29	3,1	15	3,3	44	3,1
Contos da carochinha	21	2,2	10	2,2	31	2,2
Corações de crianças	14	1,5	9	1,9	23	1,6
Cartilha	15	1,6	7	1,5	22	1,5
Pinocchio	10	1	10	2,2	20	1,4
Livros de Maria R. Moreira Ribeiro	10	1	9	1,9	19	1,3
Fábulas	10	1	7	1,5	17	1,2
Contos de gênios e de fadas	14	1,5	1	0,2	15	1,08
Iracema	13	1,3	2	0,4	15	1,08
O patinho feio	10	1	2	0,4	12	0,8
Contos da avozinha	10	1	2	0,4	12	0,8
TOTAL	156	16,2	74	15,9	230	16,06

Os três quadros que trazemos a seguir foram organizados por Cecília Meireles, trazendo as respostas das crianças para a 5ª pergunta do Inquérito: “De que livros não gostou? Por que?” reunidas pelas categorias: *escolares*, *fantasia* e *literatura*.

ESCOLARES	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Erasmus Braga	29	3,1	15	3,3	44	3,1
Corações de crianças	14	1,5	9	1,9	23	1,6
Cartilha	15	1,6	7	1,5	22	1,5
Livros de Maria R. Moreira Ribeiro	10	1	9	1,9	19	1,3
TOTAL	68	7,2	40	8,8	108	7,8

FANTASIA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Contos da carochinha	21	2,2	10	2,2	31	2,2
Pinocchio	10	1	10	2,2	20	1,4
Fábulas	10	1	7	1,5	17	1,2
Contos de gênios e de fadas	14	1,5	1	0,2	15	1,08
O patinho feio	10	1	2	0,4	12	0,8
Contos da avozinha	10	1	2	0,4	12	0,8
TOTAL	75	8,03	32	7,04	107	7,7

LITERATURA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Iracema	13	1,3	2	0,4	15	1,08
TOTAL	13	1,3	2	0,4	15	1,08

ANEXO 2

Referente ao tópico 4.2. As razões para gostar ou não de um livro

Razões para gostar de um livro:
4ª pergunta: “Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 38-9)

Respostas	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Instrutivo – e outras razões de utilidade	143	15,3	62	13,6	205	14,7
Bonito	130	13,9	55	12,1	185	13,3
Interessante	79	8,4	33	7,2	112	8
Divertido (engraçado, etc.)	50	5,3	18	3,9	68	4,9
Razões morais (bondade, caridade, etc.)	33	3,5	15	3,3	48	3,4
Por ser de histórias (príncipes, bichos, etc.)	40	4,2	7	1,5	47	3,3
Bom	35	3,7	10	2,2	45	3,2
Triste, sentimental	42	4,5	3	0,6	45	3,2
Por ser da História do Brasil	12	1,2	32	7,04	44	3,1
Aventuras	12	1,2	32	7,04	44	3,1
Interesses por assuntos nacionais	33	3,5	6	1,3	39	2,8
Por ser de poesias (ou ser poético)	25	2,6	6	1,3	31	2,2
Por ser verdadeiro	15	1,6	2	0,4	17	1,2
Por ser agradável	15	1,6	-	-	15	1,08
Por ser bem escrito	12	1,2	3	0,6	15	1,08
Interesse por coisas antigas	8	0,8	5	1,1	13	0,9
Interesse por coisas históricas	8	0,8	4	0,8	12	0,8
Por serem fáceis ou infantis	9	0,9	3	0,6	12	0,8
Heroísmo, bravura	3	0,3	7	1,5	10	0,7
Viagens	5	0,5	1	0,2	6	0,4
Porque dá interesse	5	0,5	1	0,2	6	0,4
Mimoso	3	0,3	2	0,4	5	0,3
Porque são contos	1	0,1	4	0,8	5	0,3
Por ter figuras	2	0,2	3	0,6	5	0,3
Por ser adiantado ou difícil	3	0,3	2	0,4	5	0,3
Por ser a história de dois meninos	-	-	4	0,8	4	0,2
Por ser romance	3	0,3	-	-	3	0,2
Porque é uma história só	2	0,2	-	-	2	0,1
Por ser de autores preferidos	2	0,2	-	-	2	0,1
Por ser preferido por inúmeras pessoas	1	0,1	-	-	1	0,07
Por ser original	1	0,1	-	-	1	0,07
Seu enredo é baseado no amor de Deus e da pátria	1	0,1	-	-	1	0,07
Por falar de N. S. J. C.	1	0,1	-	-	1	0,07
Por ser um livro simples e pequeno	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque fiquei conhecendo o romance do meu nome	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque gosto da vida dos campos	1	0,1	-	-	1	0,07
Por ser de crime	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Por ser em prosa	1	0,1	-	-	1	0,07
Por ser de José de Alencar	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque os autores são homens ilustres	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque fala bem de D. João VI	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque traz coisas sobre o governo	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque tinha mais coisas para ler	-	-	1	0,2	1	0,07
Porque tinha grandes sensações	-	-	1	0,2	1	0,07
Porque foi o que mais me impressionou	-	-	1	0,2	1	0,07
Porque traz revoluções	-	-	1	0,2	1	0,07
Em virtude de ser escrito pelo autor João Ribeiro	-	-	1	0,2	1	0,07

Pelos seus autores	-	-	1	0,2	1	0,07
Respostas inaproveitáveis	4	0,4	5	1,1	9	0,6
Total						73,8

Razões para não gostar de um livro
5ª pergunta: “Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 46 - 47)

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Não tem graça, monótono, etc.	121	14	33	7,2	154	11,1
Não é interessante, agradável, adequado	79	8,4	36	7,9	115	8,2
Feio	59	6,3	36	7,9	95	6,8
Triste, sentimental	42	4,5	15	3,3	57	4,1
Difícil, incompreensível, etc.	21	2,2	16	3,5	37	2,6
Não é instrutivo, útil, etc.	22	2,3	10	2,2	32	2,5
Bobo, fútil.	24	2,5	3	0,6	27	1,9
Fácil, infantil, atrasado	16	1,7	9	1,9	25	1,8
Impressionante	17	1,8	5	1,1	22	1,5
Inverossímil	18	1,9	3	0,6	21	1,5
Por ser romance	13	1,3	4	0,8	17	1,2
Por ser pequeno	6	0,6	10	2,2	16	1,1
Porque é ruim	8	0,8	5	1,1	13	0,9
Por ter versos	7	0,7	4	0,8	11	0,7
Por não ter histórias	5	0,5	4	0,8	9	0,6
Porque as lições não são boas	-	-	9	1,9	9	0,6
Por ser sobre amor	4	0,4	5	1,1	9	0,6
Por falar em fadas	5	0,5	3	0,6	8	0,5
Por não ter versos (ou poesia)	6	0,6	1	0,2	7	0,5
Por ser grande	5	0,5	1	0,2	6	0,4
Por causa do autor	2	0,2	2	0,4	4	0,2
Por ser cômico	3	0,3	-	-	3	0,2
Por ser de caça	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Por só falar em digestão, circulação	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Por ser indecente	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Por falar em bichos	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Porque não tinha figuras	1	0,1	1	0,2	2	0,1
Porque é coisa de roubo, ensina a roubar	1	0,1	2	0,4	2	0,1
Porque é de anões	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque os meninos nas férias matavam pássaros	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque as lições eram de João de Barro	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque as letras são pequenas	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque nos leva ao caminho da perversidade	1	0,1	-	-	1	0,07
Por ser conto africano	1	0,1	-	-	1	0,07
Por não ter fábulas	1	0,1	-	-	1	0,07
Porque o menino era travesso	2	0,2	-	-	2	0,1
Porque uma velha maltratava sua filha	-	-	1	0,2	1	0,07
Porque são histórias	-	-	1	0,2	1	0,07
Porque tem muitas contas	-	-	1	0,2	1	0,07
Por só falar da vida alheia	-	-	1	0,2	1	0,07
Por ser muito exótico	-	-	1	0,2	1	0,07
Por ser instrutivo	-	-	1	0,2	1	0,07

ANEXO 3:

Referente ao tópico 4.3. Escritores que crianças e jovens mais e menos gostavam

12ª pergunta: “Dos autores nacionais, qual o que mais lhe agrada?” (MEIRELES, 1934, p. 81)⁷⁴

Respostas	Categoria	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Olavo Bilac	Literário	212	22,7	96	25,1	308	22,2
José de Alencar	Literário	135	14,4	49	10,8	184	13,2
Coelho Netto	Literário	108	11,5	43	9,4	151	10,8
Casimiro de Abreu	Literário	35	3,7	11	2,4	46	3,3
Nelson Costa	Didático	26	2,7	16	3,5	42	3
Gonçalves Dias	Literário	39	4,1	-	-	39	2,8
Rocha Pombo	Didático	12	1,2	12	2,6	24	1,7
Erasmus Braga	Didático	17	1,8	-	-	17	1,2
Francisco Vianna	Didático	10	1	-	-	10	0,7
Monteiro Lobato	Literário	10	1	-	-	10	0,7
Foram citados, - inclusive os autores acima		51	5,4	45		96	6,9
Deixaram de responder		56	6	66	14,5	122	8,7
Respostas inaproveitáveis		54	5,7	20	4,4	74	5,3
“Esqueci o nome do autor”		28	3	-	-	28	20,1
“Não sei”		15	1,6	-	-	15	1,08
“De todos”		13	1,3	1	0,2	14	1
Autores estrangeiros citados		4	0,4	5	1,1	9	0,6
Respostas inadequadas		2	0,2	1	0,2	3	0,2
“Não me agrada nenhum”		2	0,2	-	-	2	0,1
“Não conheço”		1	0,1	-	--	1	0,07
Nunca li os autores nacionais		-	-	1	0,2	1	0,07

⁷⁴ Na tentativa de auxiliar na análise, acrescentamos a coluna “categoria” ao quadro original.

ANEXO 4:**Referente ao tópico 4.4. Preferências entre diferentes gêneros**

6ª pergunta: “Tem vontade de ler algum livro?”

(MEIRELES, 1934, p. 51):

Respostas	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Histórias	422	45,2	187	41	609	43,9
Romances	103	11	13	2,8	116	8,3
Aventuras	44	4,7	67	14,7	111	8
Estudos	60	6,4	42	9,2	102	7,2
Leitura	66	7,7	30	6,5	96	6,8
“Tenho”	58	6,2	34	7,4	92	6,6
História do Brasil	47	5,03	27	5,9	74	5,3
Poesia	36	3,8	12	2,6	48	3,4
Viagem	17	1,8	13	2,8	30	2,1
Fábulas	16	1,7	6	1,3	22	1,5
“Tenho muita”	13	1,3	4	0,8	17	1,2
“Tesouro da Juventude”	12	1,2	4	0,8	16	1,1
História sagrada	5	0,5	1	0,2	6	0,4
De guerra	-	-	2	0,4	2	0,14
De Coelho Neto	-	-	2	0,4	2	0,14
Anekdotes	1	0,1	-	-	1	0,07
“A biografia de Olavo Bilac”	1	0,1	-	-	1	0,07
Conforme seja	1	0,1	-	-	1	0,07
A “Vida dos homens ilustres”	1	0,1	-	-	1	0,07
De coisas familiares	1	0,1	-	-	1	0,07
“O fim do mundo e o caminho do céu”	-	-	1	0,2	1	0,07
“O caminho do inferno”, porque traz coisas muito bonitas	-	-	1	0,2	1	0,07
De Bilac, Casimiro, etc	-	-	1	0,2	1	0,07
Em prosa	-	-	1	0,2	1	0,07

ANEXO 5:**Referente ao tópico 4.4. Preferências entre diferentes gêneros**

6ª pergunta: “Tem vontade de ler algum livro? De que?” (MEIRELES, 1934, p. 53)

FANTASIA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Histórias	422	45,2	187	41	609	43,9
Aventuras	44	4,7	67	14,7	111	8
Viagem	17	1,8	13	2,8	30	2,1
Fábulas	16	1,7	6	1,3	22	1,5
De guerra	-	-	2	0,4	2	0,14
Anedotas	1	0,1	-	-	1	0,07
“O fim do mundo e o caminho do céu”	-	-	1	0,2	1	0,07
“O caminho do inferno”	-	-	1	0,2	1	0,07
TOTAL	500	53,5	277	61,01	777	56,01

ESCOLARES	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Estudos	60	6,4	42	9,2	102	7,2
Leitura	66	7,7	30	6,5	96	6,8
História do Brasil	47	5,03	27	5,9	74	5,3
“A biografia de Olavo Bilac”	1	0,1	-	-	1	0,07
“Tesouro da Juventude”	12	1,2	4	0,8	16	1,1
A “Vida dos homens ilustres”	1	0,1	-	-	1	0,07
TOTAL	186	19,9	104	22,9	290	20,9

LITERATURA	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Romances	103	11	13	2,8	116	8,3
Obras de Coelho Neto	-	-	2	0,4	2	0,14
Em prosa	-	-	1	0,2	1	0,07
Prosa	103	11	16	3,5	119	8,5
Poesia	36	3,8	12	2,6	48	3,4
Obras de Bilac, Casimiro, etc	-	-	1	0,2	1	0,07
Verso	36	3,8	13	2,8	49	3,5
TOTAL	139	14,8	29	6,3	168	12,1

RELIGIÃO	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
História sagrada	5	0,5	1	0,2	6	0,4

Anexos referentes ao Capítulo 5 “Práticas de leitura”

ANEXO 6:

Este quadro informa os números dados às provas pela ordem dos distritos e das classes com a intenção de facilitar as referências feitas a cada uma delas.

Quadro referente à numeração dos alunos (MEIRELES, 1934, p. 13)

Escolas	Numeração dos alunos					
Julio de Castilho	1 -13	1-11	300-311	189-191	-	-
Basilio da Gama	14-27	12-20	-	-	639-651	358-365
Rodrigues Alves	28-44	21-33	312-329	192-200	652-668	366-368
Deodoro	-	-	330-346	201-211	669-680	369-378
José de Alencar	45-71	34-45	347-365	212-221	681-705	379-390
Tiradentes	72-89	46-56	366-373	222-232	706-720	391-392
Benjamin Constant	90-110	57-65	374-394	233-238	721-737	393-396
José Pedro Varela	-	-	395-418	239-247	738-755	397-401
Colômbia	111-129	66-79	419-448	248-265	756-780	402-405
José Bonifácio	130-141	80-87	449-460	266-273	-	-
Francisco Cabrita	142-150	88-96	461-476	274-279	781-802	406-409
Epitácio Pessoa	151-168	97-107	477-491	280-285	803-823	410-416
Nilo Peçanha	169-182	108-113	492-503	286-301	824-846	417-424
Argentina	-	-	504-532	302-309	847-861	425-428
Uruguai	183-203	114-122	533-546	310-319	-	-
Equador	304-209	123-134	547-544	320-325	-	-
Paraná	210-221	135-141	545-558	326-328	-	-
Peru	222-234	142-146	559-582	329-335	862-878	429-430
Azevedo Junior	-	146-151	583-604	336-346	879-908	431-438
João Koepke	235-247	152-156	-	-	-	-
Bahia	248-260	157-163	-	-	909-916	439-444
Piauí	261-270	157-163	605-615	347-350	-	-
P. Mel. Da Nóbrega	271-299	164-171	616-632	351-355	917-932	445-454
1ª mista do 23º d.	290-299	172-188	633-635	356-357	933	-
	meninas	meninos	meninas	meninos	meninas	meninos
	3º ano		4º ano		5º ano	

ANEXO 7:

De maneira sintética, a pesquisadora apresenta o seguinte quadro para a questão7.
“Acha que vale a pena ler? Por quê?” (MEIRELES, 1934, p. 57)

	Mas. %	Mos. %	Total %
Razões de utilidade	60,6	59,9	60,4
Razões de prazer	19,2	16,07	18,2

ANEXO 8:

7. “Acha que vale a pena ler? Por quê?”

(MEIRELES, 1934, p. 58 -59)

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Porque instrui (ensina, aprende, desenvolve)	469	50,2	220	48	689	49,7
Porque é divertido (agradável, engraçado)	72	7,7	25	5,5	97	6,9
Porque é bonito	63	6,7	24	5,2	87	6,2
Porque é bom	56	6	27	5,9	83	5,9
Porque ensina a ler	38	4	34	7,4	72	5,1
Porque ensina a escrever	28	3	10	2	38	2,7
Porque gosto	22	2,3	16	3,5	38	2,7
Porque é interessante	23	2,4	8	1,7	31	2,2
Porque ensina a falar	14	1,5	5	1,1	19	1,3
Por causa do português	11	1,1	3	0,6	14	1
É necessário	6	0,6	-	-	6	0,4
Acho (sem porque)	72	7,7	30	6,5	102	7,2
Motivos diversos	51	5,4	26	5,7	77	5,5
TOTAL	925	99,1	428	94,2	1353	97,5

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Não acho	4	0,4	3	0,6	7	0,5
TOTAL	4	0,4	3	0,6	7	0,5

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Sem resposta	12	1,2	13	0,6	25	1,8
Inaproveitáveis	12	1,2	15	3,3	27	1,9
TOTAL	24	2,5	28		52	

Cecília Meireles apresenta em seu Relatório, outros quadros, dividindo as razões em utilidade e prazer, e um quadro específico para a resposta “Por que é bom”, como mostramos abaixo:

Razões de utilidade	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Porque instrui	469	50,2	220	48	689	49,7
Porque ensina a ler	38	4	34	7,4	72	5,1
Porque ensina a escrever	28	3	10	2	38	2,7
Porque ensina a falar	14	1,5	5	1,1	19	1,3
Por causa do português	11	1,1	3	0,6	14	1
É necessário	6	0,6	-	-	6	0,4
TOTAL	566	60,6	272	59,9	838	60,4

Razões de prazer	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Porque é divertido (agradável, engraçado)	72	7,7	25	5,5	97	6,9
Porque é bonito	63	6,7	24	5,2	87	6,2
Porque gosto	22	2,3	16	3,5	38	2,7
Porque é interessante	23	2,4	8	1,7	31	2,2

TOTAL	180	19,2	73	16,07	253	18,2
-------	-----	------	----	-------	-----	------

RESPOSTAS	Mas.	%	Mos.	%	Total	%
Porque é bom	56	6	27	5,9	83	5,9
TOTAL	56	6	27	5,9	83	5,9